



Regina Coeli Estrada da Paixão Duarte

A mulher em Teresa de Jesus.

**Experiência de liberdade e amor a serviço de uma nova
consciência feminina**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Teologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientadora: Prof.^a Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Abril de 2017



Regina Coeli Estrada da Paixão Duarte

A mulher em Teresa de Jesus.

Experiência de liberdade e amor a serviço de uma nova consciência feminina

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profª. Lúcia Pedrosa de Pádua
Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Kuzma

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Profª. Aparecida Maria de Vasconcelos
FAJE

Profª. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do
Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de abril de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Regina Coeli Estrada da Paixão Duarte

Graduada em Letras, pela SUAM, Sociedade Universitária Augusto Motta, graduada em Teologia pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro e com Mestrado na Faculdade de Teologia da PUC-Rio, concluído em 2017.

Ficha Catalográfica

Duarte, Regina Coeli Estrada da Paixão

A mulher em Teresa de Jesus. Experiência de liberdade e amor a serviço de uma nova consciência feminina / Regina Coeli Estrada da Paixão Duarte ; orientador: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2017.

132 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Santa Teresa de Jesus. 3. Mulher. 4. Graça. 5. Liberdade. 6. Oração. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

A Deus fonte de toda sabedoria, que através do estudo da Teologia me concede a graça de conhecer esta mulher tão especial, Santa e Doutora da Igreja, Santa Teresa de Jesus.

À minha família, esposo, filhos e netos pela compreensão da importância deste estudo na minha vida.

À CAPES e à PUC- Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não teria sido realizado.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Teologia pelos ensinamentos e pela ajuda.

Aos meus familiares, em especial a tia Thereza, pelas orações e incentivo durante toda a minha vida acadêmica.

Aos meus queridos amigos em especial a Yara Pacheco pela prontidão e correção deste trabalho.

Às minhas amigas catequistas da Paróquia de São Judas Tadeu em Icaraí, pelo companheirismo e torcida por esta etapa tão importante em minha vida.

À toda a comunidade de São Judas Tadeu em especial ao meu pároco Pe. Carmine Pascale pelo incentivo e confiança depositados ao meu estudo junto ao mestrado.

Ao meu amigo Dom Bento de Aviz, pelas alegrias e tristezas, que convivemos neste período do mestrado.

Em especial, à minha orientadora, Lúcia Pedrosa, pelo incentivo e paciência, carinho e determinação que foram inspiração para esta dissertação, e a todas as mulheres que, como ela, no silêncio dedicam as suas vidas à propagação do Reino de Deus.

Resumo

Duarte, Regina Coeli Estrada da Paixão; Pádua, Lúcia Pedrosa de. **A mulher em Teresa de Jesus. Experiência de liberdade e amor a serviço de uma nova consciência feminina.** Rio de Janeiro, 2017. 132p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho quer mostrar que a mulher Teresa de Jesus (1515-1582) — escritora, mística, profetisa, fundadora, reformadora, pedagoga, “teóloga” e doutora da Igreja — tem muito a dizer à mulher do século XXI. A experiência mística de Teresa é essencialmente evangélica, feminina e trabalhadora. Oferece à Igreja uma doutrina criativa sobre a oração, esta relação de amor-amizade. Teresa foi aquela que contribuiu para a mudança da maneira do pensar feminino derrubando as convenções culturais da época impostas às mulheres. Ela foi uma mulher feminista, que deslocou as relações de poder entre homens e mulheres para melhor viver o autêntico amor concreto. Para ela, graça e liberdade formam o alicerce que o ser humano encontra para viver o verdadeiro amor na entrega de si e na vivência com o outro. Ela mostra que a oração, este trato de amizade, produz esse despertar, essa autoconsciência de si mesmo. Teresa, como mistagoga, conduz o leitor a experimentar um itinerário de amor e liberdade que ela própria experimentou.

Palavras-chave

Santa Teresa de Jesus; mulher; graça; liberdade; oração; mística; profecia; espiritualidade cristã.

Abstract

Duarte, Regina Coeli Estrada da Paixão; Pádua, Lúcia Pedrosa de (Advisor). **The woman in Teresa de Jesus. Experience of freedom and love in the service of a new feminine consciousness.** Rio de Janeiro, 2017. 132p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is to show the woman Teresa de Jesus (1515-1582) - writer, mystic, prophetess, founder, reformer, pedagogue, "theologian" and doctor of the Church - has much to say to the woman of the 21st century. Teresa's mystical experience is essentially evangelical, feminine and hardworking. It offers the Church a creative doctrine about prayer, this relationship of love and friendship. Teresa was the one who changed the way of feminine thinking by overturning the cultural conventions of the time imposed on women. She was a feminist woman who shifts the power relations between men and women to better live the authentic concrete love. For her, grace and freedom form the foundation that the human being finds to live the true love in the surrender of self and in the experience with the other. She shows that prayer, this deal of friendship, produces this awakening, this self-awareness of oneself. Teresa, as a mystagogue, leads the reader to experience an itinerary of love and freedom tried by her own self.

Keywords

Saint Tereze of Jesus; woman; grace; freedom; prayer; mystic; prophecy; Christian spirituality.

Sumário

1	Introdução	10
2	Teresa, uma mulher que expande os limites de seu tempo	14
2.1	Os desafios de Teresa no século XVI	15
2.2	Que caminhos a mulher percorria no século XVI?	22
2.3	Teresa: a mulher mística da Espanha	25
2.4	Teresa: uma mulher fundadora	32
2.5	Conclusão	39
3	Fundamentos teológicos da liberdade humana	42
3.1	A graça como liberdade	45
3.2	A liberdade como amor	50
3.3	A liberdade pela palavra e pelo diálogo	55
3.4	A relação entre crescimento da liberdade e crescimento no amor- relação	61
3.5	Conclusão	66
4	Teresa e sua experiência de amor e liberdade	68
4.1	Teresa e a experiência do amor de Deus	69
4.1.1	O amor, uma interiorização libertadora	71
4.1.2	A liberdade de espírito	73
4.1.3	A redescoberta de Deus	75
4.2	Oração, caminho de liberdade e luz	80
4.2.1	Oração: um “trato de amizade”	82
4.2.2	O itinerário teresiano	84
4.2.3	Seguimento de Jesus	94
4.3	Conclusão	99
5	A desbravadora da consciência feminina	101
5.1	Linhas proféticas em Teresa de Jesus	103
5.2	A integração da mulher no seguimento de Jesus	109
5.3	Algumas luzes de Teresa para a mulher do século XXI	115
5.4	Conclusão	120
6	Conclusão	122
7	Referências bibliográficas	127

Abreviaturas

C	Caminho de Perfeição
CAD	Conceitos do amor de Deus
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
F	Fundações
GS	Constituição Pastoral “Gaudium et Spes” sobre a Igreja no mundo de hoje
M	Castelo interior ou Moradas
R	Relações
V	Livro da Vida

*Nada te perturbe,
Nada te espante,
Tudo passa,
Deus não muda.
A paciência
Tudo alcança;
Quem a Deus tem,
Nada lhe falta.
Só Deus basta.*

Santa Teresa de Jesus

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é revelar a trajetória de amor e liberdade desta religiosa, Teresa de Jesus, uma mulher de personalidade forte, rica em matizes, com uma pluralidade de perspectivas que explicam o porquê de, depois de cinco séculos de seu nascimento, continuarmos a falar sobre ela e a estudar sua obra. Proclamada Doutora da Igreja pelo Papa Paulo VI, a reformadora que procuro um novo diálogo com Deus.

Teresa é uma mulher do século XVI, momento em que a Espanha conhece uma efervescência intelectual e espiritual. Somado a isso, havia surgido na Idade Média a corrente dos alumbrados, com os adeptos da oração mental, da contemplação silenciosa, da religião interior. Este movimento iluminista, porém, será motivo de muita preocupação por parte da Igreja, porque, junto com os luteranos, os alumbrados iam contra elementos da doutrina e do culto católico. Teresa muitas vezes será suspeita de pertencer a esse grupo, chegando a ser questionada pela Inquisição.

Teresa descobre o caminho da oração interior. Assim, nasce em seu coração o projeto de fundar uma pequenina casa para iniciar sua experiência de vida religiosa e ensinar a todos o caminho da amizade com Deus.

Teresa, ao adentrar na experiência profunda de sua espiritualidade, torna-se uma mulher audaciosa para os padrões da época, pois ensina como chegar à união com Deus. Seu ensinamento atinge todos: o povo simples, os leigos e, de forma especial, as mulheres. Quanto mais perto de Deus, Teresa descobre estar mais perto de si mesma. Ela adquire a sua autoconsciência de ser mulher. Teresa não se vê sozinha e, sim, em relação. Podemos dizer que ao aprofundar-se em autoconhecimento ela tem maior conhecimento de Deus.

Teresa foi uma mulher tão especial que fez a reforma carmelita e fundou novos conventos, introduzindo algo diferenciado para época, um convento feminino em que as mulheres eram iguais e orantes, tinham força para enfrentar as dificuldades da vida com coragem, inteligência e humildade.

Teresa tinha consciência do contexto problemático e tremendamente depreciativo em relação às mulheres. Sua obra mostra a visão integrada da mulher que se relaciona de maneira inclusiva com todas as dimensões da vida. Ela mostra que as mulheres fazem parte da práxis de Jesus, do plano de Cristo e, assim, do cristianismo e da Igreja. Teresa, como mulher, irá ultrapassar várias barreiras, tanto no sentido prático quanto no espiritual, alicerçada em uma visão integral do ser humano.

Sua fala chega à mulher de hoje, em um contexto atual em que oração e ação devem andar sempre juntas, como “Marta e Maria sempre hão de andar juntas”¹. Pode a mulher de hoje ser oração e ação? O mundo não estará exigindo da mulher a “construção de torres sem alicerces firmes”²? Teresa de Jesus tem muito a dizer à mulher de hoje, convida-a a ser liberta e propõe uma caminhada ao autoconhecimento. Somente livre para amar, a mulher poderá entender o que significa amar Deus e fazer parte do seu seguimento.

No segundo capítulo, será apresentado o contexto histórico do século XVI, abordando pontos significativos referentes à vida de Teresa de Ávila. Há grandes e intensas reformas na sociedade: Lutero, o Concílio de Trento e a busca de maior integração entre a vida e a fé. Nessa cultura que não delega espaço, as mulheres ficam sem voz ativa na Igreja e no mundo, sem direitos, sem a possibilidade de ocupar posições significativas na participação política e social. Essas dificuldades vivenciadas pelas mulheres atingiam características de “não realização”, de total submissão. Enquanto a maioria das mulheres de seu tempo se cala, aceitando a condição na qual as colocam e preferindo acomodar-se para sobreviver, para não pagar alto preço de sofrimento à crítica, ao desafio da exclusão, ou preconceito, Teresa não se omite. Vai além. Fala por sua voz e com sua vida. Neste capítulo, a pesquisa irá abordar a vida de Teresa de Ávila, sua caminhada como mística e sua doutrina espiritual. Teresa totalmente mulher e totalmente de Deus, primeira Doutora da Igreja. Primeira mulher a realizar a fundação de conventos de homens e a dirigir padres e religiosos. Com dezessete conventos fundados, torna-se a fundadora de uma Ordem com dois ramos: feminino e masculino. Acredita em si, na fortaleza de sua feminilidade, no seu potencial enquanto humana e cristã.

¹ 7M 4,12.

² 7M 4,15.

Teresa se descobre mais perto da verdade de si mesma, e ao se autoconhecer ela tem conhecimento de Deus. Teresa foi uma mulher que chegou ao limite de seu tempo e o expandiu.

No terceiro capítulo, serão desenvolvidos os fundamentos teológicos da liberdade. Veremos a inter-relação entre graça, liberdade e amor. Teresa, com suas obras, possibilita a esta mulher que busca o seu itinerário de liberdade a chance do autoconhecimento e, ao se conhecer, a possibilidade de conhecer o “outro”. É a partir da graça de Deus que se atinge a liberdade. Para o prof. França Miranda, “a liberdade diz sempre respeito ao homem como um todo (...) em tudo o que faz atinge o sujeito em sua totalidade”³. Teresa, ao longo de suas obras escritas, tem a propriedade de fazer com que essa mulher possa ir adquirindo “força interior” até chegar ao autoconhecimento. Vamos desenvolver o pensamento de Teresa sobre a liberdade, sabendo que é a graça de Deus que possibilita essa liberdade impulsionada por Deus em direção ao amor.

Ainda no terceiro capítulo, vamos desenvolver o pensamento do prof. Garcia Rúbio, em que o homem é chamado a uma relação dialógica com Deus, ele é chamado a responder ao convite de Deus. E assim, “o homem se relaciona consigo mesmo, com o mundo material, com outros seres humanos e com Deus. É na relação que o ser humano descobre a própria identidade”⁴. Observaremos também o teólogo Gesché, que nos mostra que Deus criou o homem com liberdade, e essa liberdade foi querida por Deus. E ainda que essa relação do homem com Deus é pela palavra, é livre. O caminho da liberdade – liberdade *de* e liberdade *para* – será sempre em relação ao outro. O amor conduz à liberdade e com liberdade podemos amar.

No quarto capítulo, Teresa nos mostrará a experiência de amor de Deus, que esse amor nos leva a uma interiorização libertadora, chegando à verdadeira liberdade do espírito. E neste caminho há a redescoberta de Deus, para a qual a oração é fundamental. Teresa mostra que é a oração que conduz ao caminho de liberdade e luz. A oração é, realmente, “um trato de amizade”, como ela mesma fala. E, por fim, trataremos do itinerário teresiano, este caminho que nos leva à união com Deus.

³ MIRANDA, M.F. *A salvação de Jesus Cristo*, p.90.

⁴ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na pluralidade*, p.316.

No quinto capítulo será abordado o caminho que Teresa utilizou para continuar a sua trajetória como uma mulher que, hoje, poderíamos chamar de feminista do século XVI. Veremos que a mística de Teresa é essencialmente evangélica, feminina, feminista e trabalhadora. Esse capítulo irá abordar os recursos femininos utilizados na obra teresiana, baseando-se em uma autoconsciência feminina. Esse capítulo terá como finalidade a abordagem das luzes proféticas de Teresa para a mulher do século XXI.

O presente trabalho consistirá no aprofundamento dos conteúdos através de pesquisa bibliográfica. Esperamos colaborar para o enriquecimento da vivência espiritual, pessoal e comunitária, especialmente das mulheres do século XXI, que, neste aprofundamento do amor e da liberdade, contribuem para o crescimento da autoconsciência feminina em dinâmica libertadora. O trabalho teológico se desenvolve dentro da antropologia teológica e da mística cristã, privilegiando um clássico da espiritualidade cristã, Teresa de Jesus (1515-1582), escritora mística, doutora da Igreja, “teóloga” e pedagoga. Teresa oferece à Igreja uma doutrina criativa sobre a oração, que aprofunda a relação de amor-liberdade. O trabalho não tem a pretensão de realizar uma biografia de Teresa, mas abordar o itinerário místico proposto pela autora.

Como mulher, leiga, acompanho grupos de formação cristã e percebo a reprodução de práticas patriarcais, não compatíveis com a liberdade cristã, em vários contextos. Infelizmente, percebo, muitas vezes, que são as mulheres a repetir tais práticas.

Faz-se urgente o aprofundamento na reflexão sobre a mulher na sociedade, na teologia, e na Igreja, para a vivência de novas relações baseadas na dignidade, respeito e confiança.

2

Teresa, uma mulher que expande os limites de seu tempo

Teresa de Jesus vive toda a sua experiência religiosa na perspectiva de sua fé, no contexto da Igreja Católica de sua época, dentro da problemática do Século de Ouro espanhol. A vida de Teresa pode ser caracterizada por uma vida de luz, alegria e amor. Esta mulher ousada é uma das figuras marcantes de toda a Igreja. Para se chegar a essa conclusão, faz-se necessário descortinar o contexto histórico em que viveu a nossa Santa.

A Espanha do século XVI é dirigida por homens influentes e poderosos que fazem com que a limpeza de sangue seja um marco na vida dos espanhóis, prejudicando, sem dúvida, os judeus convertidos ao cristianismo. A Igreja se faz presente de forma austera, marcadamente masculina, com a sombra dos livros proibidos e da Inquisição. Estamos no final da Idade Média da cristandade e a chegada da Idade Moderna, com intensas reformas na sociedade, o surgimento do luteranismo e o Concílio de Trento (1545-1563), cuja meta principal será parar este movimento de expansão protestante junto à Igreja.

O papel da mulher neste período, apesar de sua atuação forte e realista, ainda é considerado menor. É vista como limitada, sendo uma figura oculta. A mulher se percebia em condição de inferioridade, bastando somente a ela a submissão ao homem. Não fazia parte dessa mulher a racionalidade nem a abertura aos sonhos e ideais.

Surge, então, Teresa de Ávila ou Teresa de Jesus, que não se cala, não aceita a condição de acomodação em que foi colocada. Ela fala com a sua voz e com a sua vida. Por isso, ela está à frente de seu tempo, adquire um nível de consciência que a faz ocupar um lugar de destaque na história da humanidade. Conquista o seu espaço principalmente pela seriedade daquilo a que se propôs.

Segundo descrições dos historiadores e biógrafos, Teresa de Ávila é apresentada como uma mulher ousada, além do seu tempo – incluindo a defesa da potencialidade feminina numa cultura patriarcal, masculina – decidida e enérgica, de forte caráter e alegre, ávida leitora e possuidora de uma fértil imaginação, assim como, também, uma predisposição natural para escrever. Prática e obstinada

com os desígnios que a sociedade lhe impõe, isto motivou a sua tarefa de reformadora da Ordem do Carmelo Descalço. É a andarilha do trabalho missionário. Vivencia as frequentes visões extáticas, é uma excelente autora de obras místicas e ascéticas que são consideradas um marco na literatura universal.

Quando, em 27 de setembro de 1970, Teresa de Jesus foi declarada doutora da Igreja⁵ pelo Papa Paulo VI, ele, em sua homilia, destacou alguns elementos importantes no doutorado teresiano: os ensinamentos sobre a oração, a dignidade da mulher e seu lugar na Igreja e a eclesialidade de Santa Teresa.⁶ Isso significava a ruptura do argumento usado durante séculos, de que a mulher deve calar-se na Igreja. Esse doutorado, ela já exercia durante a sua vida de maneira tipicamente feminina, sendo reconhecida como mulher e mística, como profetisa da liberdade espiritual.

Teresa mostrou uma atividade espiritual mistagógica que está no prolongamento do seu ser-mulher e de sua atitude de vida refletida na vida contemplativa. É fato que Teresa faz uma síntese entre experiência, realidade e conhecimento.

Teresa está incluída na grande renovação da espiritualidade, na experiência mística, na doutrina criativa sobre a oração dentro da Espanha do século XVI.

Teresa de Jesus é uma verdadeira mestra, porque a sua doutrina nasceu das fontes vivas da sua experiência, unida aos conselhos e diálogos com muito bons mestres do espírito que havia na sua época. Por isso, é uma excelente mestra do nosso tempo.⁷

2.1 Os desafios de Teresa no século XVI

Cristã e filha de fidalgos, Teresa nasce no coração de Castela, na cidade de Ávila, “Ávila dos cavaleiros”. É a sexta filha de uma série de doze irmãos. Recebeu uma educação nobre e cristã. Aos sete anos sabia ler e escrever. Nesta idade,

⁵ Doutora da Igreja desde 1970, beata em 1610 e santa desde 12 de março de 1622. Cf. PAULO VI. Santa Missa de Proclamação de Santa Teresa de Ávila como Doutora da Igreja.

⁶ Cf. SBARDELOTTO, M. *Mãe da psicologia?* Subjetividade, liberdade e autonomia em Teresa de Jesus. Entrevista especial com Lúcia Pedrosa Pádua.

⁷ SOLANA, L. *Pensamentos de Santa Teresa*, p.34.

querendo imitar os mártires, organiza com seu irmão Rodrigo uma fuga em busca do martírio. Este gesto torna-se o mais célebre da sua infância: a fuga para a terra dos mouros para lhes cortarem a cabeça por Cristo, esperando assim ganharem mais rápida e seguramente o céu, como mártires.⁸ Esta façanha preenchia a imaginação infantil.⁹ Com a morte da mãe, Teresa recorre à imagem da Virgem Maria para que seja sua mãe para o resto de sua vida, como prova da familiaridade que já tinha com ela e do quanto estava profundamente arraigada na família a devoção à Maria¹⁰. Teresa agora é uma jovem moça, cuja personalidade se transforma e se afirma, não esquecendo que sua imaginação sempre será viva em virtude de muitas leituras.

O que representa para Teresa de Jesus a Espanha do século XVI?

Temos que ter em mente que a passagem da Idade Média para a Idade Moderna teve como centralidade a transição do feudalismo para o capitalismo. Ocorreu nesta época a síntese das ideias humanistas e renascentistas que vão influenciar todos os meios: culturais, sociais, políticos, econômicos, ideológicos e espirituais. Neste humanismo, cuja intenção era a de voltar ao conhecimento humano vinculado à Antiguidade, sua proposta era tornar os escritos clássicos modelo e orientação para o homem e que influíram também na Igreja.¹¹

Esta nova sociedade se caracterizava pela ascensão aristocrática constituída pelos nobres e eclesiásticos, que representavam forças poderosas nas áreas política, econômica e religiosa. Paralelamente a isso, crescia a burguesia que possuía fortes relações com o Estado e que ocupava posições de poder, em que a compra de títulos de nobreza permitia adquirir privilégios.¹²

O poder político crescia através de justificativas que iam contra os muçulmanos, mulheres e judeus. Neste contexto, na Espanha, os judeus e descendentes sofriam com a chamada “limpeza de sangue”, que teve com a Inquisição uma intensidade cada vez maior de intolerância, até mesmo com aqueles que se convertiam ao cristianismo, os chamados “cristãos-novos”.¹³

Outro problema importante nesse século foi a diversidade religiosa. Foi um grave problema, muitos judeus eram mortos e não viam a sua fé respeitada.

⁸ V 1,4.

⁹ Cf. MILLER, R.F. *Os santos que abalaram o mundo*, p.304.

¹⁰ V 1,7.

¹¹ Cf. ZAGHENI, G. *A idade Moderna*, p.11-32.

¹² Cf. FALCON, F. J. C. “A crise dos valores morais religiosos e artísticos”, p.32.

¹³ Cf. LE GOFF, J. *As raízes medievais da Europa*, p.247.

Para evitar tais perseguições, eram obrigados a se converter à fé cristã. Os reis católicos “baixam um decreto obrigando os judeus a escolher entre a conversão e o exílio”.¹⁴ Para vigiar esses “cristãos novos” e, conseqüentemente, a pureza da fé cristã e a sinceridade dos convertidos, os Reis católicos Fernando e Isabel, em 1478, obtiveram, junto ao Papa Sisto IV, o chamado Tribunal da fé, a Inquisição.¹⁵ Trataram-se de mudanças profundas, duradouras, estruturais, pois afetaram a estrutura mesma da sociedade, não um aspecto ou um tempo determinado.¹⁶ Podemos dizer que, nesse século, desenvolveu-se uma espiritualidade que se caracterizou pela descoberta interior.

Quando se faz referência à Espanha do século XVI, normalmente o primeiro adjetivo é o de um “século de ouro”. Esse século, na Espanha, tem como marco “um mar de ouro e prata, fruto da conquista das Índias”.¹⁷ Depois do impulso dos reis católicos Fernando e Isabel, a Espanha de Carlos V desabrocha nas ideias humanistas e renascentistas, inaugurando, assim, este século próspero, mas sem dúvida, também, um século de grandes e profundas reformas em todos os níveis e, sobretudo, no seio da Igreja.¹⁸

O chamado Século de Ouro espanhol não coincide exatamente com o século XVI, mas é uma época que vai da segunda metade do século XVI (descobrimto da rota atlântica pela Costa Africana e o Oriente, descobrimto da América e expulsão dos mouros) até meados do século XVII, com o fim da união das coroas ibéricas (1640). (...) O século de ouro termina com a decadência econômica da Espanha e um desenvolvimento comercial e econômico de outros países.¹⁹

Teresa nasce “em plena apoteose, a de uma realeza severa e triunfante, de uma Igreja todo-poderosa”.²⁰

Notamos que o mais admirável em Teresa, assim como em todos os autores do século de ouro espanhol, é como neles o sentido do divino se entrelaça com o humano, para formar uma só coisa, sem confusão de ordens. Teresa percebe que o que se dá a Deus não se tira do homem, mas se devolve ao homem multiplicado.

Teresa de Ávila é, sem dúvida, uma filha da Espanha do século XVI. Essa Espanha que vive uma “efervescência intelectual e espiritual”²¹, sem, no entanto,

¹⁴ REYNAUD, E. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*, p.20.

¹⁵ Cf. PIERINI, F. *A Idade Média*, p.177.

¹⁶ PENÃ, G.A. *História da Igreja*, p.163.

¹⁷ REYNAUD, E. op. cit., p.19.

¹⁸ Cf. AVELAR, M. C. C. *Experiência Mística e Comunicação Teológica*, p.73.

¹⁹ LIMA, L. C. *Teologia de Mercado. Uma visão da economia mundial no tempo em que os economistas eram teólogos*, p.109-10.

²⁰ REYNAUD, E. op. cit., p.19.

²¹ SESÉ, B. *Teresa de Ávila*, p.22.

esquecermos que também é um tempo marcado por enormes ambiguidades e desigualdades, em que Teresa irá viver, sentir e sofrer.

À primeira vista pode parecer estanho, mas a mística Teresa de Ávila, ou como ela se intitulava Teresa de Jesus, era vista como representante da contrarreforma e, ainda mais, da contrarreforma do século XVI. Entretanto, a personalidade de Teresa se fixava num humanismo mais realista, que sempre recebeu elogios por sua personalidade marcante. Teresa é a representante de um claro humanismo cristão²², ela busca conscientemente novas palavras para expressar sua experiência do Absoluto; cobrando para si mesma e para suas irmãs espirituais a liberdade religiosa numa Igreja dominada por homens.

Teresa é filha de seu tempo, nasce e cresce num ambiente cultural que não favorece sua formação feminina integral.

Teresa se sente identificada com Castela, porque apesar de todo o esplendor teve que vivenciar as misérias em sua carne e em seu espírito. Essa Castela, que durante muito tempo esteve aliada militarmente à França, tornando-se, sobretudo no século XVI, uma potência, foi parte integrante dos reis católicos na monarquia hispânica, brilhante no começo e que chegou às crises que foram vividas com despreocupação por Teresa, na adolescência, em Ávila, e nos primeiros anos no Mosteiro da Encarnação.²³

Ávila, onde até a catedral parece uma fortaleza, cujos numerosos palácios ostentam os brasões das maiores famílias da Espanha, Ávila, erguida em meio a uma paisagem de pedras, dominada por céu puro e nu, cercada de horizontes longínquos, mantém-se ativa, hierática e muda.²⁴

Não podemos deixar de observar que a vida de Teresa

transcorre fundamentalmente em dois períodos distintos da história sociopolítica e espiritual espanhola. O primeiro, um período de reforma que se estende pelo período imperial de Carlos V (1530-1556). O segundo, o período polêmico e tenso de Felipe II (a partir de 1557 até a morte de Teresa).²⁵

²² O humanismo cristão quer forjar a comunhão entre os valores do espírito e os valores humanos da pessoa. Não aceita o divórcio entre cultura e fé. Cf. PERSCH, C. Quem foi e quem é Santa Teresa de Ávila?, p.615.

²³ Cf. EGIDO, T. Santa Teresa y su circunstância histórica, p.10.

²⁴ REYNAUD, E. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*, p.21.

²⁵ PEDROSA-PÁDUA, L. *Santa Teresa de Jesus*, p.31. A partir desta nota, a obra será mencionada como *Mística e Humanização*.

Castela é considerada a capital intelectual e espiritual da Espanha, onde Teresa passou toda a sua vida; esta tal predileção não constitui um mistério, pois era o reino mais urbanizado e mais rico financeiramente e intelectualmente.

É necessário ter presente a história surpreendente da ascensão social da família de Teresa. Sabemos que João Sanchez, avô de Teresa, foi um descendente de judeus convertidos ao cristianismo, sendo considerado um cristão-novo. Conforme a autora Rosa Rossi, a Inquisição o considerava declaradamente um “marrano”, ou seja, um infiel, pois após a conversão voltara secretamente à antiga religião.²⁶ Apesar do avô de Teresa ter aceito e crer em Cristo, isto não foi suficiente para a limpeza de sangue e, desta forma, era considerado “cristão novo”. Mesmo uma família rica e de prestígio, ao ser reconhecida como família de judeus conversos, era colocada pela sociedade em condição de inferioridade e desconfiança sendo, muitas vezes, alvo de denúncias à Inquisição.

Entende-se, agora, porque a família partiu para Ávila deixando para trás Toledo. Ainda que o avô, Dom João Sanchez, tivesse comprado um certificado falso de fidalgo, isso não resolveu o problema da descendência, ou seja, eram considerados “cristãos novos”. Era necessário que o título desse a certeza de ser um “cristão velho” e, assim, sangue puro. Para confirmar essa descendência, os filhos teriam que desposar filhas de proprietários de terras, que tentariam consolidar a posição econômica da família, e foi isso o que aconteceu com o pai de Teresa.

O pai de Teresa, Dom Alonso, casou-se pela primeira vez com D. Catarina del Peso e teve dois filhos: Maria e Juan. No segundo casamento, com D. Beatriz de Ahumada, teve dez filhos: Rodrigo, Teresa, Juan, Lorenzo, Antônio, Pedro, Jerônimo, Augusto e Juana. Teresa nasceu em 28 de março de 1515.²⁷ Ter muitos irmãos não prejudicou em nada Teresa, ela os amava, “pois, os meus irmãos em nada me prejudicavam no servir a Deus. Um deles, quase da minha idade, juntava-se a mim na leitura da vida dos santos (ele era aquele a quem eu mais queria, embora tivesse grande amor por todos, e eles por mim)”²⁸.

²⁶ “Em certas famílias de conversos voltados ao judaísmo os marranos, os filhos costumavam participar das reuniões da sinagoga clandestinamente, como crianças levadas pelo pai à reunião do sábado. Era difícil a conversão ao cristianismo sinceramente, ficava sempre a dúvida”. Cf. ROSSI, R. *Teresa de Ávila*, p.8-11.

²⁷ Cf. MARTINEZ, L. R. *Rasgos autobiográficos*, p.94.

²⁸ V 1,4.

É necessário saber que, para ocultar as origens judaicas da família por parte de Dom João Sanchez, era preciso demonstrar a fidalguia de verdade, e para não ser um judeu converso então convinha que fossem pessoas habituadas ao luxo e, principalmente, despreocupadas com as despesas. O importante era ter uma vida boa. Teresa vive, assim, a sua infância de menina filha de fidalgos.²⁹ Por isso, Teresa, em todas as suas obras, jamais pronunciou uma palavra sobre a origem de sua família. “As origens judaicas de Teresa só seriam reveladas em 1947.”³⁰

Teresa foi uma mulher do século XVI que teve como alicerce educativo um pai escrupuloso, cuja única paixão estava voltada para os livros, e que, ao morrer, estava totalmente “endividado”³¹, apesar de comportar-se como um “verdadeiro senhor”.³²

Através do estudo da adolescência de Teresa, pode-se ter um paradigma do leitor espanhol da época: a leitura de livros de cavalaria, bem como de livros religiosos, que naquela época tinha um grande êxito editorial, simplesmente porque exaltavam os ideais e feitos dos santos e isso influenciava os espanhóis e, conseqüentemente, a mente de Teresa. Ambos os livros – sobre a vida dos santos e os de cavalaria – foram influenciadores na sua formação mental, porém após a sua conversão os livros de cavalaria foram julgados negativamente. Eles passaram a ser vistos como algo negativo.³³

Outro ponto importante na vida de Teresa foi a relação sentimental com o primo, em que a própria narradora se apressa em revelar o risco a que a família ficou exposta, era uma questão de reputação familiar: “Mas o meu proceder não permaneceu tão oculto a ponto de não lançar dúvidas contra a minha honra e criar suspeitas em meu pai”.³⁴

Luís Rodriguez Martínez, em seu artigo sobre Santa Teresa, fala que a passagem da infância à juventude foi marcada pela “queda”. A falta de sua mãe, as leituras de livros de cavalaria e as más amizades seriam as causas

²⁹ Cf. ROSSI, R. *Teresa de Ávila*, p.7-12.

³⁰ REYNAUD, E. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*, p.24. Quanto à linhagem de Santa Teresa, chegou-se à conclusão no processo de canonização, entre 1609 e 1610, que a Madre e os seus ascendentes são fidalgos notórios e cristãos velhos, “limpos de toda raça e mácula” de mouros e judeus ou de outra seita penitenciada pelo Santo Ofício.

³¹ Cf. ROSSI, R. op. cit., p.14.

³² Ibidem, loc. cit.

³³ Cf. GARCIA-LUENGOS, G.V. La dimensión literária de Santa Teresa, p.34.

³⁴ V 2, 6.

determinantes deste clima negativo e de pecado.³⁵ Na adolescência, diminui seu fervor espiritual, aparecendo com desenvoltura nos passos da vaidade feminina. “Comecei a enfeitar-me e a querer agradar com a boa aparência”.³⁶ Mas lhe preocupa o futuro. Neste sentido, Teresa coloca toda a força vital de sua alma para resolver este problema. Duvida que Deus a chame para a vida religiosa, e por nada deste mundo desejaria optar por este estado de vida. Não tinha tendência à vocação religiosa, mas pedia a Deus que a iluminasse na escolha de sua vida, embora excluísse a possibilidade de ser monja “Naquele tempo, desgostava-me a ideia de tornar-me monja”.³⁷ Enquanto isso, Deus esperava o momento mais oportuno para fazê-la dócil à sua graça. Após grandes lutas interiores, decide pela vida religiosa, por ser o meio melhor para conquistar a felicidade.

A natural solução de seu pai foi colocá-la num educandário de monjas, no Convento de Nossa Senhora das Graças, de religiosas agostinianas, onde Teresa entrou em 1531, aos quinze anos, para cortar o mal pela raiz, ou seja, o perigo.³⁸ “Havia algo que, não fossem tantas as culpas, talvez pudesse me desculpar: minhas amizades podiam acabar bem, resultando em casamento”.³⁹

Nesta época, as relações com seu pai não aparecem nunca cordiais, nem quando lia às escondidas outras literaturas, nem quando drasticamente fora colocada num educandário para cortar seus devaneios de adolescência. Dizia ela que estava melhor no mosteiro do que na casa do pai.⁴⁰

Enfim, o século XVI significou para Teresa um século de contrastes, em que se percebe uma ambiciosa expansão, colonização, dominação espanhola, mas também, de um projeto missionário evangelizador. Um século absolutamente religioso, porém, nitidamente marcado pela instrumentalização da fé em prol de interesses políticos e sociais que favoreciam a tão chamada “pureza de sangue”. Um século de renovação espiritual, apesar da aliança entre religião e política.

Teresa de Jesus encontrará um excelente espaço em seus livros para contestar e criticar as crueldades sociais de sua época. O contexto sociocultural, político-religioso da Espanha do Século XVI será sempre o pano de fundo de suas mensagens espirituais. Nos escritos de nossa autora pode-se perceber, realmente, uma ligação com os principais temas provindos de questões políticas, socioculturais

³⁵ Cf. MARTINEZ, L.R. Rasgos autobiográficos, p.95.

³⁶ V 2,2.

³⁷ V 2,8.

³⁸ Cf. AUCLAIR, M. *Teresa de Ávila*, p.33.

³⁹ V 2,9.

⁴⁰ V 2,8.

e religiosas da Espanha do Século de Ouro, intensamente embebida nas questões relacionadas à honra, ao prestígio, às grandes conquistas, batalhas e realizações.⁴¹

2.2

Que caminhos a mulher percorria no século XVI?

Fica evidente que, nesta época, era o dinheiro que mandava no destino das pessoas, principalmente no das moças que podiam, então, conseguir um “bom casamento”; caso contrário, iriam para o convento.

Teresa havia certamente descoberto que não podia entregar-se aos amores; tratava-se da honra da jovem e de toda a família. Descobriu isto quando se deixou levar a uma amizade amorosa por um primo, e o Pai teve que pô-la no colégio para fazer calar as más-línguas. (...) Além disso, na sua condição social e, ainda, sendo órfã de mãe, era preciso ter cuidado com aquilo que o povo diz; devia pensar na honra.⁴²

Os mosteiros ofereciam um espetáculo chocante para os critérios da época, eram os mais habituais redutos femininos que mostravam as desigualdades visíveis. “E às pobres só restaria serem domésticas, ou se arriscarem à condição de beatas, mulheres que viviam como se tivessem feito os votos, mas fora do convento, e trabalhavam para viver”.⁴³ Havia monjas pobres que se alojavam em dormitórios simples e alimentação a mais básica possível, a ponto de passarem necessidades de caráter material. Enquanto que monjas que dispunham de recursos próprios e familiares podiam ter suas “celas” (quartos individuais) mantendo criadas ou até escravas, alojando parentes e, tendo um estilo de vida à altura de sua vida fora do mosteiro.⁴⁴

Entendemos, então, o motivo que leva Teresa a propor uma reforma e revitalização religiosa e espiritual na Igreja, não esquecendo que foi um século muito difícil, principalmente com o nascimento da “Reforma Protestante que precipita profundas mudanças nas ordens religiosas”⁴⁵. Este movimento de reforma emerge ainda antes do Concílio de Trento e é um movimento que será encarado de forma especial no centro das Ordens Religiosas.

⁴¹ MAROTO. Resonancias históricas del Camino de Perfección. *Apud* AVELAR, M. C. C. Experiência Mística e Comunicação Teológica, p.37.

⁴² ROSSI, R. *Teresa de Ávila*, p.17.

⁴³ *Ibidem*, p.100.

⁴⁴ Cf. EGIDO, T. Santa Teresa y su circunstancia histórica, p.17-8.

⁴⁵ MAREGA, M. *Mulheres ousadas para além do seu tempo*, p.39.

Movimento imenso, pois este que agitou de uma forma benéfica todas as Ordens antigas, durante os tempos a seguir ao Concílio e ainda meio século depois; movimento em que participaram também todas as Ordens femininas; movimento tão complexo que não é possível descrevê-lo em duas breves páginas. Mas em nenhuma parte ele tomou características tão impressionantes e tão sublimes como a antiga formação do Carmelo, onde surgiram então duas das personalidades mais ricas que produziu a Igreja: Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz.⁴⁶

Notamos que naquela época a questão da honra estava ligada a dois pontos característicos: o sexual, ou seja, a virgindade, o decoro, principalmente para as solteiras e para as casadas a questão da fidelidade. Sempre ligadas à mulher. O outro ponto era a linhagem, que no caso de Teresa, era a ausência de “raça límpida”, conforme Rosa Rossi: “um daqueles temíveis Estatutos de limpeza de sangue, que lhes estava impedindo o ingresso nos conselhos municipais, nos colégios universitários e também nos conventos afamados”⁴⁷ e, isso, deixa um impacto no homem de forma direta, principalmente, o homem do século XVI.⁴⁸

Para a mulher daquela época, e, principalmente, Teresa, restava ter a vida da mãe ou das monjas, simplesmente: ou casava ou se tornaria monja.⁴⁹ Podemos dizer que Teresa não teve os pensamentos sobre o matrimônio como algo que a deixasse feliz, por causa de várias gestações com possibilidades e probabilidade de morte prematura, o que ocorrera com sua mãe, “casada aos quatorze anos, morta aos trinta e três de tantas gestações – dez filhos em dez ou nove anos”⁵⁰, das tarefas cotidianas simplórias e com a total submissão ao marido. Era assim a perfeita esposa cristã. Teresa define bem esta condição feminina da mulher casada em seu livro Caminho de perfeição: “Dizem que a mulher, para ser bem casada, há de mostrar-se triste quando o seu marido está triste, e alegre quando o vê alegre, ainda que no íntimo nunca tenha a alegria. Ponderai, irmãs, de que sujeição vos livrastes!”⁵¹.

A mulher do século XVI é vista basicamente com o dever de amor da mulher em relação ao marido, que é idêntico ao da servidora em relação à senhora. Os casamentos eram realizados sobre interesses materiais e sociais, sem ter de maneira nenhuma em conta os sentimentos dos esposos. As mulheres eram simples moedas de troca. O marido passa a ser o senhor e a esposa deve comportar-se como

⁴⁶ ROPS, D. *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, p.150.

⁴⁷ ROSSI, R. *Teresa de Ávila*, p.84.

⁴⁸ Cf. EGIDO, T. *Ambiente histórico*, p.70.

⁴⁹ Cf. ROSSI, R. *op. cit.*, p.14-7.

⁵⁰ EGIDO, T. *Santa Teresa y su circunstancia histórica*, p.15.

⁵¹ C 26,4.

vassalo dócil. A sua honra e bom nome crescerão na medida em que se esmerar na fidelidade, submissão e serviço ao marido. Era permitida a agressão física às mulheres, quando o marido achasse que ela o havia desobedecido e as histórias de mulheres que sofriam agressões eram contadas nas vilas em tom humorístico. As meninas eram educadas para este fim: serem boas esposas.

Era evidente, que o casamento era arranjado pelo pai quando a filha ainda era muito pequena, para garantir o *status* social. A mulher era usada como uma propriedade para obter vantagens. Esses casamentos geralmente visavam ao aumento das terras.

No século XVI, a mulher não podia aprender sobre a Sagrada Escritura ou qualquer ensinamento sobre a doutrina, pois isso não fazia parte do universo feminino, assim diz Luís de Maluenda:

A mulher, por mais sábia que seja, com relação aos mistérios da fé da Igreja ponha um cadeado de silêncio na boca. Pois o que os antigos disseram é certo: a joia que mais embeleza a mulher é o cadeado de silêncio às portas de sua boca para todas as práticas e, particularmente, para os mistérios da santidade, e não ser mestra de doutrinas das Santas Escrituras.⁵²

Entendemos, então, a importância e o lugar principal do encontro da mulher orante que constituiu um desafio contra o ambiente marginalizador da mulher.⁵³

Nesta época a crítica girava em torno das mulheres que queriam aprender a ler e escrever e que deviam ser conduzidas ou ocupar-se de trabalhos manuais, reza do terço e não se envolver em nenhuma outra forma de devoção. As mulheres eram consideradas inaptas para a prática da oração interior e, principalmente, para a leitura das Sagradas Escrituras.

De maneira sugestiva, Teresa descreve o clima de suspeita e terror espiritual contra as mulheres que se dedicavam à vida de oração. Sem dúvida, com frequência teve de ouvir pessoalmente esses e outros comentários semelhantes de confessores e assistentes espirituais.

Mas a mulher “não é o inverso do homem nem seu paralelo. É o outro do homem: é um estar face a face”⁵⁴. Teresa de Jesus tem traços que anteciparam o dia da emancipação feminina. Ela foi simplesmente mulher.

⁵² MALUENDA, L. Excelencia de la fe (1535). Apud: PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.77.

⁵³ Cf. EGIDO, T. Santa Teresa y su circunstancia histórica, p.21.

⁵⁴ GOLLARTE, P. Santa Teresa D’Ávila, a mulher que antecipou os tempos, p.631.

É clássica a designação de caráter sentimental dedicado à mulher, a mulher é o coração. E em relação aos homens, percebemos que eles são racionais. Com isso, durante séculos a mulher sempre foi vista como modelo inteiramente sentimental e sem nenhuma racionalidade, dando-se a essa mulher os adjetivos de: distraída, ilógica, dependente, incapaz, autonomia passiva, receptiva; enquanto o homem é considerado o braço forte, a decisão, a iniciativa, o empreendimento⁵⁵.

Teresa de Jesus, diferentemente de uma mulher em tempos antifeministas, não se conformou com o ser passiva e muito menos se escondeu no convento. Teresa não se escondeu da atribuição de ser mulher, e assim, incapaz e sem autonomia, “foi à luta” e buscou fazer a sua parte, renovando e denunciando aquilo que precisava de reforma, a Igreja. Se pensarmos bem, toda a reforma que Teresa empreendeu, principalmente com a experiência da oração mental e o amor incondicional a Jesus, foi de uma certa forma conduzida pelo compromisso com a Igreja e com a sociedade do século XVI.

O maior atributo conferido à mulher era o de ser mãe. A maternidade e a fertilidade da mulher sempre foram vistas com certa exaltação⁵⁶. Teresa de Jesus pensa, sente e age como uma mãe, *Mater Spiritualis*, “Mãe Espiritual” e é este epíteto que está cunhado aos pés da estátua de Santa Teresa na Basílica de São Pedro em Roma.

Percebemos, assim, os pequenos gestos de delicadeza através de suas cartas com recomendações, conselhos e preocupações maternas. Por isso, podemos dizer que Teresa de Jesus, “mãe e mestra, gerou os Carmelitas Descalços na dor e na alegria”⁵⁷.

2.3

Teresa: a mulher mística da Espanha

Sabemos que a oração é um mistério e quem vive este mistério, o orante, é um místico. “O místico não fala sobre a oração. Comunica a sua oração, conta e narra a sua oração. Toda a palavra verdadeira sobre a oração é autobiográfica (...)”

⁵⁵ Cf. *ibidem*, p.632-3.

⁵⁶ A maternidade e a fertilidade estão no plano quantitativo, enquanto que a fecundidade no plano da doação. A riqueza de uma família estava no número de filhos, ou seja, a prole. Cf. *ibid.*, p.632.

⁵⁷ SCIADINI, P. *Teresa de Ávila*, p.96.

O místico não faz problemas, oferece soluções”⁵⁸. E aqui encontramos Teresa, um dos maiores orantes da história. Teresa durante a sua vida introduz a oração, que terá um papel de iluminar a sua experiência.

A oração para ela aparece em momentos importantes, que vão definir a sua conversão. Isto faz parte do início do seu caminhar oracional, o caminho da verdade. A oração para Teresa é tão importante que é dela que chegam todos os seus bons movimentos, como também é da oração que todos partem. A oração é o centro da sua vida. Para ela, não pode haver incoerência entre oração e vida. Para Teresa não era possível banalizar a oração reduzindo apenas a um exercício, era muito mais, era o alimento da vida. E, assim, Teresa mostra que “a oração mística é o desenvolvimento máximo da oração, e não apenas de um aspecto ou parcela da mesma. Por isso, a oração mística é a definição mais simples, porque mais perfeita, da oração”.⁵⁹

Essa mulher mística espanhola, Teresa de Jesus, na sua pessoa e em suas obras, é a representante de um claro humanismo cristão que busca, conscientemente e sem dó, novas palavras para expressar a sua experiência numa Igreja dominada pelos homens. Ela, mulher e mística, mais ainda sendo de origem judaica, projeta-se como líder de um movimento de reforma contemplativa de religiosos femininos e masculinos. A sua oração sempre foi sua característica principal, que ela quis dar a conhecer à sociedade, à Igreja e à sua Ordem. “Não quer que a leiam, que se informem dela, mas que façam o caminho, que façam a experiência, estimulados e animados pela sua palavra. E isto, porque a oração não se aprende lendo a do outro, mas sim fazendo-a”.⁶⁰

Cumulada de graças místicas como poucos seres no mundo, elevada sem dificuldades à vida unitiva, Teresa de Jesus poderia ter mergulhado nessas alegrias inconcebíveis e esquecido a terra. Mas não: essa grande vidente era uma mulher de carne e osso, uma sólida filha dos planaltos de Castela (...) ⁶¹

Também deve ser levado em conta “a vida e a obra de Teresa transcorrerem num entrelaçamento histórico-teológico que possibilita que nossa autora beba das

⁵⁸ Cf. HERRAIZ, G. M. *Oração, história de amizade*, p.20.

⁵⁹ Cf. *ibidem*, p.44.

⁶⁰ *Ibid.*, p.22.

⁶¹ ROPS, D. *A Igreja da Renascença e da Reforma*, p.131.

fontes da espiritualidade patrística e medieval, num contexto moderno e renascentista, através dos espirituais espanhóis”.⁶²

Os espirituais, essa nova espiritualidade propagada na Espanha no tempo de Teresa, tem como cerne a interioridade, este encontro com Deus. Teresa herda esse desejo ardente dos espirituais através do encontro com Deus por experiência. Mas também traz uma novidade: “Teresa se diferencia dos espirituais de maneira mais evidente na sua cristologia, muito mais radical e definida”.⁶³

Por volta da metade do século XVI, apresenta-se uma mudança de atitude tanto na corte real quanto na Igreja, diante do protestantismo, mas também contra a chamada espiritualidade afetiva, a mística.

Segundo Giacomo Martina:

No século XVI, era comum o desejo de uma religiosidade, distante da superstição do povo e da aridez dos escolásticos, purificada de toda hipocrisia, ansiosa por uma certeza que garantisse uma autêntica paz interna. A renovação religiosa que se notava desde o fim do século XV na França e na Alemanha (devoção à Paixão, divulgação de livros de piedade) (...) não saciava esses ânimos, que aspiravam sobretudo a duas coisas: de uma parte, o conhecimento direto e imediato da palavra de Deus, sem intermediários humanos, de outra, o consolo de sentir e de saber que realmente se está perdoado por Deus, o que a confissão auricular não parecia assegurar suficientemente, quer pela impossibilidade de afastar toda dúvida sobre a validade da confissão feita, quer pela eventualidade de uma morte repentina, antes de uma boa confissão.⁶⁴

Notamos que as mudanças, tanto na sociedade quanto na Igreja, são pontuais, dando a este século um novo caminhar e preparando o terreno fértil para receber a nova dimensão religiosa. É um novo modelo de experiência espiritual que até agora era visto como uma ameaça à Igreja.

A teologia oficial e precisamente a Inquisição espanhola⁶⁵ não só persegue os chamados alumbrados⁶⁶ e outras correntes similares de matiz protestante, mas

⁶² PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.58.

⁶³ *Ibidem*, p.59.

⁶⁴ MARTINA, G. *História da Igreja*. De Lutero a nossos dias. p.54.

⁶⁵ “A Inquisição começou em Sevilha, em 1478, com uma dureza tão grande que muitas famílias fugiram da cidade. Depois espalhou por toda a Espanha com o mesmo cruel radicalismo.... Durante o reinado dos reis católicos foram queimadas mais de 6.000 pessoas. Outras sofreram diversos castigos”. ROLDAN, J. M. *História de Espanha*, p.55.

⁶⁶ “O vocábulo ‘alumbrado’ precede o ‘iluminado’ para designar tal seita ou heresia e aparece por volta de 1522 a 1524. O termo é pejorativo, carregado de ironia, inventado pelo povo tradicional e burlesco. Os integrantes deste movimento foram chamados ‘alumbrados’, por dizerem possuir iluminação interior do Espírito Santo, ‘deixados’, por se deixarem ao amor de Deus, ou ‘perfeitos’, por se situarem no mais alto grau de perfeição cristã. Provavelmente, segundo os estudiosos,

também toma uma posição de suspeita diante de todas as formas de vida de oração, contemplação e mística. A Espanha iluminista será motivo de muita preocupação por parte da Igreja, porque junto com os luteranos, os alumbrados, ao qual Teresa muitas vezes será suspeita de pertencer, são decisivos em dizer que o exagero cerimonial tenta dissipar o “espírito de fé ou de adoração”⁶⁷.

Todos os grandes místicos e autores espirituais do século de ouro espanhol experimentaram que os seus escritos e suas atividades espirituais foram alvo de constantes suspeitas e condenação pelos representantes da teologia oficial, os teólogos inquisidores. Foi um tempo arriscado para Teresa, se houvesse uma queixa contra ela, podia ser acusada na Inquisição. Perante a Inquisição, “Teresa assume uma atitude completamente desconcertante”⁶⁸. A sua atitude é bastante marcada e clara, e em nenhum momento se sente inibida ou retrocede no seu empenho de renovação e reforma da vida espiritual.

Nesse ponto, o demônio também começou a espalhar, de boca em boca, que eu tinha tido alguma visão sobre o caso; por isso, as pessoas me procuravam, com muito medo, para me dizer que vivíamos tempos ruins e que poderiam levar contra mim falsos testemunhos, denunciando-me aos inquisidores. Achei muita graça e ri, porque nunca tive temor disso, pois bem sabia que, em matéria de fé, eu antes morreria mil vezes do que me oporia a qualquer coisa da Igreja ou a qualquer verdade da Sagrada Escritura. Eu lhes disse que não temessem quanto a isso, pois em estado bem ruim estaria a minha alma se houvesse nela algo que me levasse a rechar a Inquisição; se achasse que havia, eu mesma iria procurá-la. Eu disse ainda que me propiciaria algum benefício.⁶⁹

Certamente, essas observações suspeitas chegavam também aos ouvidos dos confessores de Teresa, que ficavam preocupados, se faziam altamente suspeitos e reservados diante da mulher e mística de Ávila.

Teresa como mulher e mística teve que experimentar na carne o conflito entre a teologia e a mística, pois o pânico semeado pelos alumbrados nos círculos eclesiásticos também afetou os teólogos.

Teresa descreve de maneira sugestiva o clima de suspeita e terror espiritual contra mulheres que se dedicavam à vida de oração. “É mais provável que tenha sido algum produto da imaginação, pois nesta o demônio arma suas ciladas e enganos. A mulheres, ou a pessoas sem instrução, o inimigo poderá enganar

os próprios alumbrados nunca souberam que o fossem nem o que significava propriamente este nome”. PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.85.

⁶⁷ SESÉ, B. *Teresa de Ávila*, p.22.

⁶⁸ BRITO, J. G. D. *Santa Teresa de Jesus*.

⁶⁹ V 33,5.

muitíssimo, porque não sabemos entender as diferenças entre faculdades e a imaginação, bem como mil outras coisas interiores”.⁷⁰ Fica claro que, nesse ambiente espiritual tenso e nada sadio, o apavoramento por infiltração de ideias e práticas heréticas eram considerados como golpe à unidade social e religiosa. Tendo em vista esse clima de desconfiança perante as mulheres que levavam uma vida de oração, chega-se a entender que ela se veja obrigada a preservar suas irmãs de toda forma de devoção e mística sentimentalista. “ Sim, pois o amor de Deus não está em ter lágrimas nem em ter esses gostos e essa ternura, que em geral desejamos e com os quais nos consolamos, mas em servir com justiça, força de ânimo e humildade”.⁷¹

Teresa de Jesus não somente desperta o interesse como mulher e mística, mas também como escritora espiritual. Teresa tem em si três grandes graças que a constituem como escritora: “ser uma mulher de experiência com Deus; entender esta experiência e comunicar aquilo que experimenta”⁷².

Ao começar suas atividades de reforma e fundações, sua liderança espiritual de um movimento de reforma de mulheres e homens contemplativos e, principalmente, seu caminhar incansável pelos caminhos do Senhor, vira um pesadelo para os eclesiásticos e teólogos. Teresa não se enquadra em normas e conceitos relativos ao lugar e à missão da mulher na vida social e eclesiástica do século XVI.

É muito suspeito que uma mulher se envolva com o exercício da oração interior e contemplativa, mais ainda que instrua com palavras e por escrito como Teresa costumava fazer. Ela mesma fala num tom irônico muito peculiar com relação ao famoso teólogo Melchior Cano, quando declara sua censura às mulheres de praticarem a oração interior: “Não é para mulheres, pois podem sobrevir-lhes ilusões. Será melhor que vão fiar. Deixem de lado essas delicadezas. Basta o pai-nosso e a ave-maria”⁷³.

É importante saber que no período que Teresa decide escrever, a mulher não podia fazê-lo por conta própria e sim, por obediência⁷⁴. Estes privilégios e tarefas eram exclusivas do letrado, o homem teologicamente formado.

⁷⁰ 5M 3,10.

⁷¹ V 11,13.

⁷² SCIADINI, P. ; MENEZES, A. G. B. *As moradas do Castelo Interior*, p.17.

⁷³ C 21,2.

⁷⁴ Cf. ROSS. *Teresa de Ávila*, p.33.

O argumento paulino de que a mulher deve calar-se na Igreja é então avidamente usado, porém ela não podia conformar-se com isso. Teresa de Jesus tem consciência de sua contribuição como mulher contemplativa, convicta da inclinação especial da mulher para a vida mística. Não se pode negar que Teresa tenha sido uma mulher comum, resignada. Em nenhum momento se pode deixar de frisar a sua humildade e o seu surpreendente realismo. Ela sempre possuiu uma irresistível amabilidade e a sua piedade nunca foi dissimulada.

A Sagrada Escritura – sempre para ela foi o primeiro e o último critério do seu pensamento e sua ação – oferece-lhe como mulher e contemplativa fundamento para resistir às normas e aos conceitos correntes da época.

Embora ela valorize tanto a experiência em si mesma, sente-se como mulher de experiência e não deixa de recorrer cada vez mais a teólogos profissionais, com os quais adquire certeza e confirmação quanto à autenticidade de suas experiências espirituais. “Estava ciente de que podia e queria ser (...) bem diferente daquela Eva, a qual se dizia ter sido a causadora da dor e da morte para toda a humanidade. Estava, sobretudo, decidida a defender algo que percebia vir de Deus (...)”⁷⁵.

Em Teresa a experiência mística ganha um selo especificamente feminino no caráter esponsal. Não dá para negar que todos esses sentimentos provêm de um temperamento muito feminino.

Teresa de Jesus mostra que a verdadeira oração é a maior originalidade de sua obra, e também o itinerário para o conhecimento de Deus, chegando ao autoconhecimento. Ela nos conduz por meios que utiliza para chegar a este propósito, através de uma eficiente e inocente linguagem figurada. Para chegar a esta oração é necessário passar pelos critérios de avaliação da sua autenticidade que são: a prática do amor ao próximo, desprendimento das coisas do mundo e a humildade vigilante.

Como propõe Paulo Sérgio Carrara: “No horizonte da espiritualidade cristã, Teresa desponta como mestra da oração, o que explica a atualidade de sua proposta e de sua mensagem”⁷⁶. Ela mesma propõe uma doutrina que inclui não só as

⁷⁵ Ibidem, p.39.

⁷⁶ CARRARA, P. S. Oração: Itinerário mistagógico segundo Santa Teresa de Ávila.

formas de oração mais simples, como também, as mais elevadas. No centro da oração está a revelação que Deus é amor⁷⁷e, por isso, só pode ser amigo⁷⁸.

A oração teresiana é um trato de amizade, é um encontro pessoal, transformante e dinâmico. Teresa é muito original, para ela a oração é tratar de amizade: “Para mim, a oração mental não é senão tratar de amizade –muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama”⁷⁹. Assim, a oração é uma ponte que faz com que Deus e o homem vivam “amigavelmente virados um para o outro (...). Tratam. Comunicam. Fazem amizade”⁸⁰.

Teresa mostra que tudo pode ser um caminho para o encontro. Nossas ações e pensamentos, Deus está em todos os lugares e, por isso, somos amigos. Notamos que Teresa é cristológica. O tema da humanidade de Cristo sempre está presente em sua vida e em sua obra. É um Deus que se revela em Cristo que se faz presente, ama todos indistintamente e caminha com o povo.⁸¹ Sempre pronta a nos surpreender com o seu falar num sentido concreto e cotidiano, mostrando sua experiência e descrevendo as etapas do trajeto por ela atravessado. É impressionante a conciliação da comunicação espontânea com o vigor e o rigor do seu pensamento⁸².

Teresa de Jesus inaugurou um novo modelo de santidade tipicamente moderno, o da “santa que escreve”, cuja santidade é reconhecida por seus escritos, o que somente poderia ser utilizado para homens canonizados até então⁸³. A autêntica Teresa, sem dúvida, contribuiu muito para a própria escritora e, principalmente, na sua afirmação fundamental de que Deus tudo faz e que encontrou nela um instrumento de sua ação. Ele é o autor de tudo.

Teresa, em sua vida e sua obra, nos mostra como uma mulher com uma notável inteligência, sem medo ou constrangimento, não só recorre à leitura de outros livros, como também consulta pessoas capacitadas para instruí-la.⁸⁴

⁷⁷ 1Jo 4,16.

⁷⁸ Jo 14,14-15.

⁷⁹ V 8,5.

⁸⁰ HERRAIZ, M. G. *Oração, História de Amizade*, p.57.

⁸¹ Cf. SEVERO, J. T. P. *Desenvolvimento humano e espiritual em Teresa de Ávila*, p.32-3.

⁸² Cf. PEREIRA, J. C. S. *Pensamentos de Santa Teresa*, p.9-31.

⁸³ Cf. SANTOS, L. L. *A madre fundadora e os livros*, p.160.

⁸⁴ Cf. GARCIA-LUENGOS, G.V. *La dimensión literária de Santa Teresa*, p.32-3.

2.4 Teresa: uma mulher fundadora

Se pararmos para pensar, Jesus passou toda a sua vida no silêncio, preparando-se para os três anos intensos que viveu, anunciando o Reino de Deus, fazendo milagres, revelando o Pai e sendo um missionário incansável. No caso de Teresa, ela fica em silêncio até os quarenta e sete anos, quando despertará nela a vontade de anunciar o Evangelho, de ser missionária e, então, começa a sua caminhada pela Espanha a fundar mosteiros de mulheres e homens, sem nunca parar. Teresa desperta para o mundo, tem força e vontade, é a “viajante, a missionária de Deus”⁸⁵, e só realmente para quando a morte a detém.

Podemos acompanhar a sua trajetória num período de plenitude humana e este período é que a torna fundadora e escritora. A própria Teresa nos diz que a partir de uma conversa com Dona Guiomar Ulloa passa a ser possível fundar um mosteiro:

Certa vez, estando na companhia de uma pessoa, disseram a mim e a outras que se quiséssemos ser monjas à maneira das Descalças, seria talvez possível fundar um mosteiro. Eu, como o desejava, comecei a tratar disso com aquela senhora minha companheira, a viúva que, como eu disse, tinha o mesmo desejo.⁸⁶

Conforme Luciana Lopes dos Santos, em sua tese de doutorado,

Situar a pessoa de Teresa de Jesus como reformadora da Ordem Carmelita implicou em não se dar valor às inovações propostas pela Madre no âmbito da vida religiosa. Segundo este ponto de vista, Teresa não havia sido a Madre Fundadora, como era chamada por seus contemporâneos, mas teria somente iniciado uma série de reformas internas que resultariam no retorno às origens da Ordem, quando ainda habitava no Monte Carmelo e em seu aperfeiçoamento por frades seguidores de ideias com rigor, penitência e vida eremítica.⁸⁷

Teresa sentia que algo deveria fazer a mais. Ela é absorvida totalmente por Deus e nesta entrega sente um dinamismo a exemplo da mulher samaritana. Teresa quer, depois dela ter encontrado a fonte, fazer com que todos participem de sua experiência e mostrar-lhes o caminho e fazê-los beber da fonte de água-viva.⁸⁸ “(...) eu precisava empregar todo o meu ânimo (que, dizem, não é pouco, tendo

⁸⁵Cf. SCIADINI, P. *Teresa de Ávila ou o divino prazer*, p.107.

⁸⁶ V 32,10.

⁸⁷ SANTOS, L. L. *A madre fundadora e os livros*, p.151.

⁸⁸ Cf. AUCLAIR, M. *Teresa de Ávila*, p.38.

Deus me feito mais corajosa que a maioria das mulheres)”.⁸⁹

Ao entrar no Convento da Graça, as religiosas ajudam-na a amadurecer a decisão de escolher a vida religiosa.

A oração emerge em momentos-chaves definindo a tomada de consciência e a “conversão” da autora. Teresa converte-se à oração. É como voltar o início do seu despertar oracional, que é “o caminho da verdade”. Assim, logo que se inicia a recuperação espiritual, no Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, apressa-se a anotar: “Comecei a rezar muitas orações vocais e a procurar que todas me encomendassem (...)”⁹⁰

Teresa passou um ano e meio no educandário do Convento da Graça, onde podia rezar abertamente a Deus pedindo um caminho onde pudesse servi-lo. Sabemos que a sua entrada no convento⁹¹ se deve ao fato do pai tê-la colocado lá, em virtude da adolescência de Teresa, que, para ele, como pai, foi difícil.

Depois do educandário, Teresa faz a escolha final, decide entrar para vida religiosa, “eu estava de tal modo decidida a ser monja que teria ido a qualquer mosteiro onde pudesse servir mais a Deus”⁹². Mesmo sabendo que o pai não concordaria com tal decisão, resolveu num ato de força, como lhe era peculiar, e decidiu fugir. Teresa lê as Cartas de São Jerônimo, que a iluminam, e por fim decide tomar o hábito. Teresa finalmente se entrega ao Mosteiro da Encarnação.

Teresa, por ser uma mulher bela e, principalmente na forma de interagir com todos, se utilizava de gentileza e muita caridade, o que fez dela uma monja querida, não só pelas outras monjas, como também pelas pessoas que vinham visitá-la. “Todas estavam satisfeitas comigo, pois o Senhor me concedeu a graça de agradar a todos onde quer que eu estivesse, sendo assim muito querida”.⁹³

A vida no convento no início não foi fácil – “Esqueci de dizer que, no ano de noviciado, tive grandes desassossegos com coisas que, em si, pouca importância tinham (...). O fato de o mosteiro não estar fundado em muita perfeição pode relevar algumas faltas minhas (...)”⁹⁴ – quando estava absorvida pela segurança do convento, ficava em paz e suas orações eram dirigidas a Deus pela sua caminhada

⁸⁹ V 8,7.

⁹⁰ V 3,2 – HERRAIZ, G. M. *Oração, história de amizade*, p.27.

⁹¹ O Convento de Nossa Senhora das Graças, de religiosas agostinianas, onde Teresa entrou como educanda em 1531, aos quinze anos. Cf. AUCLAIR, M. *Teresa de Ávila*, p.33.

⁹² V 3,1.

⁹³ V 2,8.

⁹⁴ V 5,1.

religiosa. Quando batia a saudade da família, amigos e do mundo, suas orações eram frias e sem nenhuma convicção religiosa. Todos esses problemas e a ruptura do convívio familiar levaram Teresa a uma total fragilidade na saúde, e nesta enfermidade desconhecida a única saída foi a volta à casa do pai, ao trato familiar.⁹⁵

Ela agora é definitivamente uma monja do Mosteiro da Encarnação, da ordem carmelita, cujo nome deriva da montanha do Carmelo. Esse mosteiro observava a regra mitigada, ou seja, as monjas eram calçadas, a clausura já não era mais uma obrigação e a não obediência à regra não era mais motivo de punição, diferentemente da regra carmelita⁹⁶. Teresa cita as origens do Carmelo quando pede aos irmãos da ordem o olhar no passado, visando a continuidade de vida: “Assim, digo agora que, embora todas as que trazemos este sagrado hábito do Carmo sejamos chamados à oração e contemplação porque foi essa a nossa origem; descendemos dos santos padres do Monte Carmelo (...)”⁹⁷.

As religiosas podiam receber parentes e amigos para conversar, bem como para a degustação de doces e guloseimas. Este era o quadro dos mosteiros da época. Teresa fala, ironicamente, das imposições ideológicas que se reproduziam como estilo de vida nos mosteiros.⁹⁸

Teresa cai doente em virtude dos extenuantes jejuns, trabalhos e penitências, e a conclusão é inevitável, está enferma. Em virtude da doença, Teresa vai visitar uma curandeira em Becedas, lugarejo perto de Ávila, com sua amiga do Mosteiro, Joana Soares. Por ser inverno, ficou até a primavera na casa da irmã. Durante esse período, visitou novamente o seu tio, Pedro de Cepeda, que lhe ofertou um livro que mudaria toda a sua vida, “*O terceiro Abecedário*”, de Francisco Osuna.⁹⁹

⁹⁵ Cf. REYNAUD, E. *Teresa de Ávila e o divino prazer*, p.59-62.

⁹⁶ “A regra carmelita, dada por Santo Alberto, patriarca de Jerusalém entre os anos 1207 e 1212, fala de eremitas que viviam na gruta do monte Carmelo, próximo à fonte de Elias. [...] A regra carmelita dada por Alberto é um belíssimo mosaico de citações bíblicas, que evocam a necessidade de viver sob a direção de um responsável pelo grupo, fazendo voto de obediência, pobreza e castidade. Cf. SCIADINI, A. *Teresa de Ávila*, p.36-7.

⁹⁷ 5M 1,2.

⁹⁸ V 37.

⁹⁹ 1497-1540. Foi um frade espanhol e autor de algumas obras sobre espiritualidades no século XVI. O livro, *O Terceiro Abecedário*, é considerado uma obra-prima do misticismo franciscano, pois sua premissa é que a amizade e a comunhão com Deus são possíveis nesta vida, através da própria consciência e amoroso silêncio e, elevando-se acima do coração para Deus.

“Teresa nunca havia lido um livro como aquele. Desde as primeiras páginas, já se proclamava a possibilidade da amizade com Deus”¹⁰⁰.

Teresa leu muitos livros, alguns importantes autores espirituais na mística espanhola, que, em certo sentido, deram alicerce à sua busca de Deus e iniciaram Teresa no caminho da oração interior. São eles: *O terceiro Abecedário*, de Francisco de Osuna, *A subida do monte Sião*, de Bernardino de Laredo, e *A arte de servir a Deus*, de Alfonso de Madrid. Ao retornar a Ávila, seu estado de saúde ficou pior do que quando saíra do Mosteiro.¹⁰¹ Teresa estava desenganada e pede ao pai para se confessar, o que lhe foi negado. Entra em estado de coma.

Ao voltar deste profundo sofrimento, “receberam viva quem esperavam morta; o corpo, no entanto, estava pior do que morto, dando pena vê-lo”¹⁰², Teresa mais uma vez surpreende. Apesar da sua frágil saúde, viveu anos de um florescimento humano e espiritual, sempre acompanhada de livros.

Mesmo que sua enfermidade a tenha deixado muito debilitada, ainda assim reconhece:

Vendo-me tão tolhida com tão pouca idade, e por me valerem os médicos da terra, resolvi recorrer aos do céu para que me curassem; embora suportasse os sofrimentos com muita alegria, eu ainda desejava a saúde, imaginando que, com ela, serviria muito mais a Deus, embora pensasse que, se ficar curada servisse para me condenar, seria melhor continuar doente. Um dos nossos enganos é não nos submeter por inteiro ao que o Senhor faz, pois Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.¹⁰³

E pede a intercessão de “São José, pois se Jesus lhe deve obediência na terra, maior ainda seria sua obediência no céu”¹⁰⁴. Curada, vai buscar o amor incondicional de Deus, pois tanto pede esta graça. Com o corpo sadio e a doença curada, Teresa começa a sua cura da alma. Após essa grave enfermidade que a levou à beira da sepultura, Teresa recupera suficientemente a saúde e, finalmente, em 1554, o Senhor corresponde com uma torrente de graças extraordinárias que aceleram a sua maturidade espiritual. “Porém, vejo claramente a grande misericórdia do Senhor ao me dar ânimo para orar enquanto eu tratava com o mundo”¹⁰⁵.

¹⁰⁰ AUCLAIR, M. *Teresa de Ávila*, p.22.

¹⁰¹ V 5,8.

¹⁰² V 6,2.

¹⁰³ V 6,5.

¹⁰⁴ V 6,6.

¹⁰⁵ V 8,2.

Por estar num mosteiro de regra mitigada, ou seja, em que não se observava o recolhimento espiritual, Teresa era obrigada a estar na Corte, sempre que fosse mandada, apesar de não mais achar estes lugares confortáveis. O que queria era estar no recolhimento, na solidão e viver uma vida simples com o seu Senhor. “Sentindo-se chamada pela Providência a reformar a antiga ordem do Carmelo, tão célebre em toda a Igreja, pensa ver já a obra realizada, porque foi Deus quem lhe ordenou a empresa. É um milagre estupendo ver como essa moça construiu os seus conventos”.¹⁰⁶

Foi assim que teve a ideia de fundar mosteiros em que a regra primitiva fosse observada: a pobreza, a simplicidade e a oração. Teresa queria restaurar o antigo esplendor dos Carmelitas, aqueles eremitas que viviam no Monte Carmelo e que possuíam a verdadeira alegria, pois seu desejo era sempre servir a Deus com alegria numa pequena comunidade. E assim nasceu o Mosteiro de São José em Ávila, tendo como carisma da fundadora a verdadeira alegria do novo Carmelo. Marcada definitivamente por uma enorme profundidade e intensidade humana e espiritual, ela com mais algumas monjas pretendem abraçar um estilo de vida carmelita mais perfeito.

Em 13 de julho de 1563, Teresa de Ávila descalçou os sapatos e caminhou durante certo tempo com os pés descalços, em sinal de sua total pertença a Jesus. Mais tarde, calçou uma espécie de sandálias, as alpercatas de cujo nome foram chamados dos carmelitas descalços¹⁰⁷.

Sua firmeza e coragem vão contribuir para o surgimento, em pouco tempo, de numerosos conventos de mulheres e de homens: era a reforma de Teresa, ou seja, o seu Carmelo surgindo. Ela estava muito feliz com a sua nova vida com apenas quatro companheiras fiéis, dedicadas e livres. “Desde aquele dia, o Carmelo não foi mais o mesmo e a Igreja se beneficiou com uma ordem que se tornaria fermento transformador, a partir do interior da própria Igreja, através da oração, da solidão do sacrifício”¹⁰⁸.

De fato, a fundação do Mosteiro de São José em Ávila, foi o ponto de partida de uma imensa aventura. Teresa de Jesus começa assim as suas viagens pela Espanha. Sabe-se hoje que este caminhar levou a sua reforma ao mundo, ampliando significativamente aquela que é a Ordem Carmelita. No Mosteiro de São José, Teresa mostra o carisma de fundadora do novo Carmelo. Tendo recebido a

¹⁰⁶ BOSSUET. *Panegíricos*, p.391.

¹⁰⁷ SCIADINI, P. *Teresa de Ávila*, p.92.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.84.

graça de fazer alguma coisa para o Senhor, lançou-se à obra. Fato importante à obra é que Teresa nunca iniciou uma fundação sem o sino, porque seria dele a marcação do ritmo de vida carmelita. Medina del Campo foi realmente muito importante para Teresa, pois ali ela teve uma experiência extraordinária com o Cristo Eucarístico e, a partir daí, sempre e com muito cuidado, instalou a Eucaristia em todas as suas fundações.¹⁰⁹ Foi com essa fundação, o Mosteiro em Medina del Campo, abençoada e querida por Deus, que houve o primeiro encontro de Teresa de Jesus com o jovem João de São Matias, futuro São João da Cruz.

O ponto central da reforma do Carmelo por Teresa é a fidelidade à oração, a fraternidade, o amor à Igreja, um forte desejo de evangelização e a salvação de todos. Teresa sempre teve um coração cheio de otimismo e firmeza. “Sua coragem foi recompensada ao ver surgir, em pouco tempo ao seu redor numerosos outros conventos de mulheres e de homens: era o Carmelo de Teresa”.¹¹⁰

A lista das fundações teresiana é longa, mas vale a pena transcrevê-la: Malagón (1568), Valladolid (1568), Toledo (1569), Pastrana (1569), Salamanca (1570), Alba de Tormes (1571), Segóvia (1574), Beas de Segura (1575), Sevilha (1575), Villa Nueva de la Jarra (1580), Palência (1581) e Burgos (1582)¹¹¹. Apesar das dificuldades das fundações, Teresa sempre via no caminho traçado pelo seu Senhor a sua mão a ajudá-la, com firmeza e misericórdia. Era preciso ser uma presença do Cristo na Igreja e no mundo.

Teresa recebeu muita ajuda, tanto financeira quanto humana, referente à sua reforma. Isto aconteceu através das classes de banqueiros, homens de negócios, comerciantes, muitos eram judeus conversos, mas pouco teve que agradecer à aristocracia, salvo pouquíssimas exceções¹¹².

Teresa queria que os seus mosteiros fossem um lugar de silêncio, paz e oração, por isso, ela os queria no coração da cidade que os fundava, a fim de poderem exercer uma influência positiva no ambiente.

A fundação do Mosteiro de São José, em Toledo, foi especial. Como fala Frei Patrício Sciadini, OCD, era “Toledo a grande cidade rica de histórias e memórias, nem sempre boas, seja pelos eventos familiares, seja porque foi a cidade onde

¹⁰⁹ F 3,10.

¹¹⁰ SCIADINI, P. *Teresa de Ávila*, p.83.

¹¹¹ *Ibidem*, p.109-63.

¹¹² Cf. EGIDO, T. *Santa Teresa y su circunstancia histórica*, p.10-2.

João da Cruz permaneceu encarcerado”¹¹³, dando muitas preocupações ao coração maternal de Teresa. Foi a quinta fundação. Teresa trata dela longamente nos capítulos 15 e 16 das *Fundações*.¹¹⁴ Foi importante também porque Teresa escreve a primeira parte do livro *Castelo Interior ou Moradas*.

A fundação do Mosteiro em Pastrana está ligada ao episódio da princesa de Éboli, que conhecera Teresa e tornara-se sua admiradora. Essa senhora queria a qualquer preço ser Carmelita, e “Teresa aceita esta fundação depois de escutar a voz interior que a animava a dar esse passo”. Na viagem a Pastrana, ela conhece um italiano eremita pintor, de nome João da Miséria, que mais tarde pintaria o retrato de Teresa, o mais antigo que conhecemos até hoje.¹¹⁵

O novo impulso à obra de reforma dos mosteiros carmelitas foi possível a partir do

núncio espanhol, Ormaneto, que se valeu de sua especial autoridade, fez com que fosse nomeado como visitador de todos os conventos carmelitas da Andaluzia, reformados ou não, Pe. Graciano, que se considerou autorizado a abrir outras casas para os carmelitas reformados.¹¹⁶

Teresa vive então um período extremamente difícil à sua reforma, todas as hostilidades chegam ao ponto da prisão de João da Cruz. Pouco a pouco, o conflito entre os mitigados e descalços vai se apaziguando e, a partir do mês de julho, faz-se o acordo sobre a separação em províncias diferentes dos mitigados e dos reformados. Teresa acompanha este caso com muita paixão. Estando no Mosteiro de São José em Ávila, termina, em 29 de novembro de 1577, uma das suas maiores obras, *Castelo Interior ou Moradas*. O acordo entre os mitigados e os descalços será ratificado por Roma em 1580. Segundo Frei Patrício Sciadini:

Foi nesse período que Teresa recebeu a notícia do Capítulo dos Descalços em Alcalá de Henares, quando construíram uma Província independente e separada dos Calçados. Agora, finalmente, podiam descansar em paz! Essa notícia definiu o *Nunc dimitis* de Teresa. Com ela, seus olhos e seu coração viram a luz, a liberdade.¹¹⁷

¹¹³ “Ele foi preso no cárcere do convento de Toledo, onde permaneceu por vários meses, até conseguir fugir”. MARTINA, G. *História da Igreja*, p.225.

¹¹⁴ SCIADINI, P. *Teresa de Ávila*, p.115. Cf. F 15 e 16.

¹¹⁵ Ibidem, p.117-8.

¹¹⁶ MARTINA, G. *História da Igreja*, p.225.

¹¹⁷ SCIADINI, P. op. cit., p.156.

Teresa volta a ser nomeada priora no Mosteiro de São José, ela sente-se cansada de todas essas viagens, porém ainda tem esperança de fazer uma outra fundação num grande centro, em Madri.

O seu último encontro com João da Cruz foi marcado por uma certa melancolia, pois ele a convida para o acompanhar na fundação de um mosteiro em Granada, mas Teresa deverá ir a Burgos e, por isso, não pode aceitar. Assim, eles se despedem.

Ao receber a ordem de frei Antônio de Jesus, vigário provincial, de ir a Alba de Tormes onde a duquesa exige a sua presença, Teresa fica desolada, pois estava planejando cuidadosamente a viagem a Madri. Por esta ordem ela não esperava, mas obedeceu.¹¹⁸ Quando chega a Alba de Tormes, depois de uma viagem bem sofrida, se estabelece no Mosteiro de Nossa Senhora do Carmelo, onde viverá seus últimos dias.

Teresa de Jesus morre no dia 4 de outubro de 1582, por volta das nove horas da noite, com a cabeça entre os braços de Ana de São Bartolomeu, monja amiga¹¹⁹.

Para Teresa, a vida cristã é, acima de tudo, relação pessoal, é atualização com o Cristo. É impensável viver a espiritualidade sem sentir-se marcada pela experiência da humanidade de Cristo, e foi isso que Teresa viveu. Ela vive a sua pertença a Cristo não esquecendo da Virgem Maria, a qual foi consagrada após a morte de sua mãe. E ela mesma diz:

Filhas minhas, imitemos um pouco a grande humildade da Virgem Santíssima, cujo hábito trazemos, pois é muito impróprio nos chamarmos monjas suas, já que, por mais que tenhamos a impressão de nos humilhar, bem longe estamos de ser filhas de tal Mãe e esposa de tal Esposo¹²⁰.

2.5 Conclusão

Ao ler a sua biografia, percebemos que Teresa está disposta a dar a vida por uma verdade e pela Igreja.

¹¹⁸ Cf. AUCLAIR, M. *Teresa de Ávila*, p.388-90.

¹¹⁹ Cf. ROSSI, R. *Teresa de Ávila*, p 246.

¹²⁰ C 13,3.

Não resta dúvida que Teresa vê as necessidades da Igreja, sente os sinais por que passa a ruptura da unidade do cristianismo, as grandes descobertas, as guerras etc, que foram decisivos no sentido do tipo de Igreja que tenta nos passar.

A fundação do Mosteiro de São José mostra a nova Igreja vista por Teresa, uma Igreja missionária em expansão baseada num histórico místico, de um amor filial para com a mãe Igreja.

Teresa mostrou o valor da alegria e pede que as irmãs compreendam esse grande aliado à sua caminhada. “(...) alegrai-vos mais do que se louvassem a vós. Na verdade, isso não é difícil; se tem humildade, uma alma sente antes pesar por se ver louvada. É grande coisa a alegria sentida por se conhecerem as virtudes das irmãs”¹²¹.

Sabemos que Teresa teve a sorte de viver uma intensidade cultural religiosa em virtude da proximidade das duas grandes universidades: Salamanca e Alcalá. Ela soube trazer a cultura da época para dentro dos mosteiros através dos grandes teólogos tanto dominicanos quanto jesuítas. Isto mostra que ainda hoje sua espiritualidade é sustentada dentro da Igreja.

Como muito bem escreveu Frei Beto em seu artigo “Teresa, um caso de amor”:

Teresa foi uma feminista *avant la letter*, numa época em que, na Europa, mulheres eram relegadas ao analfabetismo e as místicas atiradas à fogueira da Inquisição como bruxas. Leitora compulsiva, reformou a Ordem das carmelitas, indignada com os conventos transformados em depósitos de mulheres cujos maridos vinham explorar as riquezas do Novo Mundo. Teresa rompe com o Carmelo convencional, e também com a mediação do clero entre a pessoa e Deus. Peregrina incansável, funda comunidades de mulheres vocacionadas à exclusividade do amor divino. (...). Seu principal discípulo e cooperador não foi uma mulher, e sim um homem, João da Cruz. (...) Nela se realizou, em plenitude, a promessa de Jesus: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e viremos a ele e nele faremos a nossa morada” (João 14,23)¹²².

Teresa de Jesus viveu para a sua fé. Uma fé profunda que a levou à íntima relação com Jesus. Ela não esteve longe das dúvidas e dos medos, e, por isso, falava com aqueles que lhe inspiravam confiança, a fim de reafirmar sua fé. Teve, às vezes, muita tristeza por não ser compreendida nem apoiada, passou por situações incômodas, principalmente quando foi vigiada pela Inquisição.

¹²¹ 5M 3,11.

¹²² FREI BETTO. Teresa, um caso de amor.

Não podemos falar de sua pessoa sem denominá-la com o seu duplo carisma: mística e fundadora.

Não era fácil ser mulher naquela época. O lugar da mulher era em casa. A mulher na sociedade e na Igreja não era contada, ou quando acontecia era muito pouco ou quase nada, devia sempre permanecer calada, submissa e obediente. Notamos, então, o valor de Teresa, uma fundadora, uma mulher que renova não somente o Carmelo feminino, mas também o masculino, sendo por isso, sem dúvida alguma, uma mulher bastante visada.

Sua vida marcou época, pois num mundo dominado por homens, ela defende o direito das mulheres ao desenvolver a sua própria personalidade, e desse esforço ela convenceu seus contemporâneos.

Vimos neste capítulo uma Teresa aberta a novas conquistas, atenta sempre ao crescimento do outro. Podemos nos perguntar: qual a raiz última desta atenção audaz à realidade? Não seria uma forte experiência do amor de Cristo que a liberta para uma nova autoconsciência e para o amor concreto?

É o que veremos no próximo capítulo.

3 Fundamentos teológicos da liberdade humana

O que fez Teresa tão livre?

Este capítulo se propõe a explicitar os fundamentos da liberdade humana, portanto, teresiana, através do aprofundamento em alguns autores contemporâneos e também da própria Teresa de Jesus.

A teologia hoje volta o seu olhar para os místicos. Já notou Karl Rahner, ao falar do cristianismo do futuro, que ou “será místico ou não será”¹²³. A mística cristã não está separada da teologia, pois é um discurso sobre Deus, a partir da experiência pessoal do mistério, sem a qual não há experiência de fé. Este é o conhecimento primeiro que impulsiona a reflexão e a narração.

A mística é a experiência do mistério. Teresa testemunha o mistério de Deus, da Trindade, de sua graça salvadora. Se ela desejava que os espirituais fossem letrados “se tem experiência e passou por essas coisas, o confessor não precisa de muito tempo para entendê-lo”¹²⁴, também desejava que os teólogos fossem levados a uma experiência pessoal de Deus¹²⁵ “por isso, aconselho-vos a procurar alguém que seja muito erudito e – se achar – também espiritual”¹²⁶. Teresa sintetizou em sua vida a mística e a “teóloga”, ganhando luz própria e interesse por parte dos estudiosos em teologia. Deixa de ser apenas a devota e doce Teresa, para se revelar aquela que, falando da profundidade interior, mostra o núcleo mais escondido do santuário do homem, onde estar a sós com Deus é ouvir a voz que dele ressoa¹²⁷.

Este é o processo fundamental do cristão: a escuta da Palavra de Deus e a experiência da fé. Lendo os escritos teresianos, é possível perceber que a experiência mística não está em oposição, ou contra a teologia, mas pertence, essencialmente, ao fazer teológico. A experiência mística é o primeiro fundamento e o ponto de partida do processo teológico. Nisso, Teresa soube mostrar, como

¹²³ Cf. RAHNER, K. *O cristão do futuro*, p.78-81.

¹²⁴ 6 M9,11.

¹²⁵ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L. *Teresa de Ávila: testemunha do mistério de Deus*, p.155-59.

¹²⁶ 6 M 8,9.

¹²⁷ Cf. GS 14 e 15.

mulher e mística, a força da experiência de fé expressada com novas palavras.

Teologia e mística caminham juntas. Com os seus testemunhos, os místicos ajudam a teologia a progredir na compreensão da Revelação. “O que eles descrevem é na verdade a história de amor entre o homem e Deus”¹²⁸. Sendo assim, uma teologia, que perde o contato com a experiência da fé e não mais reflete sobre a sua vivência, corre o risco de alienar-se da realidade.

Os místicos contribuem na transmissão e aprofundamento da compreensão da fé. Ao analisar os textos da *Lumen Gentium* e da *Gaudium Et Spes*, podemos dizer que o “Vaticano II reconhece, na mística, um carisma eclesial”¹²⁹. A mística passa a ser um serviço à renovação e ao crescimento da Igreja. É um enriquecimento na compreensão da Revelação. “A mística cristã é teologia”¹³⁰.

Teresa de Jesus não é somente autobiografia, como vemos no *Livro da Vida*. Sua preocupação, quando escreve, é também doutrinal. Ela narra a sua própria experiência, para anunciar a mensagem e a palavra que serão válidas para todos. Este é o modo de fazer de Teresa: de sua vida e experiência à mensagem e anúncio doutrinal. Passa do subjetivo a uma mensagem universal. E, assim, só através desta metodologia teresiana, percebemos um convite para descobrir nela e através dela o itinerário sobre a relação entre Deus e o homem. E chegamos a descobrir quem é Deus em cada um de nós.

Ela ensina que não há portas fechadas ao convite da misericórdia: Teresa chama todos a participar. A viver na graça, como descreve Lúcia Pedrosa-Pádua: “Viver na graça nunca é um termo abstrato na teologia teresiana, pois a santa fala a partir de uma experiência. Esta experiência a possibilitou viver conscientemente a vida na graça e a fez aprender a discernir os efeitos da presença de Deus atuante na alma”.¹³¹

Teresa apresenta o Deus que preside a nossa vida e nos convida a crer nele, pois é ele o sentido da História da Salvação. Ele é nossa própria História de Salvação.

Teresa quer mostrar que quanto mais perto de Deus, o homem se descobre mais perto de si mesmo. É o chegar ao centro de sua vida. Neste caminhar,

¹²⁸ MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida*, p.190.

¹²⁹ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.25.

¹³⁰ Ibidem, loc. cit.

¹³¹ Ibid., p.132.

percebe-se que Deus é graça e dá a graça ao homem. A graça é, portanto, a oferta salvífica aos seres de razão e liberdade. A maior liberdade que o homem pode experimentar é em Cristo, pois “é para sermos verdadeiramente livres que Cristo nos libertou”.¹³² É só Cristo que sustenta e possibilita ao homem amar. O amor é o ápice da liberdade. Então, se percebe que liberdade e amor se integram na mística de Teresa e que esta relação dialógica entre o homem e Deus forma a totalidade do homem.

Teresa, se não tivesse a firme certeza de que a sua experiência seria algo muito útil a todos, pela revelação de Deus, nunca se poria a escrever. O Deus de Teresa é o Deus de todos. Por isso, sua história tem um caráter testemunhal que não podemos deixar de apreciar, porque ilumina a nossa vida espiritual. É um testemunho que questiona e interpela a nossa fé, através da imagem de Deus que chega aos nossos olhos e coração. E não podemos negar que cada um vive a imagem que tem de Deus na sua consciência, olhos e coração.

Nesse capítulo abordaremos os fundamentos da liberdade humana e teresiana a partir dos teólogos Mario de França Miranda, Afonso Garcia Rubio e Adolph Gesché e, como já dissemos, da própria Teresa, que não nos abandonará. A partir da visão de Mario de França Miranda, veremos que Cristo não só fundamenta nossa vocação à liberdade, como também é a meta da ação salvífica de Deus, sendo Ele o centro de toda a eleição. A graça como liberdade move o homem por inteiro. Ao viver a transformação interior da graça, o homem descobre o segredo que está em tirar os olhos de si mesmo e se deixar olhar por Deus. Assim, vamos entender que somente o amor de Deus pode fortalecer a liberdade no combate ao pecado. E que, por um mistério que não conseguimos entender, Deus, ato puro, quis precisar da sua criatura. Por isso, a relação de amor entre Ele e o ser humano é mútua. Esse amor afirma a totalidade da pessoa como também a realização plena de sua existência.

Adolphe Gesché afirma que crer em Deus, ter fé, faz parte da construção do homem. Para ele, o cristianismo conseguiu, ao mesmo tempo, uma afirmação de Deus e do homem. Cristo se entregou totalmente a Deus e ao homem. E completa que Cristo é apaixonado pela causa de Deus e pela causa do homem. Dizer que

¹³² Gl 5,1.

o mundo está nas mãos de Deus, concebido como sujeito, consiste em dizer que Ele é a própria fonte de esperança e salvação.

Por sua vez, Garcia Rubio nos mostra a inter-relação entre o mundo interno e o externo, a relação de imanência e transcendência.

Ao final do capítulo, abordaremos a experiência de amor e liberdade em Teresa de Jesus. Teresa nos mostra que a mística pode curar e libertar, porque nos tira da superficialidade e nos leva ao mais profundo da vida. Para ela, a liberdade é vivida num grau mais elevado quando existe a experiência do amor concreto. Deus aparenta estar escondido. A realidade é que Ele está aí, mas não quer nos obrigar a manter uma amizade consigo se não for por amor, em liberdade. É indispensável, por parte do homem, uma busca completamente livre.

Para Teresa, a vida de oração é uma fonte onde brota a verdadeira liberdade evangélica.

3.1 A graça como liberdade

Teresa de Jesus é testemunha experiencial de Deus, pois testemunha, acredita, garante a verdade de um feito existente ou que existiu. Com a autoridade de quem acredita na sua experiência, chama a atenção do leitor sobre o ser de Deus que, segundo ela, cabe num só pensamento: Deus se dá e se comunica. E a sua comunicação é libertadora.

A graça não é aquilo que o homem faz, mas é a possibilidade gratuita fundada sobre um gesto livre e imprevisível de Deus. É oferecido ao homem o transcender-se, o ultrapassar-se e entrar em comunhão viva com Deus através de dois elementos indispensáveis: a graça e a colaboração humana.

Deus é graça e dá a graça ao homem. Há a prioridade de Deus no diálogo salvífico, ou seja, a incapacidade fundamental do ser humano de realizar a sua autossalvação.¹³³

Deus não força jamais o homem à sua comunhão, pois respeita a sua liberdade. Assim, o homem deve dispor-se consentindo livremente ao chamado da graça e cooperando com ela. Por isso, o homem é um ser de resposta e Deus espera

¹³³ Cf. DEL BLANCO, M. M. Santa Teresa testigo experiencial de Dios, p.249-53.

a nossa resposta, tanto positiva quanto negativa. Na medida em que o homem responde livremente a esse amor de Deus, cada vez mais vai se desapegando daquilo que o torna escravo. A grandeza do ser humano encontra o ápice em sua liberdade. “A liberdade verdadeira é um sinal privilegiado da imagem divina no homem.”¹³⁴

No século XX, um autor que nos ajuda a compreender a relação entre graça e liberdade humana é Mario de França Miranda. De acordo com ele, a graça é a oferta salvífica aos seres de razão e liberdade: “Deus tem sempre a prioridade na salvação do homem (...) É sempre o próprio Deus quem toma a iniciativa de chamar os pecadores por meio de Jesus Cristo”.¹³⁵ A salvação é oferecida a todos independentemente da situação moral ou credo religioso. O relacionamento entre a ação salvífica de Deus e a liberdade do homem foi extremamente dificultado pela teologia da predestinação, em que todos os eventos são desejados por Deus. Na desconstrução dessa teologia, Mario de França Miranda afirma que Cristo não só fundamenta nossa vocação à liberdade, como também é a meta da ação salvífica de Deus, sendo Ele o centro de toda a eleição. Em outras palavras, a nossa eleição – de todos – em Cristo está vinculada ao amor e à benevolência de Deus. É totalmente gratuita. Sendo assim, a liberdade do homem se encontra sob o dinamismo do amor de Deus e de sua vocação última para a visão beatífica¹³⁶. Quanto mais eu anunciar o Reino de Deus, para que ele se torne vivo entre nós, mais eu intensifico a minha fidelidade, alegria e esperança nesta eleição em Cristo.

Walter Kasper, ao analisar a Igreja hoje e como podemos testemunhar Deus nos dias atuais, diz que: “precisamos começar de novo a partir de Jesus Cristo”.¹³⁷ Ele relembra que Deus aparece para nós concretamente na face humana de Jesus Cristo e que todos os movimentos de renovação e reforma no curso da História da Igreja passaram a colocar Jesus como fundamento.¹³⁸ Sabemos então, que o futuro da Igreja está nas mãos de quem coloca Jesus no centro de tudo e o busca como pérola ou o tesouro escondido.¹³⁹ Com razão, Jesus proclamador passou a ser o Cristo proclamado e é por isso que Ele pode ser chamado de forma pessoal de

¹³⁴ GS 17.

¹³⁵ MIRANDA, M. F. *A Salvação de Jesus Cristo*, p.83.

¹³⁶ Cf. *ibidem*, p.59-62.

¹³⁷ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p.420.

¹³⁸ Cf. *ibid.*, p.421-2.

¹³⁹ Mt 13,44-46.

Senhorio de Deus, graça de Deus em pessoa. O cristão sabe que desde o início a graça de Deus está com Ele. Partindo da convicção fundamental comum de que Deus é sujeito e soberano do agir em graça, o Novo Testamento vai além do Antigo Testamento, uma vez que a história de amor de Deus com os seres humanos entrou em uma nova época, na era definitiva da salvação por meio de Jesus Cristo.¹⁴⁰

França Miranda nos mostra que “a certeza da eleição não pode ser, por conseguinte, de cunho teórico, e sim existencial. Seu fundamento é a salvação que nos trouxe Jesus Cristo; dela podemos estar certos enquanto formos fiéis a Ele”¹⁴¹. Essa certeza se apoia na esperança. Isto nos dá consolo e alegria, pois se alicerça somente em Deus. Nosso autor observa que Jesus falava a partir de sua experiência. Pregava a partir daquilo que vivia. Ora, o como falava da fé era fruto da sua entrega e da sua vida. Não se pode negar que viveu uma doação total a Deus, a ponto de chamá-lo de Pai. Foi sem dúvida, alguém totalmente centrado no Pai.

O teólogo França Miranda observa que Jesus viveu o amor do Pai no mais profundo de sua pessoa. Fez de sua vida uma resposta a esse amor, “Jesus se apresentava como alguém livre para amar seus semelhantes”¹⁴², sempre voltado para o outro, mesmo que isto significasse prejuízo e sofrimento, má reputação ou incompreensão, conflito e ameaça.

A vida de Jesus é a história da entrega de sua vida ao Pai, do exercício de sua liberdade sempre voltada para fidelidade à vontade de Deus. “Ele foi em tudo semelhante a nós, menos no pecado.”¹⁴³ Então, não podemos falar de salvação à luz da fé cristã sem a pessoa de Jesus Cristo. Ele trouxe a salvação e sua história dá conteúdo e sentido à nossa vida. Quando assumimos a atitude fundamental – o amor ao próximo – que caracteriza a vida de Jesus, significa que estamos respondendo a Deus, acolhendo o seu Reino e caminhando para a salvação definitiva. Isto significa que assumir a atitude fundamental de Jesus faz parte do ser cristão¹⁴⁴.

¹⁴⁰ Cf. HILBERATH, B. J. Doutrina da Graça, p.13-49.

¹⁴¹ MIRANDA, M. F. *A salvação em Jesus Cristo*, p.65.

¹⁴² Ibidem, p.73.

¹⁴³ Jo 8,46.

¹⁴⁴ Cf. MIRANDA, M. F. op. cit., p.73-4.

Esta certeza nossa santa experimentou. Podemos dizer que a mística de Teresa é cristocêntrica por causa dessa experiência, desse encontro. Ela experimentou em Jesus a graça de Deus. Jesus é a expressão máxima da graça de Deus. O apóstolo João fala que “em Jesus recebemos graça sobre graça”¹⁴⁵.

Teresa adota o nome Teresa de Jesus, que é muito significativo, pois mostra que Jesus é, realmente, o centro da sua vida, a graça de Deus.

Ao falarmos sobre a graça que é a inclinação de Deus para com o ser humano pela afeição, amabilidade, benevolência, solidariedade, bondade, além disso tudo, nos proporciona a plenitude e salvação. A salvação revelada em Cristo e proporcionada no Espírito está destinada a todas as pessoas. A graça designa um comportamento fundamental e essencial de Deus que visa ao bem da pessoa inteira. Em primeiro lugar, a graça foi referida ao povo de Israel. A novidade está que a graça de Deus agora no Novo Testamento recebe um nome definitivo – Jesus Cristo – e que ela aparece em seu caráter pneumatológico universal¹⁴⁶.

Teresa mostra que a graça não anula os esforços, mas sim, os méritos. A graça é contrária ao merecimento, nunca ao esforço.

Quando vejo algumas pessoas muito diligentes em compreender a oração que têm e muito empertigadas quando estão nela, percebo quão pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. E pensam que nisso reside o essencial. Não, irmãs, não; o Senhor quer obras.¹⁴⁷

Fomos salvos para praticarmos as boas obras que Deus mesmo preparou para que andássemos nela¹⁴⁸. Todos são chamados a praticar as boas obras, mas somos salvos pela graça de Deus. A salvação é presente, nunca resultante de nossas obras, mas, unicamente, por causa da cruz de Cristo.

Teresa de Jesus tem uma visão equilibrada e correta da importância das boas obras, do esforço, e reconhece que é somente pela graça que adentramos às Moradas de Deus. “A alma não sabe como pode merecer tanto bem, de onde ele pode advir, quero dizer, pois ela bem sabe que não o merece”¹⁴⁹.

A graça de Deus move o ser humano no intenso desejo de meter-se pelo mundo adentro, a fim de contribuir para que ao menos uma só alma louve mais a Deus. Foi este experimentar da graça de Deus que levou Teresa, mesmo com

¹⁴⁵ Jo 1,16.

¹⁴⁶ Cf. HILBERATH, B. J. Doutrina da Graça, p.13-49.

¹⁴⁷ 5M 3,11.

¹⁴⁸ Ef 2,10.

¹⁴⁹ 5M 2,7.

todas as dificuldades, a andar pela Espanha fundando mosteiros, para que muitas outras pessoas pudessem também louvar mais a Deus. “Estendei, Senhor, o Vosso poderoso braço, a fim de que não viva a alma em coisas tão baixas. Resplandeça a ossa grandeza em ser tão feminil e mesquinho, para que o mundo entenda que nada vem dele e para que todos Vos possam louvar”.¹⁵⁰

Todos os que no Espírito Santo experimentam a graciosa dedicação de Deus e professam que, sem qualquer direito próprio, por pura graça, foram justificados perante Deus em Jesus Cristo, resgatados da escravidão e acolhidos como filhas e filhos do Pai, o Espírito Santo reúne na comunhão da graça que é a comunidade Igreja, para cuja edificação Ele concede seus dons da graça.

Sem que se possa resolver assim o mistério na relação entre graça e liberdade humana, surge deste modo a possibilidade da relação de liberdade na qual Deus libera a pessoa e lhe permite ser livre, sendo que esta, por sua vez, só vai encontrar sua verdadeira liberdade e humanidade no encontro com Deus e a partir do mesmo.

Liberdade, então, não se entende mais como mera capacidade de optar, mas como afirmação, vem do íntimo do próprio ser. Aquilo que se pode observar em Jesus de Nazaré poderia assim se reproduzir na experiência da graça: quanto mais se aproxima de Deus, a pessoa se torna não menos e sim mais humana.

Concluimos que uma das convicções fundamentais da autocompreensão atual seja a de que a liberdade não é apenas liberdade *de*, mas justamente também liberdade *para*, insistindo em sua realização.¹⁵¹ E isto Teresa viveu.

Essa liberdade interior, que Teresa viveu, trata-se da liberdade que se produz quando se sente que se tem tudo, porque se tem Deus. Assim, o coração descansa, já não se fadiga em busca de paz, porque não cobiça mais nada, nem nada o oprime, pois Deus está no centro de sua humanidade. Teresa fala que “nossas vidas já não são mais nossas, e sim de Cristo”.¹⁵² Ela mostra que o amor muda o nosso olhar. E que o mútuo conhecimento não esgota a riqueza nem a complexidade da amizade com Cristo. Por isso, ela teve muito cuidado em dizer a todos que “a verdadeira meditação não consiste em pensar muito, e sim em amar

¹⁵⁰ 6M 6,4.

¹⁵¹ Cf. HILBERATH, B. J. op.cit., p. 13-49.

¹⁵² 5M 2,4

muito”¹⁵³. O que ela quis nos dizer foi que pensar não é o suficiente, devemos amar. Amar para Teresa é quando alguém aprende a sair de si para amar os outros e deixar-se amar por eles. Assim é possível tocar o Deus de amor. É aprender a descobrir o Cristo no outro, em sua voz, em seus clamores. É aprender a encontrar-se com os outros, com paz interior, valorizando-os e aceitando-os.

Teresa mostra a importância desse amor cristão: “por ser muito importante este amor, de umas com as outras, desejaria eu que nunca o perdêsseis de vista”¹⁵⁴.

3.2

A liberdade como amor

Fica claro, para nós, que Deus tem a prioridade da salvação do homem. É Deus que sempre toma a iniciativa de chamar todos em Jesus Cristo, porque sabe da impotência do ser humano. O homem nada consegue pelas suas próprias pernas.

O Reino de Deus irrompe na pessoa de Jesus Cristo, através de sua liberdade e de sua entrega. No Cristianismo, a revelação do que seja salvação cristã acontece como momento interno do desígnio salvífico de Deus e abrange toda a vida de Jesus.

A entrega de Jesus Cristo em nosso lugar não nos fornece a salvação automaticamente violentando a nossa liberdade, mas significa a possibilidade de construirmos nossa eternidade ao fazer também nossa a sua entrega por meio da fé, da esperança e da caridade¹⁵⁵.

Em Deus se identificam a solidariedade, como também o amor. Assim, podemos afirmar baseados no pensamento de Mario de França Miranda que a solidariedade incondicionada de Jesus Cristo a todos nós é a prova de seu amor pelos seres humanos.¹⁵⁶

Outro ponto importante é a incapacidade do homem em relação ao pecado. É impossível para o homem se libertar do pecado, por isso ele reconhece a sua necessidade de união com Deus. Para Mario de França Miranda, nossa eleição em Cristo se deve exclusivamente ao amor e a benevolência de Deus. Ela é totalmente

¹⁵³ 4M 1,7.

¹⁵⁴ 1M 2,18.

¹⁵⁵ MIRANDA, M. F. *A salvação em Jesus Cristo*, p.74.

¹⁵⁶ Cf. *ibidem*, p.75-81.

gratuita e nos é concedida como dom, jamais poderemos considerá-la algo que possuímos, algo que nos dê qualquer garantia sobre a salvação.

É de se notar que o pecado é uma real escravidão, é uma ausência de liberdade, que o homem quer vencer, mas não consegue. Por suas próprias forças, para isso, se faz necessária a graça de Deus, somente essa graça pode realizar tal feito. Com a graça recebida, o homem vence o pecado, pois ela vem de Deus e liberta o homem. Somente o amor de Deus pode fortalecer a liberdade para que o homem seja capaz de combater o pecado. O pecador se torna um escravo do pecado e a ação de Deus lhe permite a liberdade em plenitude.

Para França Miranda, “tanto a Aliança no Antigo Testamento como o Reino de Deus, no Novo Testamento, apresentam uma estrutura dialogal, uma estrutura de encontro de pessoas”¹⁵⁷. Percebemos a iniciativa de Deus, resta-nos o acolhimento livre por parte do homem. Jesus Cristo é o ápice e modelo da perfeita realização da liberdade na salvação cristã. Uma visão errônea da prioridade da ação divina pode dar a impressão que, ao aceitá-la, o ser humano se confessa impotente diante do desafio da história. Desta maneira, a salvação cristã não será “aceita como redenção, perdão ou libertação do pecado”¹⁵⁸. Deus é a prioridade da salvação do homem. É sempre o próprio Deus quem chama os pecadores tomando a iniciativa através de Jesus Cristo.

Mario de França Miranda observa que Tertuliano (155-220) usa a distinção entre “natureza”, que é boa, mas marcada pelo pecado, e “graça”, como consequência do batismo, sem, contudo, chegar à necessidade agostiniana de uma ação interna de Deus na vontade livre do homem. Séculos depois ao Concílio de Trento apresentam-se as disputas teológicas sobre natureza e graça, polemizando o relacionamento da ação divina com a liberdade humana¹⁵⁹. Mario de França Miranda nos explica que Santo Agostinho (354-430) cria sua teologia da graça antes de sua disputa com Pelágio. E que a doutrina de Santo Agostinho parte do pecado, compreendido como pessoal e de origem, baseando-se assim na carta aos romanos: “No qual todos pecaram”.¹⁶⁰ Fazia uma certa aversão ao corpóreo, como fruto da concupiscência, por isso “o pecado é uma real escravidão, uma ausência de liberdade,

¹⁵⁷ Ibidem, p.81.

¹⁵⁸ Ibidem, p.83.

¹⁵⁹ Cf. ibid., p.83-7.

¹⁶⁰ Rm 5,12.

um peso que contraria o homem que quer, mas não consegue vencê-lo”¹⁶¹. Assim, para Agostinho, a graça não é só o perdão, mas a cura e uma força auxiliar.

Quando falamos de liberdade, logo pensamos na liberdade de escolha, de especificação. Quando empregada na teologia, a noção de liberdade apresenta dificuldades. A noção de liberdade, como explica o autor França Miranda, “não consiste numa faculdade, ao lado de outras como: a inteligência, a memória ou a fantasia; e parte apenas de uma pessoa, que não explica como pode acarretar um desenlace definitivo que abarque toda a sua vida”.¹⁶² Trata-se de algo mais interno. Em cada ato livre o sujeito é atingido pela sua opção. E o objeto mais original de seu ato livre é ele mesmo. Então, todos os objetos ao seu redor são objetos da liberdade enquanto “mediatizam o sujeito a si mesmo”¹⁶³.

Entendemos, então, que a liberdade não é a faculdade do que se pode fazer ou não, mas a faculdade que decide sobre si mesma, que constrói a si mesma. Não é uma potência neutra que pode realizar essa ou aquela ação. Ela diz respeito ao homem como um todo. Basta ter em mente que o homem é responsável por sua salvação, mas foi Deus que possibilitou chegar a ela. Sem a ação de Deus, o homem não a obteria. É Deus que capacita a liberdade do homem em agir livremente. Através do pensamento de Mario de França Miranda, entendemos que a ação da liberdade atinge o sujeito em sua totalidade. Ele afirma que o “ser humano não apenas tem, mas é liberdade”¹⁶⁴, o ser humano é liberdade por causa de suas opções livres. Então, o exercício da liberdade implica não só uma tomada de posição em relação a si mesmo, mas também em relação a Deus. É de se notar que não podemos omitir a presença de outras liberdades, pois vivemos numa comunidade que é intersubjetiva. Notamos que a nossa liberdade é afetada por liberdades alheias e estas podem favorecer ou não o exercício da nossa liberdade.

Historicamente, podemos conceituar que a liberdade humana está ligada ao apelo do Reino de Deus, em virtude da oferta divina de participarmos com nossa vida na construção do caminho de vida eterna. A ação de Deus quer a nossa contribuição a partir da nossa liberdade. Deus quer que o ser humano responda

¹⁶¹ MIRANDA, M. F. op.cit., p.84.

¹⁶² Ibidem, p.90.

¹⁶³ Ibid., loc. cit.

¹⁶⁴ Ibid., loc. cit.

livremente à sua oferta. Este relacionamento entre Deus e nós se dá através do amor. Quando existe amor, existe liberdade, crescimento e realização.

O que vemos é que o homem quer estar entregue às suas próprias forças. Num mundo caracterizado por tantas “ofertas de felicidades”, ele se torna um joguete nos apelos dos diversos segmentos de mídia, não consegue sair dessa condição absurda que o “seduz”, desviando-lhe “as forças e a vocação” para amar o seu semelhante. E, com isto, ele vai perdendo a percepção que é exatamente o “gesto gratuito de Deus, revelado e realizado em Jesus Cristo, que o liberta, estimulando e capacitando sua liberdade para o amor”¹⁶⁵.

Não se pode perder de vista que a liberdade consiste em exercitar a graça que nos é dada por Deus e nos impulsiona a discernir o certo do errado – através do livre arbítrio – em nossos pensamentos e ações. Sabendo que, para que isso aconteça, é necessário o caminho por Cristo. Ele é o nosso caminho, a nossa liberdade. Assim expõe Mario de França Miranda:

(...) o ser humano é liberdade que se constitui por suas opções livres. Elas concretizam a orientação profunda que confere à sua existência, já que suas ações livres dizem respeito a si mesmo, à sua autorrealização, à sua liberdade profunda atuada, à sua eternidade. E se temos presente que só age livremente com relação aos bens finitos porque sua liberdade está estruturalmente voltada para o bem infinito, para Deus, que lhe confere o dinamismo que a faz ultrapassar o limitado, então o exercício da liberdade implica não só uma tomada de posição em relação a si mesmo (o que quer fazer de sua vida), mas também em relação a Deus.¹⁶⁶

Sabemos que a liberdade profunda diz respeito à totalidade da pessoa, isto é, que a partir dos atos livres vai se constituindo o ser pessoal. Sendo assim, dos nossos atos livres podemos ter uma vida orientada por Deus ou por nosso egoísmo. Mario de França Miranda alerta que a nossa resposta à oferta salvífica de Deus em Jesus Cristo corresponde à nossa atitude religiosa na entrega absoluta a Deus. Esta resposta pode ser identificada como: conversão, fé e amor¹⁶⁷.

Esse amor, enquanto afirma a totalidade da pessoa, também é a realização plena da sua existência. Quando a liberdade está voltada para Deus, libertada pela ação do Espírito, o homem começa a viver na terra a atitude que se constituirá no céu. Já o homem pecador, que tem a sua liberdade fixada em si mesmo, no seu egoísmo, será sempre escravo de sua atitude mesquinha e pequena. Podemos dizer

¹⁶⁵ MIRANDA, M. F. *A salvação de Jesus Cristo*, p.96.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 91.

¹⁶⁷ Cf. *ibid.*, p.129-30.

que a felicidade do homem é Deus. E mais: que “o amor autêntico a Deus nasce, vive, cresce e se comprova a partir de opções concretas, em geral, atos de virtudes”.¹⁶⁸ Todas as virtudes cristãs são geradas no amor, criando frutos.

O pecado não corrompe a liberdade, mas limita e condiciona a sua ação. Teoricamente, a liberdade pode tudo. O pecado realmente acorrenta a liberdade para viver o amor, por isso, o pecador é um escravo do pecado que alienou sua liberdade e não consegue sair pelas suas próprias forças. Desse modo, a ação de Deus se revela absolutamente necessária. Ela liberta a liberdade escrava e devolve ao homem a liberdade em plenitude¹⁶⁹.

Conforme Mario de França Miranda, o tema da ação de Deus e a liberdade do homem marcou toda a Teologia da Graça no Ocidente. Para ele, o homem é responsável por sua salvação, mas sabe que foi Deus que lhe possibilitou chegar a ela. Sem a ação de Deus, não seria possível. No enfoque tradicional, Deus e a liberdade humana são como duas forças antagônicas: “quanto mais força tinha Deus, mais impotente o ser humano e vice-versa”¹⁷⁰. Mas no enfoque atual, a relação entre ambas foi profundamente revista: a graça possibilita a liberdade.

De fato, Deus é transcendente e, portanto, sua ação não se situa no mesmo patamar das causas criadas e também não é objeto acessível à inteligência e à liberdade humanas. É exatamente Deus que dá a elas seu existir e agir. É Deus que atua de modo transcendente em nossa liberdade, é Deus que capacita a liberdade de agir. O mais notável é que a relação Deus-criatura é baseada na autonomia e dependência, que crescem na mesma medida, e não ao contrário. A ação de Deus não esmaga ou elimina a liberdade humana.

Deus é pessoa, é liberdade, e quer que o ser humano responda livremente à sua oferta. Esse dinamismo de amor é visto também entre os seres humanos, um não reprime ou esmaga o outro, mas estimula a liberdade, fazendo-o libertar-se, crescer e realizar-se.¹⁷¹

Deus é quem nos sustenta e nos possibilita amar. Esta ação de Deus nos leva para fora de nós mesmos em vista do outro, é uma relação interpessoal. O amor fraterno é o maior exemplo do amor de Deus e através dele é que a pessoa tem uma experiência do que seja amor, ou seja, uma experiência de Deus. Nesse sentido,

¹⁶⁸ Ibidem, p.131.

¹⁶⁹ Cf. ibid., p.93-4.

¹⁷⁰ Ibid., p.95.

¹⁷¹ Cf. ibid., p.95-7.

o amor cristão é simultâneo e necessariamente, amor a Deus e amor ao próximo. É através da caridade que o cristão experimenta o amor com a mesma intensidade que Deus ama.

Podemos entender que, quando respondemos ao amor de Deus, somente o fazemos amando o nosso próximo. O amor fraterno é a garantia de autenticidade do nosso amor a Deus. A Salvação em Jesus Cristo é a realidade em nós, é a nossa liberdade e se manifesta, principalmente, na doação ao amor fraterno.

Em sua vida, Teresa de Jesus optou claramente pela relação com as pessoas baseadas na inter-relação de amor, liberdade e reciprocidade, tanto na família, na Igreja, como em todos os espaços por ela vividos. Ela mesma fala: “na verdade, como é o Senhor, Ele traz consigo a liberdade e, como nos ama, adapta-se à nossa medida”.¹⁷²

3.3 A liberdade pela palavra e pelo diálogo

Adolphe Gesché, em seu livro *Deus*, afirma que, com a existência de ateus, podemos ver que existem pessoas que vivem sem crer em Deus. Isto nos leva a perceber, como ele mesmo coloca, que: “eu fico sabendo que a ideia de Deus não é obrigatória. E se esta afirmação não é obrigatória, é porque eu sou livre”.¹⁷³ Ele nos mostra que o crer em Deus passa a ser uma escolha pessoal, um ato de minha liberdade, e como afirma, “para mim, até mesmo um ato de liberdade que liberta”¹⁷⁴. Para ele, a fé em Deus é um ato de liberdade, não é algo obrigatório ou imposto, por isso a fé só encontra sentido na liberdade. Assim, sabemos que se pode viver e pensar de modo diferente. E que esta forma de pensamento não é fruto de uma coação universal. Adolphe Gesché mostra que o desejar a fé a todos não é o mais importante e, sim, o direito de liberdade que encontramos na fé. A fé é o maior exercício de liberdade humana. Para ele, crer não é assim tão fácil e evidente, requer sempre uma reflexão: “a fé e a descrença estão presentes em todos nós”¹⁷⁵. Ele fala que em todo ser humano há a dúvida e a fé, mas que o homem precisa ter

¹⁷² C 28,11.

¹⁷³ GESCHÉ, A. *Deus*, p.109.

¹⁷⁴ Ibidem, loc. cit.

¹⁷⁵ Ibid., p.111.

certeza que essa fé é verdadeira, mesmo que às vezes tenha as suas objeções. Para ele, a fragilidade humana não é uma vergonha, pois a grandeza e ousadia de Deus foi ter criado um ser que pudesse lhe responder sim ou não, desde que fosse com lealdade.

Adolphe Gesché observa que o cristianismo se apresenta como uma religião que conseguiu, ao mesmo tempo, uma afirmação radical de Deus e do homem. Cristo se entregou totalmente a Deus e totalmente ao homem. Como ele mesmo define que Cristo é totalmente filial e religioso e totalmente humano, fraterno. Ele completa que Cristo é apaixonado pela causa de Deus e pela causa do homem.

Para Gesché, o crer em Deus está relacionado à existência de Cristo, como ele mesmo aponta:

Ora, esse homem acreditou em Deus. Isso me impressiona. Esse homem, que não aparece como um qualquer, como um angustiado doente em sua angústia, como um neurótico ou um agitado – esse homem, que falou infinitamente bem do homem, acreditava em Deus¹⁷⁶.

Jesus, para Gesché, foi aquele que falou e acreditou em Deus, que falou sobre o homem com tanta firmeza, através de suas curas e de seu amor, que confirmou, de igual modo, essa outra dimensão do homem, a dimensão de transcendência. Amou os pecadores e partilhou a mesa com eles. Devolveu a dignidade à mulher, não se importando em conversar com a samaritana, quando todos, e até os apóstolos, ficaram admirados. Jesus não levou em conta o sábado e não hesitou em investir contra o Templo. Jesus vai preferir os pobres e isso sem ressentimentos contra os ricos e poderosos. Para Gesché, Jesus mostrou que Deus se encontra.¹⁷⁷ Podemos nos encontrar com Deus. Cremos em Deus por causa de Jesus Cristo, Ele revelou o Pai. Jesus Cristo é a humanização de Deus.

Gesché afirma que crer em Deus, ter essa fé, faz parte da construção do homem. Ele encontra na fé em Deus uma dimensão radical e fundamental de sua existência. O autor questiona que o homem certamente pode viver sem fé religiosa, mas será que pode viver sem qualquer fé?¹⁷⁸ Em sua reflexão, tanto o termo latino *fides*, cuja raiz gerou palavras como fidelidade, confiança, como *credere*, que gerou crer, crença, crédito, essas palavras são usadas e representam uma dimensão natural de nossa existência e o autor afirma que “na verdade, nenhum homem

¹⁷⁶ GESCHÉ, A. *Deus*, p.120.

¹⁷⁷ Cf. *ibidem*, p.113-22.

¹⁷⁸ Cf. *ibid.*, p.123.

pode viver sem fé”¹⁷⁹, pois trata-se de uma dimensão constitutiva dos seres humanos. Para ele, não há vida sem fé e, sendo assim, crer tem a mesma importância que amar, viver etc.

Gesché mostra o comportamento de Jesus, homem digno de fé, que nos mostra Deus, que remete à nossa liberdade. A fé se apresenta como uma atitude que fala, que desvela algo escondido, que descobre. A fé é uma capacidade de descoberta. Ela é reveladora de uma dimensão própria do homem.

Baseados no pensamento desse autor, vemos que a fé indica a possibilidade de existência de uma alteridade que faz com que desperte no homem uma harmonia. E isto passa pelo direito que a fé tem de expressar algo verdadeiro sobre o homem, a lhe dizer uma verdade sobre ele mesmo. Para Gesché, a fé nos diz algo que outras instâncias humanas não conseguem.

Para o autor, Deus é aquele que nos acompanha, que se alinha em nossa história, segundo a marcha, o ritmo e o nosso próprio encaminhamento, mas sem perturbar nosso itinerário, respeitando os trajetos e curvas do nosso caminho. Deus é aquele que respeita o nosso tempo, e por isso, às vezes, se faz ausência, para respeitar os altos e baixos de nossa existência. É um Deus que, como um amigo, sabe quando é conveniente ou não. É um Deus que aceita aquilo que somos. Assim, Gesché observa que Deus não nos é dado na força, como um ato de violência, mas Ele é dado à medida em que nos construímos a nós mesmos. Nós somos construídos não de uma só vez, mas em um processo, em uma outra perspectiva que culmina na liberdade. Deus cria em nós um fio condutor, cabe a nós, como num bordado, engrossar a trama.

Gesché nos mostra que devemos aprender de Deus o que Ele é, num intercâmbio pela palavra. A palavra é o lugar de clareza e transparência nas relações humanas. A relação com Deus pela palavra é uma relação que os antigos não podiam nem imaginar. Para Gesché, no fundo, o universo pagão é mudo, mostrando uma diferença com o universo judaico-cristão em que Deus e o homem dialogam. O homem tem o direito de falar, perguntar e de se defender.¹⁸⁰ É uma relação de sujeito a sujeito.

O pensamento de Gesché nos leva a refletir que, na Escritura, o fato da criação depender de Deus significa que em vez de ser entregue ao anonimato, ela é confiada

¹⁷⁹ Ibidem, loc. cit..

¹⁸⁰ Cf. ibid., p.69-74.

aos cuidados de um ser pessoal, fonte de inteligência e de liberdade. Não está submetido ao destino, como nos relatos cosmogônicos ou teogônicos,¹⁸¹ resultado de uma luta entre deuses rivais, o mesmo acontecendo com os filósofos pagãos que têm o mesmo perfil de racionalidade. A criação, para eles, é uma obra anônima e não depende de ninguém, vem dela mesma, fatal e arbitrária. Gesché comenta que a revelação judaico-cristã, ao colocar Deus como criador do universo, mostra que o mundo está submetido de maneira radical e definitiva a Ele. Deus é todo poderoso, não está submetido a nenhuma fatalidade. É soberanamente livre, não está ligado a nenhuma anterioridade. Ele é o Senhor, como fala a Escritura. O Deus judaico-cristão é literalmente um sujeito que tem um projeto, um plano, uma intenção¹⁸².

Gesché afirma que dizer que o mundo está nas mãos de Deus concebido como sujeito, consiste em dizer que Ele é a própria fonte de esperança e salvação. E, assim, nem Deus e nem o mundo estão desorientados. Sendo Deus um sujeito, o mundo, colocado por Ele, depende sempre da possibilidade de salvação, de uma retomada. Ao orarmos a Deus, se anuncia o reino que tenciona o futuro de total liberdade.

Entendemos, através do pensamento de Gesché, que a tradição judaico-cristã diz que o Deus da liberdade criou e quis homens livres. Gestos livres, que supõem a provocação de uma liberdade. Um mundo criado pela liberdade é um mundo pleno, direito, querido. A liberdade do homem, afirma Gesché, querida por Deus e não extorquida dele, é uma liberdade de pleno direito, uma liberdade que nasce com o homem. O exercício da liberdade é constitutivo do homem. Em termos filosóficos, a liberdade pertence à essência do homem e é constitutiva do seu ser. Gesché é mais explícito quando afirma que a liberdade se insere no ato existencial que toma de assalto e com grande luta a conquista no seu ser. Para o cristão, há liberdade porque Deus existe. Ela é positiva, querida por Deus e, por isso, sua destinação é sensata.¹⁸³

Para Gesché, o homem não pode fechar-se a outro homem, pois o cristianismo tem o lado do transcender-se e o lado fraterno, o amor entre irmãos. Há no homem o desejo de tratar o outro não como meio, mas como fim. “O homem não é uma liberdade absoluta e toda uma herança, tanto cultural como biológica, pesa sobre

¹⁸¹ São relatos que narram a origem mítica do universo e da humanidade como também a origem dos deuses e das divindades nos tempos imemoriais.

¹⁸² Cf. GESCHÉ, A. *Deus*, p.74-6.

¹⁸³ Cf. *ibidem*, p.78.

ele. Contudo, o homem é uma liberdade na situação, isto é, retoma por sua própria conta uma herança”¹⁸⁴.

Gesché fala sobre a fé sem lhe dar qualquer conotação religiosa:

nenhum homem pode viver sem fé. Trata-se de um existencial do ser, isto é, de uma dimensão que nos é constitutiva e sem a qual seria difícil compreender a nós mesmos. Não há vida sem fé. Se não acredito em ninguém, embora de forma mínima, eu acabaria me tornando louco, e bem depressa, totalmente ocupado em querer verificar tudo por mim mesmo (...) ¹⁸⁵

A fé em Deus se apresenta como algo digno do homem e sobre o homem. A fé desperta no homem uma harmonia profunda, em que esse homem pode se sentir pleno. A fé nos diz algo que as outras instâncias humanas não conseguem realizar. O que fica claro é que, quando nos debruçamos à beira do nosso “próprio poço”, do nosso ser profundo, conseguimos ouvir, através da fé, o pedido do nosso ser, o diálogo do nosso interior com Deus, que faz morada em nós, onde Deus habita e somos seus¹⁸⁶.

Na tradição judaico-cristã, a palavra sempre foi o lugar de transparência entre o ser humano e Deus. Gesché observa que Deus sempre quis esta relação com o ser humano através da palavra, coisa bem diferente dos deuses pagãos. O deus pagão, segundo ele, emite um oráculo, sem diálogo, ou seja, uma palavra a ser adivinhada, um enigma a ser decifrado. Não existe diálogo, com ele é palavra dada através do adivinho ou pitonisa. O deus é um deus do olhar, que vê tudo e não deixa o ser humano descansar. Assim, podemos dizer que “o universo pagão é mudo”¹⁸⁷.

Já o Deus bíblico é bem diferente, é o do diálogo da palavra, o ser humano não tem que receber e aceitar decretos fixados de antemão, mas ele pode intervir num processo racional, aceitando ou não. Deus manifesta um infinito respeito pelo ser humano, por isso dialoga com ele. O Deus que fala é um Deus que entendemos. Quando Deus fala em parábolas, quer que o entendamos e nos coloquemos sempre numa situação concreta, pois quer que o homem veja e entenda o que Ele está dizendo. A alegria de Deus é o conhecimento do ser humano, ou seja, a relação com Ele pela palavra. O ser humano tem o direito de perguntar, falar e defender.

¹⁸⁴ GESCHÉ, A. *Deus*, p.115.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p.123.

¹⁸⁶ Cf. *ibid.*, p.113-6.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p.73.

Nesta relação dialógica, ambos correm risco, o homem, de não ser acolhido em sua liberdade, e Deus, de não ser seguido. O importante é a transparência da relação. A relação é aberta, pessoa a pessoa e nos leva a entender que: “A palavra é o ser do homem”¹⁸⁸. Deus é palavra, o Logos que designa Jesus Cristo, que veio ao mundo para dar testemunho do Pai e manter este diálogo eterno com o ser humano. De Jesus, a Palavra, procede tudo, englobando a criação e a salvação.

Esta reflexão teológica de Gesché, teólogo do nosso tempo, não entra em contradição com a experiência teresiana da liberdade vivida através da relação com Cristo. E esta relação é vivida na amizade e no diálogo.

Tudo que temos a fazer é estar abertos a esse diálogo com Deus. Ele estará sempre em nosso interior. Seremos como os discípulos de Emaús, que no caminho e no diálogo reconheceram Jesus ao partirem o pão. Não é difícil reconhecer neste diálogo, “nesse trato de amizade”¹⁸⁹, a nossa intimidade com o Senhor. E isto só é possível, segundo Teresa, através da oração.

Esta é uma relação interpessoal com alguém que se ama. Reconhecemos em Deus um amigo. E, por ser amigo, queremos estar todo tempo percorrendo este caminho que vai nos elevando cada vez mais ao cume desta relação de amizade verdadeira.

Quando se percebe que Deus propõe ao homem estar com ele e esse homem aceita seu convite, Deus entra em sua vida e se coloca no lugar a Ele devido. Deus não interfere na sua liberdade, mas faz dela uma realidade plena da pessoa humana. Então, quando se descobre isso, Deus se torna a maior realidade na existência do homem e, com certeza, caminha com ele até o fim.

As considerações modernas de A. Gesché nos fazem valorizar ainda mais a experiência de Teresa.

Teresa passou a viver uma intimidade dialógica tão profunda com Deus que o percebia em todas as realidades, até mesmo nas panelas: “compreendei que mesmo na cozinha, entre as panelas, o Senhor vos está ajudando (...)”¹⁹⁰.

¹⁸⁸ EMMANUEL, P. Apud: GESCHÉ, A. *Deus*, p.74.

¹⁸⁹ V 8,5.

¹⁹⁰ F 5,8.

3.4

A relação entre crescimento da liberdade e crescimento no amor-relação

Teresa vive a experiência de Deus. Ela testemunha, acredita e garante a verdade, com autoridade de quem crê na sua experiência. Chama a atenção do leitor sobre o ser de Deus, que, segundo ela, cabe num pensamento: Deus se dá e se comunica.¹⁹¹

No passado, considerava-se que os místicos, como Teresa de Jesus, tinham caminhos bem diferentes dos demais cristãos. Seus escritos indicavam representar uma espiritualidade de elite, espiritualidade destinada só a alguns e não à maioria. Hoje, temos certeza de que eles, os místicos, nos mostram o potencial de nossa humanidade, assim como o impacto do amor de Deus em suas vidas. O que escrevem é orientação e alento para todos. O caminho que descrevem é o mais acessível a todos. Todos podem “fazer uma vivência” a partir do que os místicos experimentaram.

Sabendo que somos um grande mistério e que só Deus conhece quem realmente somos, Teresa mostra que a nossa verdadeira identidade é descoberta na relação com o Senhor.

Tomando a história da espiritualidade como exemplo, o mandato bíblico (cf. Lc 9,23) de negar-se a si mesmo foi interpretado no sentido de desprezar-se a si mesmo, reconhecendo com relutância e pouca consideração a própria humanidade. Assim, encontramos pessoas na sociedade abatidas, acompanhadas de um rosto pesaroso, lúgubre e severo. Entretanto, o mandato evangélico de negar-se a si mesmo é um desafio à nossa tendência ao egoísmo, sem perceber as necessidades desses nossos irmãos. Teresa mostra toda a humanidade de Jesus. Teresa não deixa de lado o Jesus humano, pois sabe que é um erro. Para ela, somos humanos e vamos para Deus de maneira humana.

Em Teresa, sua personalidade foi se aprofundando na expressão de uma humanidade na medida que amadurecia sua união com o Senhor. À medida em que ela ia reciclando e exercitando a graça recebida, ia se libertando das correntes externas e, conseqüentemente, ia amando cada vez mais o Senhor. Como coloca Lúcia Pedrosa-Pádua:

¹⁹¹ Cf. DEL BLANCO, M. M. *Santa Teresa de Jesus*, p.249.

Liberdade e amor se integram à mística de Santa Teresa de Jesus. Esta integração se dá como um processo, realizado ao longo de sua existência. Trata-se de um caminho vivido, experienciado. Além disso a integração entre liberdade e amor é também proposta que a mística de Ávila faz aos leitores de suas obras.¹⁹²

Quando cresce em nós a confiança na presença e no amor de Deus, dá-se uma significativa mudança na nossa vida. Ao invés de depender de fontes externas, a pessoa vai amadurecendo na espiritualidade, vivendo a partir de dentro e percebe, então, que o Senhor passa a ser o centro da sua vida e que a liberdade está ligada à capacidade de amar. Ao mesmo tempo, este amor concreto fortalece e aprofunda o contato com esta fonte interna.

Um teólogo que nos ajuda a ver esta inter-relação entre o mundo interno e o mundo externo é Alfonso Garcia Rubio. Na descrição utilizada para falar de pessoa, se destacam dois aspectos básicos: a dimensão de interiorização ou imanência, em que a pessoa deve estar centrada na própria interioridade, e na abertura ou transcendência, em que a pessoa é chamada a ser ela mesma, e é claro que isso só pode acontecer quando ela autotranscende. Sai dela mesma em função do outro. É solidariedade pura. Sendo “a pessoa imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo”¹⁹³, respeitando todo o sistema a que ela pertence. A abertura aos outros é o aspecto básico do ser pessoa, é sair de si para o encontro em diversos níveis. O que importa no dinamismo da existência humana, como afirma Garcia Rubio, é “saber articular de maneira satisfatória as duas dimensões”¹⁹⁴. É no crescimento dessas duas dimensões que se desenvolve o crescimento e o amadurecimento da pessoa. Assim, esclarece ele, todo o ser humano é pessoa e deve desenvolver as duas dimensões. Ele observa que a abertura a Deus é o aspecto mais fundamental da pessoa que a Sagrada Escritura sempre privilegia, assim:

Deus estabelece uma relação dialógica com o ser humano; só o ser humano pode falar com Deus e aceitar a sua proposta. (...) Em Jesus Cristo percebemos como a pessoa se realiza sobretudo na relação com o Tu divino em Deus certamente com características pessoais. (...) o homem é chamado a assumir e a viver consciente e livremente a relação com Deus.¹⁹⁵

¹⁹² PEDROSA-PÁDUA, L. Liberdade e amor: o caminho místico de Santa Teresa.

¹⁹³ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na pluralidade*, p.310.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p.312.

¹⁹⁵ *Ibid.*, p.311.

O homem, criado à imagem de Deus, é chamado a viver livre e conscientemente a relação com Deus. E neste chamado, o homem decide pela aceitação do Deus criador-salvador. Para a fé judaico-cristã, o homem é pessoa, pois responde a Deus, dialogando com Ele e aceitando a sua proposta. Esta relação homem-Deus é única, própria e exclusiva.

Garcia Rubio conclui que o ser humano é uma criatura que é parte integrante do universo criado por Deus, isso suscita a relação dialógica entre Deus e o homem. O homem é chamado a responder ao convite de Deus. Assim, cada pessoa é única, irrepetível e insubstituível, mas relacionável com outros seres pessoais. Portanto, o ser humano se relaciona consigo mesmo, com o mundo material, com outros seres humanos e com Deus. “É na relação que o ser humano descobre e aprofunda a própria identidade”¹⁹⁶.

Para Karl Rahner, o sujeito, quando se percebe como pessoa, possui a capacidade de ação subjetiva, ou seja, ele faz a experiência da responsabilidade e liberdade no fundo da sua existência. Ele experimenta como pessoa a liberdade que o coloca como um sujeito inteiro em toda a sua existência.

O objeto da liberdade em seu sentido originário é o próprio sujeito e todos os objetos com que ele trata, na experiência do mundo que o cerca não passam de objetos da liberdade à medida que medeiam este sujeito finito no espaço e tempo de si próprio. Quando se entende realmente a liberdade, compreende-se que ela não é a faculdade de fazer isto, ou aquilo, mas a faculdade de decidir sobre si mesmo e construir-se a si mesmo.¹⁹⁷

No século XVI, Teresa já observava este processo sobre a interioridade humana e propunha a necessidade de interiorização através da oração. É o que ela irá propor em seu livro *Castelo Interior ou Moradas*: “Certamente já vistes alguns livros de oração aconselharem a alma a entrar em si mesma; pois é assim que penso”.¹⁹⁸ Por não se ter total controle do dinamismo deste processo, e por não se saber onde se chega, Teresa fala de vários níveis de encontro consigo próprio, desde os mais cotidianos aos mais íntimos e libertadores.

A liberdade é vivida num grau mais elevado quando existe a experiência do amor concreto.

Sabemos que a pessoa só pode ser ela mesma no autotranscendimento, além da relação consigo, também com o mundo, com os outros e com Deus. Desse

¹⁹⁶ Ibidem, p.316.

¹⁹⁷ RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p.54.

¹⁹⁸ 1M 1,5.

modo, entendemos que a liberdade humana é caracterizada em conexão com a subjetividade, mas aberta, ou seja, uma exigência à humanização. “Para a fé cristã, o homem é pessoa acima de tudo porque é capaz de responder a Deus, de dialogar com ele e de aceitar a sua proposta. Entre a pessoa humana e Deus existe uma relação única, própria, exclusiva e irrepetível”.¹⁹⁹

O Deus revelado em Jesus Cristo “não impõe normas ou ações a partir de fora de nós e não substitui a liberdade e a responsabilidade”²⁰⁰. Místicos como Teresa de Jesus tiveram a experiência do encontro com Deus numa relação de encontrar-se a si mesmos e aos outros.

Teresa mostra, em seu *Livro da Vida*, a consciência da subjetividade e o processo do crescimento da liberdade em sua vida e como é possível ensiná-la a todos. Existe um desenvolvimento desta liberdade, chegando ao cume da liberdade de espírito.

Teresa faz uma avaliação do conceito de liberdade, que vai se ampliando e mostrando que não é só a liberdade externa, mas um processo de discernimento através de várias relações. Neste processo, se situa a experiência de Deus como a mais fundamental. Ela mostra que, com o avançar no processo da liberdade, se chega ao desapego em relação a si mesmo e o mundo das coisas, possibilitando amar as pessoas, a si mesmo e a Deus. Isto é fruto da mística. Não esquecendo que é um processo e, por isso, às vezes, requer um caminho mais seguro.

Quando Teresa se vê nas armadilhas das preocupações excessivas, das cobranças de uma imagem positiva das manipulações afetivas e do medo de agir, vai recorrer à memória de sua experiência expansiva e libertadora de Cristo: “Basta lembrar um pouquinho este Senhor para recuperar minha liberdade”.²⁰¹

O cansaço do ir e vir, na busca contínua de água para matar a nossa sede é a experiência profunda que marca a nossa existência, como bem falou Jesus de forma respeitosa e delicada no seu diálogo com a samaritana, no poço de Sicar.²⁰² Beber e saborear a água fresca e cristalina das fontes de salvação é uma das tarefas que a mística descobre. Ela vai nas profundezas do nosso interior e descobre um manancial de água em abundância, é de lá que brota a água mais pura. E o ponto de partida da descoberta é sempre a experiência do Espírito.

¹⁹⁹ GARCIA RUBIO, A. *Unidade na pluralidade*, p.311.

²⁰⁰ PEDROSA-PÁDUA, L. *Liberdade e amor*, p.3.

²⁰¹ *Ibidem*, p.5.

²⁰² Jo 4,5-12.

É desta água que bebem todos os que descobrem essa interioridade profunda. No fundo, todos nós desejamos beber dessa água. Para nós, beber em seu próprio poço é cada dia buscarmos a água da nossa própria experiência. É a experiência de cada dia. É o encontro de todo dia. É desse manancial que brotam experiências ricas e vívidas do nosso coração e da nossa alma. São águas que brotam das nossas entranhas. Temos que beber a água da cultura do nosso tempo e da nossa vida, pois são águas “do hoje de Deus” e, portanto, “águas da fonte de salvação”²⁰³. Este é o testemunho dos místicos, eles nos convidam a ter essa água em nossa própria casa e bebermos do nosso próprio poço.²⁰⁴

Não podemos deixar de observar que o seguimento de Cristo, o encontro com Deus na oração requer a participação na vida dos pobres e oprimidos, a disposição para escutar o seu grito de liberdade. Esta experiência de fé, que bebe de uma espiritualidade evangélica, é portadora de uma vivência de reconciliação, não se anuncia como acontecimento do passado, mas do presente. Olhar de frente as necessidades do povo e acolher as suas aspirações, assim nos lembra Gustavo Gutierrez:

Inseridos no processo de libertação do povo latino-americano, vivemos o dom da fé, a esperança e a caridade que nos fazem discípulos do Senhor. Essa experiência é o nosso poço. A água que dele brota nos purifica continuamente, faz-nos eliminar inércias e rugas ao nosso modo de ser cristão e, simultaneamente, fornece o elemento vital necessário para fertilizar novas terras.²⁰⁵

Para Teresa, a vida de oração, diante de Jesus é uma fonte de onde brota a verdadeira liberdade evangélica. A sabedoria dos Evangelhos é um caminho de liberdade que se vai conquistando pouco a pouco, até a pessoa conseguir o senhorio sobre as coisas, sobre o mundo e sobre si mesma. Esta liberdade vai sendo gerada a partir de muitos combates, às vezes, difíceis, mas é, antes, fruto da graça.

Teresa, ao expor o caminho de liberdade, tem em sua mente duas passagens bíblicas muito significativas: a primeira, é a saída do povo de Israel do Egito para a terra prometida²⁰⁶ e a segunda é o salmo 8²⁰⁷. Junto a estes fundamentos bíblicos,

²⁰³ Is, 12,3.

²⁰⁴ Cf. CIURANA, M. *Mística y místicos, vigência y actualidad*, p.15-21.

²⁰⁵ GUTIERREZ, G. *Beber do próprio poço*, p.15.

²⁰⁶ Ex 12-15,21.

²⁰⁷ Sl 8, fala de Deus, cujo nome é a glória de Deus, nos esplendores da criação, ou seja, tudo nos fala de Deus, cujo nome é admirável, como suas obras.

Teresa delinea o ideal de liberdade. Ela mostra que o caminho de liberdade requer vigilância na oração para buscar em todas as coisas o querer de Deus. A pedagogia teresiana tem o seu alicerce no imitar a Cristo, mesmo que isso se faça aos poucos. Para se chegar à meta desejada, o cume é o morrer em Cristo, donde se experimenta a autêntica liberdade. O cristão que segue os passos de Jesus sabe que tudo está nos planos de Deus, por isso tem a liberdade dos filhos de Deus²⁰⁸.

Como observamos na dimensão de interioridade, a liberdade se mostra uma peça importante na construção do homem como um todo. Ela dá a pessoa a capacidade de “autodecidir e, em consequência, a optar”²⁰⁹. Isto se dá de forma livre, ou seja, a pessoa assume a responsabilidade do que decidir e da opção feita. Por ser um processo, um acontecimento, é possível afirmar que é uma relação da pessoa consigo mesma.

3.5 Conclusão

Nesse capítulo foram estudados alguns fundamentos da liberdade humana que nos ajudam a aprofundar e compreender a liberdade teresiana.

O primeiro tópico mostrou-se embasado no pensamento do teólogo França Miranda, que Cristo fundamenta nossa vocação à liberdade e que Jesus falava a partir de sua própria experiência, vivendo uma total doação a Deus. Ficou claro que a vida de Jesus foi uma entrega ao Pai no exercício de sua liberdade. Sua atitude fundamental, de amor ao próximo, faz parte do ser cristão. Vimos que a salvação é destinada a todas as pessoas, ela é presente, mas nunca resultante de nossas obras e sim, unicamente, graça de Deus. Liberdade, então, não se entende mais como mera capacidade de optar, mas como afirmação do próprio ser.

No segundo tópico, observou-se que a liberdade é o amor e que o pecado é a ação que escraviza o homem, limitando a sua liberdade. Assim, faz-se necessária a graça de Deus. Podemos dizer que o homem é responsável pela sua salvação, mas foi Deus que lhe possibilitou chegar até ela, sabendo que existe uma relação profunda em que a graça possibilita a liberdade. Deus é pessoa, é liberdade e quer

²⁰⁸ Cf. DEL BURGO, L. El proyecto de vida religiosa de Teresa de Jesus, p. 475-7.

²⁰⁹ Ibidem, p.308.

que o homem responda livremente à sua oferta, pois sabemos que é Deus que sustenta e nos possibilita amar.

No terceiro tópico, Gesché nos mostrou que o cristianismo é religião dialogal e que Deus dialoga conosco. E é esse diálogo que nos leva à fé. Para ele, Deus é aquele que nos acompanha em nosso caminho, respeitando nosso itinerário. Deus não interfere na nossa liberdade, mas faz dela uma realidade da pessoa humana. A liberdade se faz pela palavra e pelo diálogo com Deus.

No quarto tópico, nos mostrou Garcia Rubio que o ser humano comporta duas dimensões: a de interioridade e a de transcendência. A pessoa é chamada a ser ela mesma, mas também a sair dela em função do outro. É na solidariedade, no amor-relação, que o homem responde ao amor de Deus se doando ao outro.

Conclui-se, assim, que o ser humano se relaciona consigo mesmo, com o mundo material, com os outros seres humanos e com Deus.

Aprofundaremos, no próximo capítulo, a experiência de amor e liberdade que mudou a vida de Teresa, em que Cristo passa a ser o centro de sua vida.

4

Teresa e sua experiência de amor e liberdade

No capítulo anterior, vimos a inter-relação teológica entre graça, liberdade, amor e relações com Deus, com os demais, com a natureza e consigo próprio. São fundamentos que nos ajudam a ler a experiência teresiana.

Este capítulo estuda a experiência teresiana. Afirma que a liberdade e amor se integram na mística de Teresa de Jesus, na relação dialógica entre o homem e Deus que forma a totalidade do homem. É através das obras de Teresa que percorreremos o seu itinerário místico, com o objetivo de mostrar o caminho de liberdade e amor. Para se chegar ao amadurecimento da liberdade profunda, se faz necessária a liberdade de Espírito, um caminho de transformação.

Teresa não se vê sozinha, mas em relação, é através da experiência de Deus que ela descobre o seu ser mulher, seu autoconhecimento, e assim o conhecimento de Deus.

Vamos mergulhar no grande tema de Teresa, a oração como “porta”, começo de tudo. Ela nos ensina a chegar à liberdade, ao amor e à luz. Não podemos negar que todo itinerário de Teresa é perpassado pela oração, que é “tratar a sós, com quem sabemos que nos ama”²¹⁰. Aquele que tiver feito o itinerário proposto por ela, chegará à compreensão do que é o amor, pois o amor conduz à liberdade e com liberdade podemos amar o outro e voltar a sermos mais livre.

Para Teresa, que teve uma experiência, um encontro que mudou a sua vida, Cristo é o centro de tudo. Jesus é a fonte e o cume de toda vida de oração. Teresa mostra que não há teologia à margem da experiência. Para conhecer Deus, é preciso aproximar-se dele. Não se pode ter o autoconhecimento se não se percorre o caminho que conduz à união com Deus.

²¹⁰ V 8,5.

4.1 Teresa e a experiência do amor de Deus

A palavra amor tem uma força de interiorização. É uma palavra “tão rica que vence toda a tentação de paragem ou repetição estéril. Significa e gera dinamismo”.²¹¹ Ela alarga e renova o mundo. O amor renova e transforma.

Teresa quer nos mostrar que a experiência do amor de Deus, através da oração, nos leva à unidade com Ele e com os irmãos. É perseverança que transmite vitalidade, fazendo uma aliança de amizade entre a pessoa e Deus, através de Jesus Cristo. E deixa claro que isto só acontece pela oração, esse “trato de amizade” que busca estar a sós com quem se ama e em que sabemos que somos amados.²¹² Como argumenta Maximiliano Herraiz: “ligar oração-amizade significa, realmente, fazê-las consistir na relação que se estabelece entre duas pessoas, significa carregar o acento sobre aqueles que são protagonistas dessa história a que chamamos oração-amizade”.²¹³

Para Teresa, a experiência desse amor foi tão impactante e tão reveladora que ela expande essa amizade através do seu conceito de oração. Essa amizade com Deus – a oração – ultrapassa o conceito de amizade humana. É muito maior. É muito mais íntima. E Teresa, através dessa consciência, mostra a mediação de Cristo entre Deus e o homem. Jesus Cristo é o único mediador.

Todas as afirmações de Teresa acerca de Jesus Cristo vão sendo encaminhadas a reiterar que Ele é o mediador absoluto entre Deus e os homens. E por isso, é imprescindível este encontro com Cristo. Quando Teresa fala de Jesus, ela está falando de Cristo na sua humanidade, aquele que nos compreende e sabe das nossas limitações. Para o encontro com Deus é importante esta consciência da mediação de Jesus. Teresa está plenamente convicta da afirmação de São João, quando fala que “Cristo é o caminho, a verdade e a vida”.²¹⁴ Esse deve ser o alicerce da vida cristã, pois, segundo ela, Jesus é o único meio para alcançar o mistério de Deus.

Posso pelo menos assegurar que essas pessoas não entram nestas duas moradas, porque, se perderem o guia – que é o bom Jesus – não darão com o caminho (...).

²¹¹ HERRAIZ, M. G. *Oração, história de amizade*, p.55.

²¹² Cf. V 8,5.

²¹³ HERRAIZ, M. G. *op.cit.*, p.56.

²¹⁴ Jo 14,6.

O próprio Senhor nos diz que é o caminho, assim como luz, e que ninguém pode chegar ao Pai senão por Ele.²¹⁵

A Santa fala no *Livro da Vida* que Jesus é o caminho: “Vejo que é caminho real, e não vereda; caminho pelo qual vai com segurança quem de verdade entra nele”.²¹⁶

Teresa explicitará várias vezes que Jesus é a Verdade: “Todas as outras verdades dependem dessa Verdade, assim como todos os demais amores, desse Amor, e todas as outras grandezas, dessa Grandeza”.²¹⁷ E, finalmente, ela falará que Jesus é a vida autêntica do cristão: “(...) a lagarta começa a fabricar a seda e a edificar a casa onde há de morrer. Eu gostaria de explicar que essa casa é, para nós, Cristo”.²¹⁸

Para se chegar a esse caminho, que é Cristo, temos a liberdade de escolha, o homem tem que adotar uma atitude para este encontro com Deus.

Teresa fala que o Cristo é o livro vivo, “não sofras que eu te darei um livro vivo”²¹⁹, em que o crente, exercendo a sua liberdade, deverá ler e descobrir sua própria existência. Esta é a experiência maior de Teresa, ela percebe que o Cristo vivo está no centro do ser da pessoa humana, que com toda claridade poderá dissipar todas as dúvidas da sua alma. Karl Rahner coloca que: “Mas do Deus, que proclamamos na fé em Jesus Cristo, é preciso dizer que está exatamente onde nos achamos e somente aí pode ser achado”.²²⁰

Assim, Teresa mostra que Cristo é o caminho que conduz à vida, que é a autêntica Verdade. O descobrimento pleno da verdade se realiza quando o homem se encontra com Cristo, no profundo do seu ser.²²¹ Nisto consiste toda a força da cristologia de Teresa, sua crença fundamental, em torno da qual se estrutura: Cristo vive no íntimo do homem.

Se tivesse um vocábulo para definir o Deus de Teresa, esta palavra seria graça, por ser Ele que se doa gratuitamente. Seus livros não são outra coisa senão uma canção de louvor a Deus, a esse Deus que se derrama ao mundo e ao homem. O Deus de Teresa pode ser definido como o Deus íntimo “que quer comunicar-se

²¹⁵ 6 M 7,6.

²¹⁶ V 35,13.

²¹⁷ V 40,4.

²¹⁸ 5 M 2,4.

²¹⁹ V 26,5.

²²⁰ RANHER, K. *Curso fundamental da fé*, p.269.

²²¹ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.122-6.

com a pessoa, manifestando-lhe assim suas grandezas. Por outro lado, exige uma resposta humana, um querer, uma abertura a esta ação de Deus”.²²²

4.1.1 O amor, uma interiorização libertadora

A história humana está pontuada de sucessivos encontros. Deus vem ao nosso caminho e, primeiramente, ao nosso coração. Porém, quando Teresa fala da busca do homem por Deus, pensa nos múltiplos acontecimentos em que Deus lhe propõe a entrar em si mesmo para dar a compreender a necessidade de abrir-se a Ele. Quando assim procede, não está elaborando uma teoria, mas recordando a sua própria história cheia de chamadas divinas.

Teresa contempla Deus como pura benevolência, dom gratuito. Percebe-se, então, que Deus sai ao nosso encontro para nos comunicar a sua intimidade. Esta visão de Deus como graça e dom será sempre a visão postulada pelo homem, como um ser necessitado, aberto e em tensão constante.²²³

Teresa contempla esta verdade: Deus se inclina a olhar o homem, mas este sempre foge desse olhar. Teresa sabe onde ela pode contemplar toda a gratuidade divina, em Jesus Cristo.²²⁴

A noção de Jesus, que Teresa havia recebido de seus pais e de sua família, foi crescendo e amadurecendo ao calor da experiência religiosa profunda que teve. Por isso, podemos dizer que o Deus que Teresa quer apresentar é um Deus vivo, muito distante do Deus dos filósofos. Embora muitas de suas qualidades, aparentemente, sejam coincidentes, não resta dúvida que o Deus de Teresa está todo em nós, como ela mesmo fala: “De fato, não há dúvida que, ao esvaziar-nos de tudo o que é criado e ao desapegar-nos dele por amor a Deus, o próprio Senhor preenche a nossa alma de Si mesmo”.²²⁵

É um Deus vivo, porque Teresa atende sempre a sua chamada, mostrando-se igual aos antigos protagonistas de Israel, que saíram de suas terras e de si mesmos.

²²² PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.132.

²²³ Cf. V 8,5ss.

²²⁴ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.172.

²²⁵ 7M 2, 7.

Cada aceno é um estágio espiritual que vai acompanhado de uma nova chamada, provocando, assim, uma nova saída. Às vezes, Teresa vai comparar essas chamadas ao doce assovio do pastor, a cujo eco se congrega todo o rebanho. Mas, também é vivo porque ela o percebe como transformador, cujo impacto a faz arder em amores divinos. Todo o itinerário teresiano é um encontro com a vida, é um encontro com Deus, que vai vivificando o homem até a transformação plena. “Dizíamos, pois, que a nossa borboletinha já morreu, infinitamente alegre por ter encontrado repouso. Cristo vive nela.”²²⁶

Fica claro, a partir desta pesquisa, que o Deus de Teresa não é um ser supremo de abstração ou o motor que move o mundo, mas é o Deus dos homens. Pela leitura atenta da obra teresiana, se pode falar com certeza sobre a antropologia de Deus, esse Deus que se faz homem por amor. Esta sua paixão pelo ser humano chega ao ponto culminante em Jesus Cristo, que, para Teresa, desposou a humanidade inteira através da encarnação. Esta atitude de Deus produz nela espanto, liberdade e adoração.²²⁷ “E eu pensava se a Esposa pedia essa graça que Cristo depois nos concedeu. Também pensei se pedia aquela união tão grande, como foi Deus fazer-se homem, aquela amizade que Ele fez com o gênero humano”.²²⁸

Para nossa autora, Deus é o campo de ação vital em que está envolta e banhada a criação. Esta convicção se intensifica na raiz de sua percepção de Deus e no essencial do ser humano. A criação torna-se, assim, cheia de luz e vida, originada por esse foco iluminador. “E ela tem grande confiança no fato de que Deus não abandonará, pois, se Ele lhe concedeu tamanha graça, não permitirá que a perca”.

229

Qual seria a meta do ser humano? A resposta de Teresa seria na transformação em Deus, conforme veremos abaixo:

Em todos os simbolismos, utilizados pela santa para expressar a realidade da graça, transparece sua essência: transmitir a vida de Deus e fazer da pessoa que a acolhe participante desta vida. Esta participação se realiza de maneira cada vez mais profunda e engajada. Assim, na alegoria principal de *Moradas*, – a do luminoso castelo interior – o ápice da vida espiritual consiste em que a alma entre no aposento do rei e esposo, introduzida pelo próprio rei. Trata-se do “matrimônio espiritual”,

²²⁶ 7M 3,1.

²²⁷ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.173-4.

²²⁸ CAD 1,10.

²²⁹ 7M 1,8.

no qual há união com o Deus que recria a pessoa no seu ser e no seu atuar e a pessoa assume em si esta vida nova doada por Deus.²³⁰

Nossas potencialidades e capacidades, todo o nosso ser e também a nossa fragilidade, devem estar abertas para a graça de Deus, pois aí está a plenitude do homem.

O amor de Deus como que dilata o coração, abre ou alarga o espírito²³¹. De uma maneira simples, Teresa quer nos mostrar que esse amor vivenciado e experimentado na oração nos leva a dilatar e expandir a nossa liberdade interior. Quanto mais sedimentado em nosso interior ele estiver, mais liberdade teremos, pois, nossa alma se liberta de apegos exteriores.²³² Há, então, um processo em que a alma, dilatada por esse amor e liberta de tudo, caminha para a união com Deus: “a pessoa caminha com muito mais liberdade no serviço de Deus, mesmo que vislumbre sofrimentos”.²³³

Chegamos então à conclusão que toda essa dilatação ou abertura nos leva à liberdade. E a sua essência está no amor ou “a água” que para Teresa é a graça. “A origem da fonte é Deus, que se comunica à pessoa”.²³⁴

4.1.2 A liberdade de espírito

Para se chegar ao amadurecimento da liberdade profunda, se faz necessária a liberdade de espírito. O ponto de partida deverá ser sempre a humanidade de Cristo, pois é lugar da revelação da Trindade.

O livro que traz uma tematização importante da ação do Espírito Santo é o *Castelo Interior ou Moradas*. Teresa reconhece, através da sua vida, a ação do Espírito vivificador. Ela utiliza, para a sua explicação, a alegoria do bicho-da-seda.²³⁵ O Espírito Santo é descrito como princípio de vida, é aquele que, como o sol na alegoria do bicho-da-seda, aquece a semente já morta e pelo qual ela recomeça a viver. Lúcia Pedrosa-Pádua diz que:

²³⁰ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.135.

²³¹ Cf. 4M 1 e 2 que cita o Sl 119 (118),32. A Bíblia de Jerusalém traduz como “tu alargas o meu coração”.

²³² Cf. 4M 2, 6.5.9.

²³³ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.198.

²³⁴ Ibidem, loc. cit.

²³⁵ 5M 2,2.

(...) segundo a nossa autora, é por meio do Espírito que a ação de Deus chega à pessoa humana. É pelo Espírito que Deus oferece a sua graça. Por outro lado, o Espírito move a pessoa para que essa ação de Deus seja reconhecida e descoberta, conscientemente vivida, “aproveitada”.²³⁶

Fica claro para nós que existe uma relação entre Deus, que oferece a sua graça, e o Espírito Santo, que a mantém. Assim, o calor e a ação do Espírito estariam relacionados a um auxílio geral, como também a uma atualização do mesmo na vida da Igreja. Para Teresa, o Espírito Santo age na vida da pessoa sem que ela mesma tenha consciência. Este mesmo Espírito age em sua interioridade. Ela explica bem a ação do Espírito na sua vida, uma ação silenciosa desde a infância. Sua segunda conversão, já na maturidade (39 anos) pode-se dizer que foi como um novo Pentecostes, uma nova vida de Teresa. A oração do *Veni Creator Spiritus* abre ao homem, de maneira bela, o conhecimento da Verdade de Deus manifestada em Cristo. Essa oração era invocada por Teresa.

Para Teresa a liberdade aparece como fruto da ação do Espírito Santo nela, como também está no pensamento paulino.²³⁷ A liberdade no Espírito constitui um dos pontos centrais de sua espiritualidade.²³⁸ Notamos que a ação do Espírito é discreta, silenciosa e, às vezes, passa despercebida pela pessoa, porém se move sempre em direção a Cristo.

Ao ter encontrado Cristo, Teresa passa a tematizar esta experiência de maneira límpida no *Livro da Vida*. Só mais tarde escreverá sobre sua experiência: “O Espírito Santo leva, segundo Teresa, à fé em Cristo, Deus e homem”.²³⁹ Olhando para trás, para a história de sua vida, Teresa reconhece que foi o Espírito Santo quem a encaminhou para Cristo.

A interiorização cresce movida pelo Espírito Santo, autor da vida mística. Teresa então percebe a presença do Espírito Santo em si mesma. Reconhece que o Espírito não está somente presente, mas que é o autor de sua nova vida em Cristo. Ela se reconhece outra pessoa. Assim, o Espírito guia o processo de interiorização, desde a entrada da pessoa em si mesma, até o mais íntimo, a uma interiorização libertadora. Como bem diz Lúcia Pedrosa-Pádua:

Isto significa, na linguagem das *Moradas*, que o Espírito conduz o processo de entrada dentro de si mesmo, de seu castelo interior, movendo à oração e à práxis do

²³⁶ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.187.

²³⁷ 2Cor 3,17 “Ora, o Senhor é Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”.

²³⁸ Cf. ALVAREZ, T. *Spíritu Santo*, p.268.

²³⁹ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.194.

seguimento de Cristo, morrendo para si mesmo e para tudo o que possa ser identificado com as trevas, cobras e lagartas, relacionadas à exterioridade. Finalmente, renasce para Cristo, como na alegoria do bicho-da-seda.²⁴⁰

Teresa se utiliza da liberdade de espírito aliada à determinação e à alegria para constituir o alicerce da oração. “No princípio, deve-se ter alegria e liberdade”.²⁴¹ Estes três pilares formam a disposição necessária para quem quiser a experiência de Deus, a vida mística ou a vida de oração. Dos três pilares, o mais importante é a determinação, por ter ela colocado, no capítulo 21, no *Caminho de Perfeição*, de maneira perspicaz: “que fala da grande importância de se começar com muita determinação a ter oração e não fazer caso dos inconvenientes sugeridos pelo demônio”.²⁴²

A determinação gera a constância que garante a oração pessoal na vida do homem, a isso devem estar ligadas a liberdade e a alegria. É na liberdade de espírito que está a possibilidade de discernimento. A liberdade do espírito impede que a determinação se transforme em voluntarismo, pois isso não permite a percepção da gratuidade da amizade com Deus e, conseqüentemente, a prática do discernimento.

Teresa teve o dom da sabedoria para expressar com clareza os mistérios e realidades inefáveis. Podemos dizer também que sua atividade fundadora é fruto da ação do Espírito e de uma intensa vivência espiritual do mistério de Cristo e da Igreja.

A presença do Espírito em sua vida fez dela uma autêntica mística. Só assim se explica a força de seu carisma como mulher, fundadora e escritora.

4.1.3 A redescoberta de Deus

Deus é a fonte mística que gera a liberdade e o amor. A vida e obra de Teresa nos mostram uma perfeita ligação entre liberdade e amor. Podemos dizer que o relato testemunhal de Teresa tem a tarefa de atingir, naquele que lê, o coração e sua capacidade de ser livre e amar. Teresa reafirma que a liberdade não é uma ameaça, mas um dever de quem busca a humanização. A liberdade interior profunda é

²⁴⁰ Ibidem, p.197.

²⁴¹ V 13,1.

²⁴² C 21: título do capítulo.

é criadora da consciência humana que é fonte de paz e abre caminhos ao amor concreto.

A mística teresiana, ao mostrar a integração entre liberdade e amor, diz muito aos nossos contemporâneos. Teresa quando trata de liberdade se refere a ela de modo existencial. Transmite sua experiência pessoal, em que determinadas circunstâncias de sua vida eram uma escravidão, cuja cadeia não foi capaz de romper. Porém, ao longo de sua experiência, o Senhor foi ampliando a sua liberdade. Teresa descobriu que neste caminho, o da liberdade, se pode sempre progredir. Percebeu que a liberdade tem muita relação com o amor. Há amores que trazem mais luz e amizade à vida. Outros têm peso e negatividade, que trazem ao coração. O homem julga o amor como quem julga a liberdade. Deus, quando se aproxima do homem, não força a sua decisão. Espera pacientemente uma resposta, pois ela será uma resposta livre. Sabemos que tudo é muito misterioso quando se refere à liberdade humana e não se pode ignorar os seus limites e restrições. Cada vez que se descobre o modo de atuar do homem no mundo, se afirma também a existência da liberdade pessoal. Somente a sua vivência pode testemunhar a sua existência. Teresa é testemunho valioso a esse respeito.²⁴³

Quando ela fala de liberdade dá a essa palavra diferentes significados: liberdade como ausência de obstáculos, liberdade quando fala da morte como libertação e também quando reclama das restrições dadas à mulher. “Senhor meu, como me ordenais coisas que parecem impossíveis? Se eu, mesmo sendo mulher, ao menos tivesse liberdade!”²⁴⁴

Como todos os místicos, Teresa fala da experiência e fala por experiência. A experiência procura um saber mais claro e certo que qualquer outro conhecimento. Teresa viveu a fundo a sua fé. Uma fé profunda que levou a uma íntima relação com Jesus, o Jesus de Teresa.

Em se tratando do século XVI, Teresa explorou os limites a que uma mulher poderia chegar, em seu tempo, em vários âmbitos: como escritora, fundadora e mestra da oração. Sua liberdade e sua capacidade de amor a levaram a criar comunidades chamadas a superar as imposições de riqueza e honra.²⁴⁵

²⁴³ Cf. DIAZ-OTAZU, A. M. L. *Experiencia de Fe en Teresa de Jesus*, p.127-9.

²⁴⁴ V 33,11.

²⁴⁵ PEDROSA-PÁDUA, L. *Liberdade e amor: o caminho místico de Santa Teresa*, p.8.

Ao ler o livro *Castelo Interior ou Moradas*, percebemos que Teresa assinala dois imperativos da união mística: o amor a Deus e ao próximo. É necessário, para realizar estes dois imperativos, somente levar uma vida interior consciente e oração. Ao mesmo tempo, o amor concreto é caminho para a verdadeira união com Deus. À medida em que Deus vai ocupando o centro da nossa vida, o externo vai perdendo o seu poder.

Teresa ensina, com frequência, que a finalidade da oração é a conformidade com a vontade de Deus. Ela fala de um objetivo da caminhada espiritual: uma crescente sensibilidade às necessidades dos demais. A caminhada não pode ter seu ponto de chegada numa espiritualidade encerrada em si mesma, e sim deve levar a uma expressão externa de serviço.

A liberdade cristã quer alicerçar-se unicamente na força do Espírito e não na força da lei. Podemos dizer que as experiências de liberdade cristã e moderna não têm a mesma conceituação, pois a moderna exerce uma dimensão que abarca uma liberdade para si, ao passo que a liberdade cristã se entende como uma decisão relacional por Deus e pelos irmãos.

Para a liberdade da modernidade é frequente a autossatisfação, a autorrealização. A liberdade cristã a encontra na sua relação direta com a pessoa e a prática de Jesus, abandonando tudo que se opõe a Ele. (...) É na decisão pelo amor ao irmão que a liberdade cristã se encontra diante de Deus.²⁴⁶

O místico é consciente que tem a responsabilidade de usar os dons recebidos de Deus para o bem do povo. Notamos que Teresa exortou as suas irmãs a manterem uma espiritualidade com os pés na terra, buscando o benefício dos outros. “Toda mística de Teresa vem pontuada pela dinâmica do despojamento e da gratuidade”.²⁴⁷ A força para se trabalhar essa gratuidade é através da oração, que vai polindo a pessoa e deslocando-a de si, favorecendo a dinâmica de uma transparência e disponibilidade que marcam e são o cerne da espiritualidade. Teresa insiste em dizer que tudo vem de Deus e é Ele que possibilita a introdução da pessoa no centro da morada.

Ora, se nada vemos, como nos resta essa certeza? Isso eu não sei são obras de Deus. Sei, no entanto, que digo a verdade. E se alguém não tiver essa convicção, é sinal, em minha opinião, de que não houve união de toda a alma com Deus, (...). Basta sabermos que é todo-poderoso Quem o faz. Por mais esforços que façamos, não

²⁴⁶ LIBÂNIO, J. B. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*, p.223.

²⁴⁷ JUNGES, M.; COSTA, A. O legado de Teresa e Merton, p.7.

temos parte nisso nem o podemos alcançar. Pelo contrário, é Deus que o faz; por isso, não desejamos entendê-lo.²⁴⁸

A experiência teresiana “sempre será instigante porque é uma janela através da qual vislumbramos as possibilidades humanas em sua comunicação com Deus”.²⁴⁹

Verificamos que a vida de Teresa de Jesus, que tem sua origem na primeira metade do século XVI, tem em sua trajetória, principalmente na juventude, uma abertura e incentivo oficial à oração pessoal. Entretanto, a redação dos seus livros, as fundações dos mosteiros e a edição de sua obra sofrem com o movimento antimístico, próprio do contexto histórico da época. Por isso a obra de Teresa “tem um caráter profético e audaz”.²⁵⁰

Teresa, em sua experiência, não cansa de admirar-se como um Deus totalmente transcendente deseja tanto se comunicar com a sua criatura. O Deus que Teresa experimenta é libertador. Uma vez que esse Deus quer se comunicar com o homem e o homem opta por relacionar-se com Ele, abre-se ao homem, então, este autoconhecimento. Assim sendo, tanto o autoconhecimento e o conhecimento de Deus são incluídos e inter-relacionados.

A mística de Ávila é filha do seu século, do renascimento, da descoberta da subjetividade, da valorização da experiência mística, e por isso ela abre espaços de liberdade e autonomia na relação com Deus. O fato é que, ao relacionar-se, ela ajuda a abrir os caminhos de liberdade naquela época. Uma característica importante no caminhar para a liberdade interior é que Teresa aprendeu a ter esperança sem amordaçar as pessoas em julgamentos e exigências. Ao mesmo tempo, aprendeu a não se deixar amordaçar e escravizar pelas expectativas alheias. Vemos então, uma Teresa que vai se “desapegando de uma autoimagem sempre muito positiva diante dos demais e vai aprendendo a suportar que falem mal dela. Ela se desvencilha da escravidão de agradar a todos e, assim, cresce em autonomia e liberdade”.²⁵¹

A liberdade teresiana é gestada no amor, principalmente no amor de Deus. O amor gera a liberdade, liberdade gera amor. Ambos se exigem para existirem.

²⁴⁸ 5M 1,11.

²⁴⁹ JUNGES, M.; COSTA, A. A liberdade da experiência no encontro com Deus – Entrevista com Lúcia Pedrosa-Pádua.

²⁵⁰ Ibidem, p.42.

²⁵¹ Ibid., p.44.

A liberdade não é uma ideia que se tem que demonstrar, é um desafio a viver. Teresa teve muitas ocasiões para experimentar o desafio da fé em seus escritos e para mostrar que em sua vida só se realizou a verdadeira conversão a partir do caminho da liberdade.

Teresa descreve muitas vezes que quando estava em oração sentia a presença viva de Deus dentro dela. Como “(...) o Senhor estivesse dentro de mim ou que eu estivesse toda mergulhada nele”.²⁵² Antes, ela não percebia que Deus podia estar em todas as coisas. “No princípio, atingiu-me uma ignorância de não saber que Deus está em todas as coisas, o que, como Ele me parecia estar tão presente, eu achava ser impossível”.²⁵³ Esta experiência a levou a conversar com os teólogos sobre este assunto. Mais tarde, ao entender melhor este processo, já afirmava que “Deus está em todas as coisas por presença, potência e por essência”.²⁵⁴ Ela percebe que a presença de Deus se dá de forma imediata, enérgica e íntima. E que tudo despertava nela a presença de Deus. Para ela, o ser humano como imagem de Deus tem a presença real, sua comunicação e dinamismo. Essa experiência se faz de modo progressivo, na medida em que a pessoa percebe a presença ampliada dessa Revelação, possibilitada pelo próprio Deus.

Essa percepção da presença de Deus se faz pelo rosto de Jesus. A relação com Jesus se apresenta com a perspectiva de amizade e do amor através da oração. Teresa amplia a noção de Revelação com a passagem de uma noção geral de Deus para a noção trinitária. Agora, a humanidade de Cristo, sua encarnação, morte e ressurreição são vistas pela perspectiva trinitária. Ela descobre esta experiência trinitária quando percebe uma grande troca de segredos e amor em Deus.

Nessa Trindade está sempre presente a Humanidade sagrada de Cristo. No Pai reconhece uma fonte de amor, no Filho a possibilidade de diálogo e de transformar o amor em ação concreta, mesmo no sofrimento, com alegria. O poder sentir o amor com o abrasamento da alma, reconhece nela, é dom do Espírito que se comunica.²⁵⁵

Teresa reconhece, então, a presença de Deus como morada da alma, que é a realidade do Deus vivo. Como ela mesma fala: “Vida de todas as vidas! Vós lhes

²⁵² V 10,1.

²⁵³ V 18,15.

²⁵⁴ 5M 1,10.

²⁵⁵ PEDROSA-PÁDUA, L. Evolucionismo e espiritualidade, p.229.

sustentais a vida do corpo, dando-lhes mais saúde, vivificando a alma”.²⁵⁶ Tudo se insere em Deus. A experiência teresiana tem a real noção da presença de Deus em todas as coisas, assim como percebe que Deus encerra em si todas as coisas. Teresa vê que é no interior do ser humano que Deus habita. Há, no entanto, a realidade humana de pecado que se coloca alheia a ele. Mesmo nesta realidade de pecado, Deus se comunica e espera uma resposta humana e que com o seu amor, faz gerar vida. Nossa autora descobre que esse Deus realiza uma história de salvação, pois está presente em tudo e é Ele mesmo a morada de tudo.

A experiência do Deus trinitário é relacional. Essa comunicação divina se dá pela percepção da consciência, resposta e amor por parte do ser humano a Deus. Assim, Cristo é um compromisso e também um envolvimento de Deus, fazendo no ser humano a sua morada. Jesus é o Deus vivo, que espera sempre uma resposta livre do ser humano, sem nunca a forçar: “Percebe-se claramente, por meio de algumas aspirações, ser Deus o que dá vida à nossa alma”.²⁵⁷

A partir de sua experiência de amor a Deus em Cristo, Teresa redescobre o Deus libertador. Ela percebe que Deus é aquele que quer dialogar com o homem e espera desse homem uma resposta. Percebe, também, que o Deus da nossa salvação é o mesmo que dialoga conosco e faz morada em nós.

4.2 Oração, caminho de liberdade e luz

Quanto mais cresce a confiança na presença e no amor de Deus, tanto mais se dá de forma progressiva a mudança na vida do ser humano. Deus passa a ocupar o centro de sua vida. A busca de fontes externas e de autoafirmação não são mais necessárias, pois a espiritualidade vai sendo amadurecida e o ser humano aprende a viver a partir da sua interioridade. Para isso, é necessário levar uma vida interior consciente e de oração.

Sabemos que a experiência religiosa de Teresa está estreitamente vinculada ao tema da oração: “em seus escritos, de maneira consciente ou inconsciente, as realidades da oração e da graça muitas vezes se fundem”.²⁵⁸ Sua história é orientada por inteiro na oração que consiste num progressivo descobrimento de Deus, e

²⁵⁶ V 8,6.

²⁵⁷ 7M 2,6.

²⁵⁸ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.136.

em sintonia com os diversos estágios de oração. Podemos afirmar que cada grau de oração se especifica por uma imersão cada vez mais profunda no mistério de Cristo e de Deus.²⁵⁹

Teresa ensina que o objetivo da caminhada espiritual é uma crescente sensibilidade às necessidades dos outros. Esta caminhada não pode dar numa espiritualidade encerrada em si mesma, numa comunidade voltada somente para si. Ela deve levar a uma expressão externa de serviço. O místico tem consciência de que sua responsabilidade é usar os dons recebidos de Deus para bem do povo. Não é uma peregrinação individual. Teresa afirma que é amar Deus e o próximo, principalmente, em suas obras: “E esse amor, filhas, não será fabricado em nossa imaginação, mas sim provado com obras. E não pensem que o Senhor olhe para as nossas obras; Ele examina a determinação da nossa vontade”.²⁶⁰

Ela também sugere não ficarmos a olhar para as misérias humanas, e sim para Jesus Cristo, o grande amigo. É um dinamismo onde a pessoa reconhece a sua identidade e o mistério da sua liberdade. Ela fala também que quando a pessoa se nega ao amor passa a fechar-se em si mesma. Para Teresa, que amou e experienciou a humanidade de Jesus Cristo, Deus é aquele que está sempre à nossa espera. Não se encontrar com Ele é uma pena, muita pena.²⁶¹

A presença de Deus na pessoa humana é o núcleo experiencial e doutrinal que dá sentido e unifica a mística teresiana. A partir dela, Teresa conhece um Deus próximo, presente, comunicante, amigo, transformante e que se revela como Deus que é comunhão e comunicação – Trinitário. Há na obra teresiana uma verdadeira doutrina sobre a graça e um testemunho de que a vida de Deus se une à pessoa humana para fazê-la viver.²⁶²

Teresa quer mostrar a todos e, principalmente, à mulher que, ao se identificar com os seus escritos, se põe em condições de ser impelida a buscar a tão sonhada liberdade. Quanto mais essa mulher se sente livre, mais humana e mais visível ela sente a graça de Deus. A graça de sentir-se amada por Deus e a liberdade de dar uma resposta a esse amor é a grande proposta de Teresa para todas as mulheres. Como ela mesma diz:

(...) como nós mulheres não temos instrução, tudo isso é preciso para que compreendamos com verdade que há outra mais preciosa e sem comparação dentro

²⁵⁹ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.173-8.

²⁶⁰ 3M 1,7.

²⁶¹ V 13,2.

²⁶² PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.129.

de nós do que o que vemos aqui fora. Não nos imaginemos ocas por dentro. (...), se tivéssemos o cuidado de perceber que tal Hóspede dentro de nós, nos entregássemos tanto às coisas do mundo, já que, nesse caso, veríamos quão inferiores são diante das que possuímos no íntimo.²⁶³

Teresa tem plena consciência de que a mulher do Século de Ouro não tinha a liberdade de expressar os seus pensamentos nem sentimentos. Nossa autora quer fazer entender que a graça que habita em cada pessoa possa ser realmente impulsionada à liberdade tão desejada, a liberdade para amar.

4.2.1 Oração: um “trato de amizade”

A própria Teresa explica-nos o bem de quem pratica a oração, neste caso a oração mental, e mostra que essa oração é um trato de amizade:

Por isso, peço aos que ainda não começaram que, por amor a Deus, não se privem de tanto bem. Não há o que temer, mas o que desejar. Porque, mesmo que não vá adiante nem se esforce pela perfeição, a ponto de merecer os gostos e regalos que Deus dá aos perfeitos, ao menos irá conhecendo o caminho que leva ao céu. Se perseverar, tudo espero da misericórdia de Deus, pois ninguém fez amizade com Ele sem obter grande recompensa. Para mim, a oração mental não é senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama.²⁶⁴

A oração tem seus frutos que florescem em virtudes. O trato com Deus leva a uma total transformação do homem. Todos esses conceitos vão formar o indispensável alicerce da oração teresiana: a oração é a nossa resposta de amor fundada na fé e na esperança ao amor de Deus. Toda a visão de Teresa sobre a oração é como vivência íntima e total de amizade. Toda doutrina teresiana é um resumo de sua própria experiência. Teresa mostra que a amizade exige a presença constante de si mesmo e abertura incondicional de uma pessoa a outra. De um amigo a outro com aquilo que se é e se tem.²⁶⁵ A oração teresiana está muito longe de ser um simples exercício piedoso ou apenas um meio de vida espiritual. É uma estrutura profunda e segura, é o dinamismo da alma, é a porta de entrada da alma.

A espiritualidade teresiana propõe um caminho a ser percorrido na vida. Não

²⁶³ C 28,10.

²⁶⁴ V 8,5.

²⁶⁵ Cf. DEL BLANCO, M. M. *Santa Teresa de Jesus*, p.310-1.

é o uso de elementos mágicos a fim de alcançarmos proveito imediato. O que se sabe é que oração e vida se fecundam mutuamente. A oração é o caminho para o encontro com Deus, uma grande experiência humana.

Teresa afirma que a oração é caminho de encontro com Deus. A oração é uma das características mais fundamentais de Jesus. Sua vida foi uma contínua e permanente oração com o Pai.

Em seus escritos, Teresa mostra que a Palavra de Deus sobre o ser humano não diz respeito, antes de tudo, ao pecado e à culpa, mas à beleza do ser humano que foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Para Teresa, a oração é um trato de amizade: “para mim, a oração mental não é senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com quem sabemos que nos ama”.²⁶⁶ Isto se refere a toda forma de comunicação interpessoal, com especial obstinação na sensibilidade, na proximidade e na familiaridade. Para Maximiliano Herraiz:

O “trato de amizade” não exige pessoas imaculadas, cristãmente “acabadas”, mas pessoas que o querem ser e fazer-se, e decidem levá-lo a cabo pelo caminho da oração. A oração, antes de transformar a vida, evita o desmoronamento total. Ou, dito de outro modo, a transformação que produz, numa primeira etapa, longa e dolorosa, será a vontade de orar apesar de tudo.²⁶⁷

Oração é por em ato, é exercitar o amor de Deus. A oração, em se tratando de amizade, conduz a um encontro pleno do próprio ser humano. Sabemos que a vida cristã se entende a partir da oração como um relacionar-se. Não é apenas um momento, mas se torna condição permanente no relacionamento com Deus. Compreender a oração como amizade facilita o exercício, especialmente aos mais jovens, aos que vão descobrindo à força humana que a oração traz. Uma das características da amizade é a de não ser interesseira, valor de troca, relação econômica – dar e receber. A relação de amizade só pode existir na desproporção, porque estimo o meu amigo mais do que a mim mesmo.

A amizade é a forma que o amor adota nas relações humanas e é correspondido. A oração de Teresa, enquanto amizade, é comunicação gratuita, excluindo a lógica do “custo-benefício”. Tem a marca da amizade e da graça. De fato, “para aproveitar muito neste caminho e subir às moradas que desejamos, o

²⁶⁶ V 8,5.

²⁶⁷ HERRAIZ, G. M. *Oração, história de amizade*, p.79.

importante não é pensar muito, mas amar muito”²⁶⁸. A amizade requer frequência, a oração exige que a pessoa esteja “muitas vezes tratando a sós” com a pessoa amada. A frequência alimenta a oração. A amizade requer muita comunicação. Por isso, ela tenta tornar os amigos iguais, mantendo a identidade de cada um: “Que bom amigo sois, Senhor meu!”²⁶⁹

A oração de Teresa não brotou de um laboratório intelectual, mas do oratório da crente que buscava e invocava Deus. Como a amizade, põe o amor em movimento, numa forte corrente afetiva, que contagia a vida. Como a amizade é um estilo de vida, a oração de Teresa também o é. Não é um exercício ocasional. É vida. É no acontecer de cada dia que se tece a história de amizade com Deus. A oração é vida diante de Deus. É ousar, é sair do lugar comum, é correr risco, é se expor para ter esta experiência com Deus. Teresa transpunha para a oração o relacionamento afável que tinha com as pessoas. A oração é amiga de fazer amigos. Na oração, “nesses momentos, é o amor que fala”.²⁷⁰

Para a fé bíblica, falar a Deus em diálogo amigo tem a ver com o ser de Deus e com a sua imagem. Mas, também tem a ver com a essência do ser humano e com suas relações. A oração é a experiência mais profunda do ser humano. Teresa, ao rezar, embarcava num itinerário progressivo de consciência de si própria e de uma conveniente autoestima. Ela se via como um ser para ser habitado por uma presença amiga, um ser que só se realiza na relação com Deus. Teresa se percebia não como um ser fechado nos limites do humano, mas aberta à transcendência. A linguagem da oração realiza uma ligação forte com Deus, desvelando a verdade da pessoa a si própria. Teresa fala: “sabemos quem somos”²⁷¹. Rezar a Deus é uma forma de ser humano.

4.2.2 O itinerário teresiano

Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento nos mostram o relacionamento entre Deus e o seu povo. Porém, isto não quer dizer que a Sagrada Escritura tenha revelado completamente o mistério desse relacionamento. O ser

²⁶⁸ 4M 1,7.

²⁶⁹ V 8,6.

²⁷⁰ V 34,8.

²⁷¹ 1M 1,2.

humano só consegue se relacionar de modo interpessoal. Teresa mostra que esse trato é como uma aliança, um encontro de namorados. Ela põe todo o foco no contato íntimo, profundo, silencioso deste relacionamento e esta oração alcança a parte mais ativa e densa da fé.

A oração dos místicos é como o último estágio, o mais profundo entre a relação homem e Deus.²⁷² Entendemos, então, que a oração nos ajuda a compreender que a sua essência é Deus e também a porta para a sua comunicação com Ele. A oração não pode estar à margem do mundo. Teresa descobre que a verdade sobre sua vida e sobre o mundo se transformam em amor a Deus e ao próximo. Teresa quer nos mostrar que Deus é o começo e o fim de tudo, como ela mesma explica:

Essa Verdade é em si mesma verdade, não tendo princípio nem fim. Todas as outras verdades dependem dessa Verdade, assim como todos os demais amores, desse Amor, e todas as grandezas, dessa Grandeza. Mas o que digo é, em comparação com a luz com que o Senhor me explicou isso, obscuro. E como brilha o poder dessa Majestade que em tão breve tempo deixa um proveito tão grande, imprimindo essas verdades na alma!²⁷³

Toda esta descoberta e intensa relação entre Teresa e Deus feito homem em Jesus Cristo se torna o ponto central de seu itinerário de vida – sua determinada determinação. Sabemos que a autoconsciência é que nos permite entender e nos possibilita uma decisão consciente. A autoconsciência é que nos permite uma determinada determinação: “Digo que muito importa, sobretudo, ter uma grande e muito decidida determinação de não parar enquanto não alcançar a meta (...)”²⁷⁴ Teresa quando usa essa expressão, está fazendo referência à pessoa que se entrega à oração. Ela nos fala de sua experiência pessoal e, por isso, alerta para quem iniciar este itinerário de oração, ou seja, este encontro com o Senhor, que deve ter a determinação que direcione a própria vida. Somente quem vive uma experiência tão profunda e íntima é capaz de reconhecer que tal experiência só é vivenciada confiando inteiramente ao Senhor.

Bendito seja Deus para sempre, por ter me dado, num instante, a liberdade que eu, com todos os esforços que fizera por muitos anos, não pude alcançar sozinha, tendo chegado muitas vezes a ponto de me exaurir tanto que abalava a própria saúde. Como foi dada por

²⁷² Cf. DIAZ-OTAZU, A. M. L. *Experiencia de Fe en Teresa de Jesus*, p. 133-6.

²⁷³ V 40,4.

²⁷⁴ C 21,2.

Aquele que é poderoso e Senhor verdadeiro de tudo, essa liberdade não me causou nenhum sofrimento.²⁷⁵

Este reconhecimento da grandeza de Deus na oração ajuda a descobrir a humanidade do homem em aceitá-la como dom.

Outra lição importante da experiência teresiana é que para crescer na oração é necessário ter uma vida de conversão. A conversão significa, em determinados momentos, a renúncia a esquemas e projetos de vida. É o abandono de certas seguranças para entregar-se sem reservas a Deus. Para isso, a oração necessita de um clima sereno e de atitude de escuta humilde. Se não colocarmos, nessa oração, um caminho de fidelidade a Deus, que inclui o serviço aos irmãos, a palavra de Deus perde a sua força e a tendência é de abandonar a oração logo no início.

Deus se revela ao homem paulatinamente, aumentando sempre a capacidade desse em relacionar-se com Ele, mas exige condições. “E Sua Majestade tem razão; não Lhe neguemos o que nos pede. E como não pretende forçar a nossa vontade, Ele recebe o que Lhe damos, mas não Se entrega de todo enquanto não nos damos a Ele por inteiro”.²⁷⁶ A caridade em relação aos irmãos será a garantia do valor da intimidade na oração. Não se conseguindo em um dia, nem de uma vez por todas, se deve ter a pretensão de obtê-la na próxima ação e, assim, sucessivamente, fazendo parte do itinerário da oração e levando à conversão permanente.

Teresa nos mostra que a oração é transformante, se há oração, há mudança. Onde se inicia uma amizade, então se opera e desenvolve a conversão. Só uma autêntica conversão poderá empurrar o homem na estrada que leva ao Senhor. Contemplar o Senhor nos vários momentos da vida, penetrar no coração de Deus, deixar-se amar por Ele, eis o segredo teresiano da oração. A oração surge em momentos-chaves e, principalmente, de tomada de consciência. Teresa converte-se à oração.

Teresa fala da dificuldade de se ter a determinação de oração, a doce e forte violência que o ser humano deve fazer para superar a dificuldade de levantar voo, de olhar para o alto. Não podemos deixar de observar que a obra de Teresa não é fruto de conhecimentos adquiridos pelos estudos, principalmente da teologia,

²⁷⁵ V 24,8.

²⁷⁶ C 28,12.

mas do fio condutor da sua experiência pessoal. Como bem apresenta Pedro Paulo di Bernardino:

Teresa é categórica: a oração é o caminho da luz, mas tem seu preço. É preciso estar disposto a pagá-lo. A disciplina imposta pelo exercício das virtudes não é um fim em si mesmo: é apenas uma condição necessária para a posse de uma realidade que é a aventura mais bela da vida e responde a todas as exigências do coração.²⁷⁷

Teresa não possui um método propriamente dito de oração. Ela é a mestra delicada que toma pela mão seus amigos e, com doce violência, os conduz ao encontro do Senhor que habita no mais íntimo do ser humano. Ela nos mostra tão realizada quando reza, que não pode guardar para si esta alegria, quer comunicá-la a todos. Quer ensinar aos seus os mesmos perigos, a evitar as tentações.

A oração é relacionamento essencial e insubstituível do homem com Deus. Nunca o homem é tão sincero consigo mesmo como quando ele experimenta a própria limitação e a necessidade absoluta de Deus. A comunhão com Deus não se dá de forma alienante, mas deve simplificar a vida, ajudar a resolver problemas, nos inserir no serviço aos demais, um serviço alegre. Vejamos o que diz Teresa:

A oração faz tão bem e é tão necessária, quem poderia objetar que não há maior dano para os que servem a Deus e O querem servir do que deixar de fazê-la? Com certeza não posso entender que as pessoas passem com mais dores pelos sofrimentos da vida ao fecharem para Deus a porta através da qual Ele lhes daria a verdadeira felicidade.²⁷⁸

A oração teresiana é um itinerário, uma evolução da dialética da espiritualidade. Para Teresa, existem graus de espiritualidade que ganham forma na capacidade cada vez maior de ter experiências reveladoras no encontro com Deus. As metáforas teresianas se tornam fundamentais para a compreensão do processo de espiritualização pela mediação das orações.

Em seu itinerário de oração, ela mesma distingue momentos específicos, a começar pela infância com sua oração espontânea. Depois na juventude, com a oração mais elaborada. E, por último, a etapa final: a oração mística. A oração que conduz o homem ao encontro com Deus. Este período de oração compreende os últimos vinte e oito anos de vida de Teresa. Tudo está voltado para a oração. Há um hábito novo que se apodera de sua alma e de sua vida. “Mesmo dormindo, tinha a impressão de estar nela, porque cresciam o amor e as queixas que eu fazia ao Senhor,

²⁷⁷ BERNARDINO, P. P. *Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila*, p.55.

²⁷⁸ V 8,8.

eu não podia suportar não pensar nele, nem isso estava ao meu alcance, por maior que fosse o meu desejo e por mais que eu me esforçasse”.²⁷⁹ Sabe-se que todos os escritos teresianos foram compostos nesta fase final de sua vida, quando se inicia na oração mística. Este será o caminho de oração que culminará na experiência final que mostrará melhor a eficácia da oração cristã.²⁸⁰

Teresa mostra o caminho que devemos percorrer pela oração até o encontro com o Senhor. Ela parte sempre de simbolismos para melhor explicar aos leitores o caminho a percorrer. A vida cristã, como já foi colocado antes, conduz sempre ao encontro profundo que se compreende a partir da oração, um relacionar-se. O ser humano busca sempre o relacionamento com Deus. Ao falar sobre os graus de oração no *Livro da Vida*, Teresa utiliza da imagem do jardim que precisa ser regado, pois sem água perecerá certamente. Os graus de oração são como os níveis de amizade e de vida. São quatro as etapas desse processo. Teresa as apresenta:

Parece-me haver quatro modos de regar: o primeiro é apanhar água a baldes num poço, com grande trabalho. O segundo é tirá-la mediante nora e alcatruzes movidos por um torno (assim o fiz algumas vezes), o que cansa menos e dá mais água. O terceiro é trazê-la de algum rio ou arroio, e por este meio se rega muito melhor, o jardineiro tem menos trabalho, a terra fica bem molhada e não é necessário regar tantas vezes. O quarto é por chuvas frequentes e copiosas, modo incomparavelmente melhor que tudo que ficou dito. É então o Senhor quem rega, sem nenhum trabalho nosso.²⁸¹

Pegar a água do poço é a tarefa dos que estão no início do itinerário, no início da vida de oração. “Dos que começam a ter oração, podemos dizer que são os que tiram água do poço com baldes”.²⁸² Neste primeiro momento, a pessoa precisa de empenho e muito esforço, principalmente de vida interior. Precisa acalmar os sentidos, buscar a solidão e recolher o pensamento. Teresa fala de determinação, ternura, justiça e fortaleza, não esquecendo nunca da humildade. A humildade que leva ao discernimento. O processo de interiorização se defronta com as dispersões da vida exterior. Seus conselhos vão no sentido de uma singularidade da experiência espiritual. Este início do itinerário supõe esforço e exercício constantes, em vista de um objetivo claro: crescer na relação com Deus. Essa etapa da oração exige muito trabalho, é cansativa. “Tais trabalhos têm o seu valor, bem o sei, como quem os

²⁷⁹ V 29, 7.

²⁸⁰ Cf. ALVAREZ, T. Oración, p. 486-8.

²⁸¹ V 11,7.

²⁸² V 11,9.

passou durante muitos anos. Quando me acontecia tirar uma gota de água desse bendito poço, pensava que Deus me fazia favor”.²⁸³

O ser humano ainda está voltado para fora, vive a exterioridade, sem forças e sem raízes. É terra seca e a água ainda é escassa. Teresa faz um esforço de encorajar aqueles que querem tratar amigavelmente com Deus. “Sim, pois o amor de Deus não está em ter lágrimas nem em ter esses gostos e essa ternura, que em geral desejamos e com os quais nos consolamos, mas em servir com justiça, força de ânimo e humildade”.²⁸⁴ Desde que haja o desejo de agradar a Deus, a oração realiza a amizade em que consiste. A aceitação dos desafios colocará em marcha a história de amizade que se inicia na oração. Às vezes é necessário voltar às fases iniciais com muita humildade. “Sua Majestade quer algumas corajosas e é amigo delas, contanto que andem com humildade, desconfiando sempre de si mesmas”.²⁸⁵ Este primeiro grau de oração ou oração ascética, pode ser simples meditação da Palavra de Deus, mas com atenção amorosa e silenciosa.²⁸⁶

No segundo grau de oração, Teresa se refere às potências: vontade, inteligência e memória. A vontade humana deve estar unida com a vontade de Deus. Esta segunda etapa está caracterizada pela oração de quietude. Neste momento, a pessoa começa a fazer uma experiência mais profunda da graça de Deus. Muitos chegam a esse estágio, mas poucos passam adiante. O cansaço intelectual diminui e aumenta a consolação. Há uma comunicação e diálogo profundos onde a base de sustentação é a humildade. Há também, um fortalecimento da pessoa e do seu mundo interior.

Teresa caracteriza este momento como uma oração menos cansativa, porque tanto a vontade, a inteligência, quanto a memória amam Deus e ajudam a pessoa no seu itinerário do desenvolvimento da oração. “A alma já se vai elevando acima de sua miséria, (...) faz progredir mais rapidamente e também mais a aproxima da verdadeira virtude, de onde todas as virtudes procedem, que é Deus”.²⁸⁷ A pessoa começa a entrar numa intimidade mais profunda com Deus. Teresa usa a linguagem

²⁸³ V 11,11.

²⁸⁴ V 11,13.

²⁸⁵ V 13,2.

²⁸⁶ Cf. ALVAREZ, T. Grados de oración, p.325.

²⁸⁷ V 14,5.

da época, e hoje poderíamos dizer que seus interesses e valores mudam conforme a intimidade com Deus.

Neste estágio, a pessoa toma consciência da ação de Deus, pois sem a oração não se pode alcançar a suprema intimidade de si mesmo. A aproximação de Deus produz efeitos psicológicos como satisfação, paz, alegria e, principalmente, atua no crescimento da virtude e humildade.

Percebe-se nesta segunda “água” um grande dom de Deus. Se a pessoa o recebe é porque Deus já a escolheu para grandes coisas em proveito do outro. Deus não quer ser só objeto de reflexão, quer ser amado. Agora o que está em jogo é o desafio de assumir a oração na vida e ao mesmo tempo entender que não é algo supérfluo ou como um acessório, mas sim um aspecto essencial da vida cristã.

A certeza cada vez mais experimentada da presença de Cristo no fundo da pessoa convida-a a se recolher na contemplação dessas profundidades.²⁸⁸ Oração é um diálogo que o ser humano estabelece com Deus. A oração traz um movimento para a relação. Nesta segunda água, Deus se comunica diretamente à vontade, enriquecida de amor, sem intervenção prévia do intelecto. “O máximo a que se podemos chegar aqui é entender com clareza que não há nenhuma razão para que Deus nos faça tão grande favor, a não ser a Sua bondade”.²⁸⁹ Esse segundo grau de oração, ou oração de quietude, consiste num repouso passivo e amoroso da vontade em vista ao mistério divino. Existe a fascinação que constitui a nova maneira de relacionar-se com o Senhor.

O terceiro grau de oração, ou terceira água, é o momento propício em que a vontade, a inteligência e a memória são unidas a Deus. Agora, o trabalho se torna reduzido. A concentração se aprofunda mais em Deus. “O Senhor quer ajudar o jardineiro aqui de uma maneira em que Ele quase é o jardineiro, encarregando-se de tudo”.²⁹⁰ Logo, diminui a ação da pessoa. A oração age de forma transformante. A pessoa tem toda certeza da presença de Deus e da sua graça. O ser humano se sente impregnado do divino; percebe com clareza que não é ele que

²⁸⁸ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.70.

²⁸⁹ V 15,7.

²⁹⁰ V 16,1.

provoca essa experiência. Tem consciência de que é Deus que o envolve em seu aroma e o atrai docemente para dentro de seu mistério.²⁹¹

Neste grau de oração, já se manifesta a união do homem com Deus no amor. “A alma fica desejosa de louvá-Lo em voz alta, pois não cabe em si, estando num saboroso desassossego”.²⁹² A pessoa é só amor pleno. Deus a realiza profundamente, causando alegria e contentamento. Deus se torna o centro da pessoa. Atua com dinamismo e alegria. E a pessoa descobre o Deus da Bíblia em Jesus. E a sua resposta a Deus passa a ser decisiva, porque Ele se oferece gratuitamente, sem se impor.

Este terceiro grau de oração ou oração de recolhimento consiste em uma intensa infusão de amor na vontade que em alguns momentos exige quietude, em outros o recolhimento e em outros o arrebatamento. Neste movimento estão interagindo corpo, mente e espírito. Há uma intensa produção simbólica onde as ações parecem conjugadas a significados que se inscrevem no desejo de produzir, servir e amar o próximo.²⁹³

O quarto grau é o último passo do processo do caminho para Deus. Agora, todo corpo está inserido no processo. Deus quer a pessoa toda, por inteiro. Nesta união com Deus vai ser possível a união do corpo pulsante com o divino. É o ponto alto da transformação do ser que participa desta experiência. É a expressão de uma espiritualidade viva e existencialmente transformadora. Não resta dúvida, na quarta água acontece, finalmente, uma absoluta e total rendição da pessoa a Deus. É uma experiência de vida à luz e da graça divina. A pessoa como ser finito se situa diante do ser infinito. O homem e Deus se encontram e dialogam.

Este quarto grau de oração ou oração mística consiste em unificar todas as potências, inicia-se um caminhar mais marcado pela experiência misteriosa mística de Deus, inclusive com fenômenos extraordinários. Esta experiência direta com Deus revela um processo de libertação. É possível perceber os efeitos deste grau de oração na vida cotidiana.

O itinerário pelos graus de oração aponta para uma hierarquia de experiências nas quais o ser humano vai evoluindo nas orações. O desenvolvimento da espiritualidade teresiana vai, neste sentido, elevando o nível de profundidade

²⁹¹ Cf. CASTRO, S. op.cit., p.75.

²⁹² V 16,3.

²⁹³ Cf. ALVAREZ, T. Grados de oración, p.325.

destas experiências até chegar a sentir claramente a presença de Cristo. Em geral, a graduação da oração estabelecida por Teresa reflete o pensamento paulino:

Outrossim, o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis. E aquele que perscruta os corações sabe o que deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus.²⁹⁴

A oração é necessária para se viver bem a vida plenamente. É imperativo o esforço no conhecimento das virtudes evangélicas, Teresa mostra três importantes virtudes que são: o amor aos irmãos, o desapego aos bens materiais e a humildade. Para ela, a amizade com Deus, que é a oração, não se torna possível sem a amizade aos irmãos, sem a liberdade de espírito e sem a disponibilidade à ação de Deus sobre si mesmo. Quem lê os seus livros se sente solidário com suas orações e motivado por elas.

A oração é o cerne da pedagogia de Teresa, é um vínculo de afeto e amizade com Deus. Como explicita a teóloga Monica Campos:

A experiência de oração é transformadora na vida de Teresa e sua obra não é dissociada de sua vida. Pelo contrário, seus escritos narram a transformação que nossa autora sofreu ao aventurar-se no caminho da oração. Não são os fenômenos místicos que determinam a profundidade ou a veracidade da sua amizade com Deus, mas sua própria vida, coerente e ética.²⁹⁵

No livro *Castelo Interior ou Moradas*, onde a temática da oração já é fruto de sua completa maturidade espiritual, Teresa explica os graus de oração com mais ordem, baseando-se no desenvolvimento e nas qualidades do amor recíproco entre Deus e a alma.

O processo descrito no *Castelo* segue duas linhas: interiorização (linha antropológica) e união (linha teologal cristológica). Elas são desenvolvidas a partir de pressupostos simples: um ponto de partida, presença de Deus no homem; um ponto de chegada, união com Deus, quintessência da santidade; e um caminho a percorrer: oração como atuação da vida teologal, núcleo da vida cristã. Não há oração sem coerência de vida concreta, e esta tem sua tábua de valores no amor aos demais. O que está em jogo não é o muito pensar, mas o muito amar; o amor é determinação e obras, mais que sentimento e emoção.²⁹⁶

²⁹⁴ Rm 8,26-27.

²⁹⁵ CAMPOS, M. B. Experiência de oração, p.141.

²⁹⁶ SCIADINI, P. *Santa Teresa de Jesus.*, p.19.

No primeiro grau a oração é dos principiantes, ou, para usar uma metáfora, a porta de entrada do castelo: converter-se, iniciar o trato com Deus, reconhecer-se a si mesmo e recuperar a sensibilidade espiritual. “(...) a porta para entrar nesse castelo é a oração e reflexão”.²⁹⁷

O segundo grau de oração é o começo da oração meditativa. Esse modo de rezar, ainda mesmo vocalmente, recolhe o espírito muito mais depressa. Chama-se oração meditativa, porque nota-se um progresso na escuta da palavra de Deus. Persistem ainda os dinamismos desordenados, mas já há a necessidade de ancorar-se numa opção radical.²⁹⁸

O terceiro grau de oração é o recolhimento passivo. Nesse estado, a alma sente uma inclinação muito forte ao recolhimento, dando-se conta inclusive de que esta não nasce dela, mas provém de Deus. É o estabelecimento de um programa de vida espiritual e de oração. “Trata-se de um recolhimento que também me parece sobrenatural, porque não consiste em ficar às escuras ou em fechar os olhos”.²⁹⁹

No quarto grau de oração ou oração de quietude, a alma entra decididamente no sobrenatural. A alma se dá conta de que não é só ela a impelir sua vontade para Deus, e esta íntima ação divina envolve-a ao mesmo tempo em tranqüila quietude e profunda paz. Embora haja um rebuliço entre o intelecto e a memória, a alma não lhe dará atenção, pois toda sua vontade está em Deus. “Assim anda de um lado para o outro, como um tonto que em nada toma assento”.³⁰⁰

No quinto grau de oração, o sono das faculdades, trata-se da mesma oração de quietude, mas em grau mais perfeito. Aqui, Deus infunde na alma luz mais abundante que faz o intelecto recolher-se na contemplação, e a atenção se fixa de tal modo que praticamente desaparece o movimento da imaginação. A alma está completamente absorta e imersa em seu profundo recolhimento, as faculdades ficam adormecidas às coisas do mundo, a alma não discorre, ela está preocupada em fruir de Deus.

No sexto grau de oração, ou oração de união, o predomínio de Deus é absoluto. Sua ação progressiva acorrenta as faculdades da alma até colocá-las em completa passividade, que exclui toda a possibilidade de iniciativa pessoal. A

²⁹⁷ 1M 1,7.

²⁹⁸Cf. SCIADINI, P. *Livro das Moradas*, p.19-20.

²⁹⁹ 4M 3,1.

³⁰⁰ 4M 3,8.

imaginação já não se apresenta mais, e às vezes permanece como que adormecida para deixar que a inteligência e a vontade possam se unir a Deus. “Pelos sentidos e faculdades, não entenderia em mil anos, de nenhuma maneira, o que aqui entende num átimo”.³⁰¹

Esse sexto grau de oração é a oração de união plena. A sexta morada do *Castelo Interior*, onde se realiza a união plena, é um conjunto de sofrimentos purificadores e suavíssimas graças.

O sétimo grau de oração, ou a sétima morada, é a união que se realiza com muita profundidade e vigor. É o matrimônio místico. Esta é a mais alta união possível com Deus enquanto se vive na terra. Deus se dá totalmente a quem a Ele se doa de verdade.

Com este itinerário pelos graus de oração descritos no *Castelo Interior ou Moradas*, deve-se considerar que, na vida real, não é fácil distinguir teoricamente cada grau. Na verdade, é a pessoa inteira que amadurece espiritualmente. É possível chegar à união íntima com Deus mais rápido do que se imagina. Tudo depende da nossa generosidade e do uso que fazemos do exercício das virtudes e a frequência dos sacramentos.

Por isso, diz Teresa muito sabiamente: “a verdadeira oração não consiste em pensar muito, mas sim em amar muito”.³⁰²

4.2.3 Seguimento de Jesus

Os livros de Teresa são “oração viva”, um diálogo constante com o Senhor. Ela muitas vezes abandona a descrição para dar plena liberdade ao amor que queima em seu coração. Para ela, Sua Majestade, o Rei, habita no seu coração e ela, se esforça cada vez mais para que todos o conheçam e o amem. Ninguém pode rezar em nosso lugar. A oração, antes de ser um fato comunitário, é uma realidade pessoal, que brota da certeza e do querer encontrar-se face a face com o Senhor. Ela, Teresa, está convencida de que a oração deve transformar-se em vida e a vida em oração.

³⁰¹ 5M 4,4.

³⁰² 4M 1,7.

O itinerário teresiano de oração só é feito por aqueles que, com coragem, sabem determinar o olhar a um ideal. O mais interessante é que para ela oração e vida cômoda não combinam.

Jesus é o centro da vida de Teresa. Na vida e na mensagem de Teresa, vemos que o progresso espiritual consiste em entrar na gratuidade da relação com Deus até o ponto em que a pessoa se configura a Cristo. A pessoa vive a presença e a influência benéficas de Deus Trino na sua história. É ter o mesmo pensamento paulino: “Não sou eu que vivo é Cristo que vive em mim”.³⁰³ Intensifica-se a intimidade entre a alma e Deus de tal forma que há uma compreensão profunda entre os dois.

O mais íntimo da pessoa se transforma em divino por participação pessoal na comunhão com a Trindade. A pessoa autotranscende até Deus progressivamente, para alcançar a identificação com Cristo, chegando à plenitude existencial. Só chega a este patamar vivendo voltada para o amor a Deus e ao próximo. Neste processo espiritual, a pessoa experimenta um fortalecimento no amor, mediante o serviço desinteressado aos irmãos. Este progresso espiritual da pessoa a leva a um compromisso forte e firme com os irmãos, principalmente na ajuda em suas necessidades. O desabrochar espiritual está ligado a um dinamismo de transformação, em fortalecimento e compromisso, vale a pena dizer, de crescimento integral para configurar-se a Cristo.³⁰⁴

O Deus com quem Teresa entra em relação em sua oração é sem dúvida, o Deus cristão, é dizer, o Deus que se nos revela e nos é dado como amor infinito que nos salva, Jesus Cristo. Ela nos ensina que o amor é a força que alimenta a vida humana e nos faz procurar uma relação mais íntima com a pessoa amada.

É a partir da corporeidade que se explica a cristologia de Teresa. Ela centraliza toda a sua cristologia na humanidade de Cristo, como lugar afirmativo de revelação e agradecimento de Deus. A humanidade de Jesus é, para ela, a revelação definitiva.

O cristocentrismo teresiano quer dizer que sua compreensão de Deus é cristológica, que toda a sua espiritualidade tem estrutura encarnatória e que a oração é a experiência de Cristo. Não abandonando a Trindade, mas sem desaparecer a marca cristológica. Isto significa que o “eu” teresiano se constitui em Cristo.

³⁰³ GI 2,20.

³⁰⁴ Cf. ZUREK, J. *Mística em una sociedade fragmentada*, p. 690-1.

Teresa deu à mística uma compreensão totalmente cristã. Ela quis que seus dois livros, *Livro da Vida e Castelo Interior ou Moradas*, fossem lidos cristologicamente. Para isso, escreveu dois capítulos inteiramente cristológicos, cujos títulos transcrevemos abaixo:

a) Diz que o caminho mais seguro para os contemplativos é não elevar o Espírito a coisas superiores se o Senhor não o levanta, e que o meio para a contemplação mais sublime é a humanidade de Cristo. Fala de uma alusão em que esteve por algum tempo. Este capítulo é muito proveitoso;³⁰⁵

b) Trata da grande aflição que sentem pelos seus pecados as almas a quem Deus concede as mencionadas graças. Diz o grande erro que é não se exercitar, por mais espiritual que se seja, em ter presente a humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, bem como a sua sacratíssima Paixão e vida, sua gloriosa Mãe e os santos. É de grande proveito.³⁰⁶

Teresa concentra a sua cristologia na humanidade de Cristo como lugar definitivo de revelação. Para ela, a vida cristã é relação pessoal com Jesus que culmina na união com Ele por graça, por amor e por imitação.

Teresa tem uma ideia muito clara da plenitude de Cristo, revivida pelo cristianismo. No fim do percurso do *Castelo Interior*, na última morada, Teresa descreve tal plenitude realizada na Trindade, na união com Cristo através do mistério da sua humanidade. “Na sétima morada, comunicam-se com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no Evangelho: que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e segue seus mandamentos”.³⁰⁷

Para Teresa e para todo cristão consciente de sua fé, Jesus é o centro de sua vida e a própria história de salvação. É o centro do magistério espiritual. Assim como São Paulo, Teresa também se encontrou com o ressuscitado e a ambos foi dada uma missão. Ela está convencida de que tudo nela deriva do amor sponsal de Cristo. Para ela, amá-lo é segui-lo, servi-lo, configurar-se a Ele para anunciá-lo, dando-lhe graças e bendizendo sempre o seu nome.

³⁰⁵ Cf. V 22.

³⁰⁶ Cf. 6M 7.

³⁰⁷ 7M 1,6.

O marco final do seguimento de Jesus e de toda a vida de Teresa será a união com o crucificado ressuscitado, aguardando assim, a hora de vê-lo sem véus, o que se dará no leito de morte.

São várias as passagens evangélicas referentes à pessoa de Jesus citadas nos escritos teresianos. Mas, em Teresa, estes textos citados são relativos à sua interioridade, ou seja, sua experiência mística. São incorporados à sua vivência e experiência das palavras de Jesus. Assim, vão mostrando sua imagem ou sua ideia pessoal do Senhor, vão sedimentando e determinando sua relação pessoal com Ele. De fato, ela experimenta que Jesus é realmente o Senhor, a luz, a formosura, o caminho, o esposo, a majestade, a vida que o cristão viverá de verdade além da morte.

No tempo de Teresa, o Jesus da piedade popular se configurava em um nível totalmente diferente que o Cristo que a teologia estudava nas universidades. Mas não de forma negativa, pois a piedade popular dependia do Jesus do Evangelho para fortalecer a fé. E se expressava de forma simples: através de retábulos, cruzeiros, imagens, festas, canções e poesias. O importante dessa piedade popular é o fato da piedade cristológica de Teresa, que se define quando a imagem de Jesus penetra na história íntima dela. A imagem passa a ser, para ela, o mediador da presença do Senhor no mistério de sua ausência.³⁰⁸ “Quando a pessoa está ausente, ou quando, por meio de muita aridez, quer nos fazer entender que o está, é um grande consolo ver uma imagem de alguém a quem amamos com tanta razão. Eu gostaria de vê-Lo em qualquer ponto para o qual voltasse os olhos”.³⁰⁹

Esta mediação se estende desde às modestas expressões da piedade popular até as camadas profundas de sua experiência cristológica.

Teresa foi uma pessoa muito afetiva. Demonstrou um caráter afetivo e amoroso com todas as pessoas e, principalmente, com Cristo. Esse trato tem uma carga de amor, amor esse demonstrado em atitudes, em fatos. Ela mesma confessa que só podia imaginar Cristo Jesus como homem. “Eu só podia pensar em Cristo como homem, mas nunca pude representá-Lo no meu interior”.³¹⁰ Isso parece ser razoável, pois embora Deus seja Espírito, não somos capazes de representá-lo como tal.

³⁰⁸Cf. ALVAREZ, T. Jesucristo en la vida y la enseñanza de Teresa, p. 373-84.

³⁰⁹ C 34,11.

³¹⁰ V 9,6.

Teresa sentiu a presença de Cristo no decorrer de sua vida, “Estando no dia do glorioso São Pedro dedicada à oração, vi perto de mim, ou, melhor dizendo, senti, porque com os olhos do corpo ou da alma nada vi”.³¹¹ Teresa mostra como é possível adquirir essa contínua consciência da inabitação.³¹²

Teresa demonstra como se pode chegar a esse caminho de perfeição³¹³: começa-se com a imagem de Cristo diante dos olhos, sempre que se coloca em oração e, sobretudo quando se percebe as distrações. Faz-se um ato de fé e um esforço de concentrar nela os nossos pensamentos. Pouco a pouco adquire-se um hábito mediante o qual a imagem de Cristo vai se fixando na imaginação e na memória até não ser mais necessária.

Percebe-se, então, que através da fé e do amor essa imagem de Cristo transforma-se dentro do homem em algo vivo de forma que quanto mais a alma se exercita nesta prática mais facilmente sentirá sua presença. Isto não afeta só a fé, mas também a experiência pessoal. É interessante como Teresa constata que a simples visão de uma imagem de Cristo, principalmente os seus olhos, passa a ser força vital em sua vida. Foi por meio desta contínua presença de Jesus a seu lado que Teresa adquiriu confiança e lealdade, demonstrando a presença do seu discipulado e seguimento de Cristo.

Teresa fala que a sagrada humanidade de Cristo é o melhor meio de agradar Deus e conquistar a sua amizade. Nele se encontra o melhor remédio para a angústia, fraqueza e tibieza. “E vi com clareza, e continuei a ver, que Deus deseja, para O aguardarmos e para que nos conceda grandes favores, que os recebamos por meio dessa Humanidade sacratíssima, em que Sua Majestade se deleita”.³¹⁴ Mas, é preciso ver com toda clareza que Teresa não se detém na humanidade de Cristo como mero atributo, o que lhe importa é a pessoa de Jesus, centro de toda a sua vida cristã.

Para Teresa, a pedra fundamental de todo o desenvolvimento da vida de oração é o grau de intimidade com Cristo. De fato, para ela não há um único momento da vida espiritual religiosa que não esteja vinculado ao amor e a imitação de Cristo, quer se trate “dos principiantes, dos adiantados ou dos perfeitos”.

³¹¹ V 27,2.

³¹² Inabitação = morada de Deus em nós.

³¹³ C 26, 9-10.

³¹⁴ V 22,6.

É preciso reconhecer que quando Teresa assinalou que a verdadeira amizade é a conformidade da nossa vontade com a de Cristo, ela insiste que a razão de ser da nossa vida de oração não é termos prazer, mas termos força no serviço. “Apreciemos a oração e ocupemo-nos dela, não para nos deleitar, mas para ter essas forças para servir”.³¹⁵

Pode-se dizer que Teresa sentia-se unida a Cristo, identificada, de certo modo, com sua obra redentora, embora ainda não tivesse brilhado em sua alma o gênero de vida que logo estabeleceria no Carmelo, sendo ela mesma seu melhor modelo.

E esta é a força de sua cristologia e sua crença fundamental: Cristo vive no interior do homem e provoca um processo de cristificação.³¹⁶

Em todo esse processo, percebemos que a cristificação da pessoa se dá a partir de dentro, quando a graça de Cristo toca os seus centros mais vitais. Há um abandono sucessivo do pecado, da dispersão, do egocentrismo e de tudo o que não contribui para a construção do Reino. A força do pecado vai se enfraquecendo à medida da proximidade com Cristo e da entrega pessoal ao amor que ele oferece. Todas as faculdades, sentidos, capacidades e sentimentos vão sendo dinamizados e ativados no sentido de seguirem e assimilarem os sentimentos de Cristo, até que ele chegue a ser a vida da própria alma.³¹⁷

4.3 Conclusão

Como vimos toda a vida religiosa brota de uma fonte de onde emana a verdadeira liberdade. Teresa nos mostra que o caminho de liberdade requer vigilância na oração e a práxis do amor ao próximo, aí está a verdadeira união com Deus.

Para Teresa a oração é vida, é experiência, é movimento, é ação. A oração é dirigida não somente ao Deus Trindade que habita em nós, mas também a um Deus que está fora, no amor pelas pessoas, no amor ao próximo. Este Deus não é estático, é dinâmico, é aquele que se lança na relação. Esta experiência é relacional. Ela nos mostra que é no interior do ser humano que Deus habita e a resposta de cada um se dá de forma livre e espontânea. Esse relacionar-se com Deus através da amizade com Jesus Cristo é libertador.

³¹⁵ 7M 4,12.

³¹⁶ Cf. CASTRO, S. *Ser cristiano segun Santa Teresa*, p.139.

³¹⁷ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística e Humanização*, p.276.

Teresa mostra que estar diante de Cristo em oração é conhecer-se, é encontrar-se. É alcançar a liberdade. Durante todo o seu itinerário, sua principal tarefa foi ensinar, educar o cristão na fé e na oração. Esta forma dialogal expressada pela oração se dá como um “trato de amizade”, é um relacionamento de amigos que se amam. Teresa não deixou que o exercício da humildade, um dos reflexos da sua espiritualidade, fosse colocado à parte. Mostrou que servir a Deus e ao próximo com humildade se torna um fundamento de toda a sua formação. E este processo vai sendo dilatado no ser humano, levando à liberdade de espírito.

Teresa mostra que a verdadeira união com Deus não requer necessariamente experiências sobrenaturais, pois a maior graça já recebemos, que foi a entrega de seu Filho.

Ela quer falar com todos através de sua espiritualidade, pois quando se atua com desapego, desprendimento, amor, serviço ao próximo, as ações pertencem a um sentido maior da racionalidade. Ela lembra que não devemos esquecer o mandamento que o Senhor nos deixou, o de amar a Deus e ao próximo; agir dessa forma é entrar em conformidade com o puro amor, a pura luz. Para Teresa, é necessário deixar-se conduzir por Cristo e fazer dele o seu itinerário.

No próximo capítulo, veremos sua experiência de mulher audaz construindo sua autoconsciência feminina e ação feminista no diálogo através da oração com Deus. Para ela: “Sua Majestade tem sido o livro verdadeiro onde tenho visto as verdades. Bendito seja esse livro, que deixa impresso na alma o que se há de ler e fazer, de modo que não se pode esquecer!”³¹⁸

5

A desbravadora da consciência feminina

Neste capítulo, queremos falar do papel que a mulher desempenhou na e para a Igreja no século XVI, através de Teresa de Jesus, e como hoje esta mulher tem o mesmo ou diferenciado desempenho junto à sua missão como mulher e na Igreja.

O que está em jogo não é somente recuperar a história das mulheres, mas recuperar o cristianismo dos primórdios e Teresa soube perceber isto claramente.

Percebemos que Teresa, no ambiente religioso, observa uma oposição, mesmo que velada, à cultura da mulher. Embora sua posição de mulher e sua opção consciente pela vida contemplativa, dentro do marco social e eclesial do século XVI, pareçam condená-la a uma vida imatura e enclausurada, ela entende que a Sagrada Escritura oferece-lhe, como mulher, fundamentos suficientes e inspiração para resistir às normas e aos conceitos correntes da época.

Em seu livro, *Caminho de Perfeição*, projeta para as suas irmãs um novo estilo de vida. E toma posição contra os teólogos e inquisidores que têm estreitos conceitos relativos à vida contemplativa da mulher. Critica o medo que alguns teólogos têm da oração: “E quantas vezes não acontece de ouvirmos dizer: ‘Há perigos’, ‘Fulana se perdeu por aqui’, (...) ‘Prejudicam a virtude’, ‘Não é para mulheres, pois podem sobreviver-lhes ilusões’, ‘Será melhor que vão fiar, ‘Deixem de lado essas delicadezas, basta o pai-nosso e a ave-maria’!”³¹⁹ Notamos sua consciência relativa à posição da mulher contemplativa. Embora contrária às visionárias, tão criticadas na época, ela continua afirmando a necessidade de superar o medo e praticar a oração livremente.

Essa oposição à cultura da mulher está selada historicamente já na sociedade hebraica, que tinha organização patriarcal. A começar pelos judeus, a mulher era afastada da vida pública, sendo-lhe negado o sacerdócio, e excluída da circulação de bens, pois não podia herdá-los nem possuí-los. Percebe-se que o

³¹⁹ C 21,2

papel das mulheres judias foi estruturado inicialmente nas funções dentro da família – esposa e mãe – com a difícil tarefa de zelar pela pureza e santidade do lar, mas, de uma maneira ou de outra, elas também exerceram um papel marginal em relação às suas crenças no seio da comunidade.³²⁰

Nos Evangelhos aparecem muitas mulheres anônimas. Encontram-se também as que brilharam no “seguimento de Jesus”: profetizas, mártires, virgens, renunciantes, enfim, grupos heterogêneos. Além disso, parece que Jesus teve uma posição diferente e mais “liberal” com as mulheres em relação ao rigor do judaísmo do período. Após a sua morte, com a missão apostólica, inicia-se, também, uma hierarquização lenta e longa de papéis na tradição cristã.

Assim, as comunidades cristãs primitivas assimilaram esta lição: nelas são todos iguais, porque todos partilham o Espírito, o poder de Deus; todos são chamados eleitos e santos, porque foram adotados por Deus, todos sem exceção: judeus, pagãos, mulheres, homens, escravos, livres, pobres, ricos, pessoas que não são “nada” aos olhos do mundo.³²¹

Teresa de Jesus tem a capacidade de entender o pensamento da comunidade primitiva e quer que todos possam ter a experiência do amor de Deus. A oposição da Igreja ao ensino às mulheres era uma trave histórica que a mulher teve que transpor. Para Teresa, isto fica claro quando o núncio papal Felipe Sega, em 1577, fala que Teresa ensina doutrinas nocivas às suas irmãs. Ela mesma se defende do episódio em torno de sua pessoa, em oração: “Parecia-me que, já que São Paulo fala do encerramento das mulheres (...) essa seria a vontade de Deus. Disse-me Ele: ‘Dize-lhes que não se conduzam somente por uma passagem da Escritura, mas que olhem outras e vejam se porventura poderão atar-Me as mãos’”.³²²

De fato, esses preconceitos antifeministas retardaram as primeiras graças místicas que Teresa teve que discernir e mostrar aos primeiros teólogos.³²³

Para responder aos preconceitos, Teresa apela simplesmente à atitude de Jesus diante das mulheres que o seguiam. Seu grito de coração mais forte está contido numa passagem que, no manuscrito, foi riscada por um teólogo censor que a

³²⁰ Cf. FABRIS, R.; GOZZINI, V. *A mulher na Igreja primitiva*, p.34-40.

³²¹ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 275-9.

³²² R 19.

³²³ Cf. ALVAREZ, T. *Mujer*, p.466-71.

tornou quase ilegível, e falta em muitas edições espanholas e também nas traduções. Seu diálogo com Cristo soa aqui como uma defesa pública em favor da mulher:

Quando andáveis pelo mundo, Senhor, não desprezastes as mulheres; ao contrário, sempre as favoreceste com piedade e encontrastes nelas muito amor e mais fé que nos homens, pois estava vossa santíssima mãe (...). Não basta, Senhor, que o mundo nos traga encurraladas e incapazes, para que não façamos nada por Vós que seja válido em público, nem ousemos falar algumas verdades que choramos em segredo? Não haveríeis Vós de ouvir petição tão justa? Não creio, Senhor de bondade e justiça, pois sois justo juiz, e não como os juízes do mundo, que como são filhos de Adão e, enfim, todos varões, não há virtude de mulher que não tenham por suspeita. Sim, algum dia haverá, meu Rei, que tudo se conheça. Não falo por mim, pois o mundo já conheceu a minha ruindade, e eu satisfeita que seja pública, mas porque vejo os tempos de tal maneira que não há razão para desprezar ânimos virtuosos e fortes, mesmo que sejam de mulheres.³²⁴

Teresa de Jesus tem consciência de sua contribuição como mulher contemplativa, convicta da inclinação especial da mulher para a vida mística. A vida mística desperta nela o desejo fervoroso de fazer algo. Nada a segura. O amor a Deus e o engajamento humano caminham juntos: o fruto da contemplação, da experiência mística é um amor criativo.

5.1 Linhas proféticas em Teresa de Jesus

Jesus denuncia, como profeta, tudo que causava sofrimento, principalmente aos excluídos. Notamos a sua audácia. Ele foi audaz. Assim, seus seguidores aprendem do mestre a falar e atuar com ousadia.

Teresa de Jesus foi uma pessoa muito especial, forte e de coragem. Pela sua audácia, percebemos o quanto ela seguiu os passos de Jesus, unindo o amor e a amizade, não desprezando a humildade e tendo como alicerce a verdade. Todo o seu caminhar teve como plataforma o humor e a alegria, mostrando, assim, a verdadeira face da mística cristã.³²⁵

³²⁴ Códice do El Escorial 4,1- Tradução: Lúcia Pedrosa Pádua In: PEDROSA-PÁDUA, L.; CAMPOS, M.B.(org.) *Santa Teresa*, p.119.

³²⁵ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L. *Místicos, sabios y profetas*, p.73.

O que isso tem a ver com a experiência mística? Tudo. Porque se alguém não aprende a sair de si para aliar-se aos outros e deixar-se amar por eles, será impossível para ele poder tocar o amor de Deus.

A vida e doutrina de Teresa de Jesus são permeadas pela ação contemplativa e mística, mas também é impossível separá-las da missão. Ação e oração se complementam. Oração e missão se fundem e se exigem. Teresa, no seu caminhar, mostra que a missão é ousada, corajosa e profética.

A relação entre mística e profecia faz parte da própria espiritualidade de Jesus. Ele foi aquele que denunciou tudo e todos que desprezavam a situação dos trabalhadores do campo e dos pobres em geral. Jesus sabia, tinha consciência da tensão e dos conflitos que Ele e a sua palavra em favor dos excluídos causavam. Apesar de saber dos perigos que os profetas viviam, Ele não se intimidou. Foi até o fim.

Para sustentar sua missão, somente uma vida de oração e de profunda contemplação. Jesus mostra aos seus discípulos como é “estar em oração”. Há muitas citações bíblicas mostrando a ação de Jesus em retirar-se e entregar-se à oração e à meditação.³²⁷

Podemos dizer, então, que a oração de Jesus é vivida com todos os acontecimentos fortes de sua vida. Sua oração estava vinculada à sua vida e à sua missão e nunca como uma fuga ou alienação. Em todos os momentos da vida de Jesus, na alegria e no sofrimento, está presente a oração. Esta relação é pessoal com Deus: “Abba, Pai”.³²⁸ Assim, a oração que melhor traduz essa relação é o Pai-Nosso.

A relação entre Jesus e o Pai é a fonte da sabedoria, discernimento, confiança e liberdade de Jesus. Sem ela, não é possível entender o seu amor para com todos, até para com os inimigos.³²⁹

Na vida de Jesus, mística e profecia se unem e são inseparáveis.

Teresa tem a consciência da necessidade da oração. Ela testemunhará, através das suas obras, a importância da relação com Deus, esse querido amigo. A oração é o único caminho que leva à paz interior, a este encontro com Deus. Ela leva todos a este encontro, que todos se unam cada vez mais a Ele.

³²⁷ Mc 1,35; 6,46; Lc 4,42;11,1; Mt 14, 23;26,36.

³²⁸ Rm 8,15.

³²⁹ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L. Místicos, sabios y profetas, p.75.

No entanto, é indispensável ser completamente sincero com Deus, porque não há amizade sem sinceridade. Esta forma de viver a oração-amizade é a permanente relação com Deus, fonte de vida e de amor. Para se viver esta oração é preciso ser suficientemente simples e humilde, afastando-se de todo o resto que impede de estar com o amigo, de modo que se possa realmente ser harmonioso e livre.

A maravilha da oração reside no fato de que descobrimos que temos sentido para Deus. A plenitude da divindade habita em Cristo e Cristo habita em nós. Em sua inabituação encontramos nossa plenitude. Para atingirmos a plenitude como seres humanos, precisamos viver este mistério, não apenas intelectualmente, não apenas emocionalmente, mas com todo o nosso ser.³³⁰ A oração não consiste em aprender a fazer, ela consiste em aprender a ser. Ela consiste em você aprender a ser você mesmo, a penetrar no dom do seu próprio ser, através da doce relação com o amigo.

Na experiência teresiana, oração e missão fazem parte de um processo, um itinerário. E estes dois polos vão sendo integrados ao alicerce do discernimento. Discernir a missão é alimentar a vida, pelas situações criadas e resolvidas. Missão e oração fazem parte da vida concreta.

Teresa escreve em sua obra *Castelo Interior ou Moradas*, que é a obra da maturidade espiritual, a experiência com Deus. Teresa mostra, neste itinerário até o centro do castelo, uma mudança, quando se percebe que já se possui aquilo de que mais precisa: o amor de Deus. E esse amor se intensifica e vira amizade, até chegar à união com Deus.

Após uma sucessão de despertares, tribulações, trabalhos constantes e mesmo perseguições por parte daqueles que não aceitavam ideias reformistas, Teresa segue com o seu propósito para as suas irmãs, a sua experiência de amor, na sua união a Deus, através da oração. Ela explica no prólogo:

Disse-me quem me mandou escrever que as monjas dos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo precisam de alguém que lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração e que lhe parecia que as mulheres entendem melhor a linguagem umas das outras. Assim sendo, se eu acertar em dizer alguma coisa, ser-lhes-ei de maior proveito, dado também o amor que me devotam.³³¹

³³⁰ Cf. MAIN, J. *O momento de Cristo*, p.66.

³³¹ M Prólogo,4.

É importante saber que Teresa é sempre obediente ao que os outros lhe pedem, especialmente Graciano, por isso sente-se obrigada em escrever o livro a pedido do amigo. E, assim, no dia da Santíssima Trindade, em 1577, Teresa começa a escrever o *Castelo Interior*, no Carmelo de São José, em Toledo.

Para Teresa, o ser humano, em sua constitutiva dimensão de interioridade, é como um castelo interior. Nós somos como um castelo de “diamante”, temos uma beleza enorme dentro de nós, porque é o próprio Deus que está dentro do castelo a passear.³³² Ela explica: “deve-se considerar aqui que a fonte, aquele sol resplandecente que está no centro da alma, não perde seu resplendor e formosura. Ele continua sempre dentro dela, e nada pode tirar-lhe o brilho”.³³³

Nosso interior é belo, podendo, por isso, acontecer a união com Deus que é a própria Beleza. Todos nós chegamos a saber, por experiência própria, que a união requer abnegação, perda real de si, pois na união mergulhamos na realidade maior da união. Nessa realidade, cada um de nós encontra o outro e, ao encontrar o outro, descobre sua personalidade essencial. Descobrimos a nós mesmos. Nesta união, nos sentimos como pessoas conhecidas, queridas e cuidadas. Somos feitos para a união, para a perfeição e só nos descobrimos assim no amor. O que precisamos descobrir realmente é que Deus é a raiz de onde brotamos. Ele é o fundamento do nosso ser. Devemos viver a nossa vida enraizados em Cristo.

Deus habita em nós, nós somos moradas de Deus.³³⁴ Deus mora de maneira permanente. Ele está em nós. O castelo de Teresa é iluminado por Deus, pois Ele é o sol que ilumina. Esta visão metafórica da luz no centro da alma tem um princípio teológico: Deus vive dentro da alma (dentro do homem) em presença, essência e potência.³³⁵

O que desejamos é a luminosidade, o ser humano não é opaco e, por isso, deve ser transparente como um diamante. O castelo é amplo, assim como o ser humano, que é dilatável. Tudo que aperta a alma deve ser combatido, tudo que

³³² Cf. PEDROSA-PÁDUA, L.; CAMPOS. M. B. *Santa Teresa*, p.38.

³³³ 1M 2,3.

³³⁴ Jo 14,23.

³³⁵ Cf. ANDUEZA, M. *Agua y luz em Santa Teresa*, p.309.

aperta o homem deve ser deixado de lado. Teresa mostra que, quando o ser humano caminha para o autoconhecimento, a união com Deus, esse centro do castelo, Deus vai se comunicando, se revelando. Podemos dizer que o castelo é um itinerário de encontro pessoal entre Deus e o próprio homem.

Nesse caminhar pelo castelo, chegamos às sétimas moradas. É o matrimônio místico. A alma é tomada espiritualmente por esposa. São imensos e elevadíssimos o mistério e a graça que Deus ali comunica à alma num instante.³³⁶ As sétimas moradas são o cerne da vida espiritual, onde se recebe a graça do matrimônio espiritual e uma íntima comunicação com a Trindade, da qual brota a grande paz em que vive a alma, sendo ação e oração ao mesmo tempo.

A missão toma vulto, porque a alma se reconhece como instrumento para servir às criaturas. Então, quem se havia afastado do mundo para melhor compreender sua real identidade, estando já definitivamente livre dos apegos e das ilusões, volta ao convívio social para trabalhar com redobrado vigor em prol de todos os seres. A experiência mística só se completa e se confirma pelo serviço desinteressado. Teresa então reabilita a figura evangélica de Marta e Maria.³³⁷ Ela dá, no entanto, uma interpretação mais adequada à passagem bíblica: Maria, a contemplativa, não é mais importante do que Marta, a laborativa, porque no Castelo Interior, Marta e Maria não de andar juntas para bem hospedar o Senhor e tê-lo sempre consigo. É a própria Teresa que fala:

Crede-me que Marta e Maria devem andar juntas, para hospedar o Senhor e tê-lo sempre consigo, não O recebendo mal e negligenciando a sua comida. Como Maria Lhe daria a refeição, assentada sempre aos Seus pés, se sua irmã não a ajudasse? Seu manjar consiste em que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e louvem a Deus para sempre.³³⁸

Nas linhas proféticas de Teresa, as irmãs de Betânia são símbolos da vida humana. Marta é a ação, a operosidade, a imagem do homem que faz, o artesão da própria vida. Maria é a contemplação, com todo substrato de ideias, de transcendência, imagem do homem artista, metafísico, místico.³³⁹ Então, temos a ação sendo alimentada pela oração. Gofredo Boseli fala que a palavra de Deus

³³⁶ Cf. SCIADINI.P. *Livro das moradas*, p.20.

³³⁷ Lc 10,38-42.

³³⁸ 7M 4,12.

³³⁹ Cf. ALVAREZ, T. *Comentarios al Castillo Interior*, p.792.

precisa primeiro ser escutada, depois interiorizada, para então ser interpretada e vivenciada e, assim, virar oração em nós.³⁴⁰

Fica claro que não podemos separar a mística contemplativa Teresa da missionária Teresa, fundadora de mosteiros.

Teresa dá a chave para bem chegar ao centro do nosso interior, à união com Deus: somente pela ação e oração, pois são inseparáveis e constituem um desafio para os tempos modernos, marcados pelo ativismo, pelo êxito e pelo individualismo. É necessário saber que para a ação, que é somente em relação ao outro, a oração dá o suporte, o alicerce, e transforma o orante em humilde diante do mundo. Essa oração vai redescobrir atitudes místicas, como silêncio e esvaziamento de si. Por isso, é um processo, um itinerário, um caminhar junto, oração e missão.

Percebemos, então, que a dimensão entre ação e oração só se concretiza na humildade diante de si, do mundo e de Deus, produzindo desta forma o profetismo, a audácia e eficácia na missão. A paz de Maria não é interrompida, mas alimentada pela atividade de Marta.

Teresa nos mostra no final do quarto capítulo, nas sétimas moradas, que Cristo está profundamente interiorizado, o orante é agraciado pela Trindade e, assim, o homem assume a condição de servo, como Jesus que se fez servo de todos.

Teresa nos brinda com a sua sabedoria:

Em suma, irmãs minhas, concluo dizendo que não edifiquemos torres sem alicerces sólidos, porque o Senhor não olha tanto a grandeza das obras, quanto o amor com que são realizados. E, desde que façamos o que pudermos, Sua Majestade nos dará forças para fazê-lo cada dia mais e melhor. Não nos cansemos logo. No pouco que dura esta vida – e talvez seja ainda menos do que pensamos –, ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que pudermos. Sua Majestade o unirá ao sacrifício que ofereceu ao Pai na cruz por todos nós. Assim, conferirá a ele o valor merecido pelo nosso amor, embora sejam pequenas as obras.³⁴¹

A teoria de Teresa é a de que o autêntico caminho para se chegar ao centro da alma é pela amizade com Deus e pelo serviço aos irmãos. Acontece, então, a união misteriosa de ambas as vidas de Cristo e do homem, e é esse testemunho de Paulo que passa a ser também de Teresa: “já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.³⁴²

³⁴⁰ Cf. BOSELI, G. *O sentido espiritual da liturgia*, p.148.

³⁴¹ 7M 4, 15.

³⁴² Gl 2,20.

Concluimos que a mística e a profecia não se dissociam, porque são fiéis à vida de Jesus e que oração e missão estão inter-relacionadas e alicerçadas pelo discernimento e que isso impulsiona a união com Cristo libertador e Senhor.

5.2

A integração da mulher no seguimento de Jesus

Não se pode negar que os seguidores mais próximos de Jesus, a saber, os doze apóstolos, eram todos homens, como seria de se esperar de um mestre judeu na Palestina do século I. Contudo, os evangelhos não se furtaram em indicar que Jesus também era acompanhado por mulheres em suas viagens e que algumas dessas mulheres davam suporte financeiro a Ele e a seus discípulos, como patronas de seu ministério de pregação itinerante. Dentre elas, destacamos: Maria Madalena, Maria, Salomé, Joana e Suzana.³⁴³ Nesta mesma linha de pensamento, encontramos José Antonio Pagola, que nos diz: “Jesus nasceu numa sociedade em cuja consciência coletiva estavam gravados alguns estereótipos sobre a mulher, transmitidos durante séculos”.³⁴⁴

Por ter a mensagem do Reino de Deus como destinatários os pobres, marginalizados e oprimidos, as mulheres, mais do que outros, encontram-se incluídas nesta classe de gente. Elas logo entenderam, contra toda regra do tempo, que esta mensagem era dirigida também a elas e, por esta razão, há um grupo de mulheres que seguem Jesus desde o início de seu ministério.³⁴⁵

De fato, Jesus quebra, em função de seu projeto libertador, vários tabus em relação à mulher, quando mantém uma profunda amizade com Marta e Maria³⁴⁶; conversa publicamente e a sós com a samaritana junto ao poço de Jacó, causando admiração até dos discípulos³⁴⁷; defende a adúltera contra a explícita legislação vigente, totalmente discriminatória à mulher³⁴⁸; deixa-se tocar e ungir os pés por uma conhecida pecadora perdoada³⁴⁹. Várias são as mulheres que Jesus curou,

³⁴³ Cf. Mc 15,40-41.

³⁴⁴ PAGOLA, J.A. *Jesus, aproximação histórica*, p.256.

³⁴⁵ Cf. FABRIS, R.; GOZZINI, V. *A mulher na Igreja primitiva*, p.38.

³⁴⁶ Lc 10,38-42.m.

³⁴⁷ Jo 4,27.

³⁴⁸ Jo 7,53-8,10.

³⁴⁹ Lc 7,36-50.

como a sogra de Pedro, ressuscitou a filha de Jairo, a mulher encurvada e a mulher que sofria há doze anos de fluxo de sangue.

Diante disto, podemos perceber que as atitudes e a mensagem de Jesus significam uma ruptura com a situação imperante e uma grande novidade nos quadros daquele tempo. A mulher emerge como pessoa e filha de Deus, destinatária também da Boa Nova e convidada a ser membro da nova comunidade do Reino de Deus.³⁵⁰

É intrigante procurar saber o que na mensagem de Jesus atraía particularmente as mulheres. A maioria dos estudiosos está convicta que Jesus proclamou o Reino de Deus, em que não haveria mais injustiça, sofrimento ou mal, no qual todos, ricos, pobres, escravos e libertos, homens e mulheres, estariam em pé de igualdade. Tanto que Jesus ensinou, ocasionalmente, utilizando exemplos femininos: “uma mulher perde uma moeda e a procura; duas mulheres estarão moendo grãos em um moinho”³⁵¹.

Em todo caso, é claro que até mesmo depois de sua morte a mensagem de Jesus continuou a ser atrativa para as mulheres.

Os que viam confirmada religiosamente sua discriminação social – os pecadores, os publicanos, as crianças, os leprosos, os pobres, as mulheres – encontram acolhida e se reconhecem no movimento de Jesus. Assim se explica o papel central desempenhado pelas mulheres neste seguimento. É evidente a marginalização da mulher na lei. Em princípio, o divórcio é prerrogativa do homem; a circuncisão, sinal de pertença ao povo judeu, é rito absolutamente masculino e impossível para as mulheres; as normas de pureza legal controlavam as mulheres mais do que os homens e determinavam restritivamente seu acesso a Deus. Por isso, no movimento de Jesus caem as discriminações, abre-se o acesso a Deus a todos os membros do povo, e especialmente àqueles que, por causa de sua situação, tinham menos possibilidades de experimentar Deus no templo e na lei.³⁵²

A participação das mulheres no movimento de Jesus não se pode reduzir ao eco que encontra entre os pobres. A superação das estruturas patriarcais está

³⁵⁰ Cf. BOFF, L. *O rosto materno de Deus*, p.79.

³⁵¹ Lc 15,8; 17,35.

³⁵² Cf. HARRINGTON, D. J.; KEENAN, J. F. *Jesus e a ética da virtude*, p.214.

presente no anúncio do Reino de Deus e, por isso, a mulher sente-se interpelada enquanto mulher.³⁵³

Jesus restituiu a dignidade às mulheres da mesma forma que aos homens. A reciprocidade total das relações entre o homem e a mulher, baseada na igualdade de sua condição pessoal e diante de Deus, é novidade que Jesus introduz e que era chamada a ter profundas repercussões históricas. Jesus nunca identifica a mulher como algo mau, nem em nenhuma parábola é vista com luz negativa, nem os seus discípulos são advertidos a respeito da tentação que possa supor-lhes uma mulher. As mulheres que se aproximavam de Jesus pertenciam, de modo geral, ao estrato mais baixo daquela sociedade. Muitas eram enfermas curadas por Jesus, como Maria Madalena³⁵⁴. Provavelmente moviam-se ao seu redor mulheres não vinculadas a nenhum varão: viúvas indefesas, esposas repudiadas e, em geral, mulheres sozinhas, sem recursos, pouco respeitadas e de fama não muito boa. Havia também algumas prostitutas, consideradas por todos como a pior fonte de impureza e contaminação. As que se moviam fora da casa, acompanhando homens, eram consideradas mulheres de fácil acesso sobretudo se não vinham acompanhadas pelo esposo.³⁵⁵ Por outro lado, os arrecadadores de impostos tinham fama de viver em contato com o mundo das prostitutas. Alguns deles dirigiam pequenos bordéis ou forneciam mulheres para os banquetes. Jesus nem se assusta nem as condena, antes, acolhe-as com o amor compassivo do Pai. Nunca aquelas mulheres haviam estado tão perto de um profeta e, de igual modo, jamais haviam ouvido falar assim de Deus.

Jesus não mostra nenhum empenho em criticar o “código de pureza”. Em momento nenhum se embaraça em questões de sexo e pureza ritual. Não era sua característica. Simplesmente, a partir de sua experiência do Reino de Deus, começa a atuar com liberdade total. Não olha a mulher como fonte de tentação, nem de possível contaminação. Aproxima-se das mulheres sem receio e as trata abertamente, sem deixar-se condicionar por nenhum preconceito. Para as mulheres só podia ser atraente aproximar-se dele.³⁵⁶ Certamente Jesus olha as mulheres de maneira diferente e elas o percebem. Com uma sensibilidade nada habitual numa

³⁵³ Cf. TAMEZ, E. *As mulheres no movimento de Jesus*, p.43.

³⁵⁴ Lc 8,2.

³⁵⁵ É significativo o nervosismo do fariseu Simão, quando uma prostituta do povoado se aproxima de Jesus em pleno banquete, com gestos e atitudes que ele considera próprios de uma “pecadora”. O relato foi muito trabalhado por Lucas cf. Lc 7,36-50.

³⁵⁶ Cf. ARRUDA, L. *Mulheres na vida de Jesus*, p.113.

sociedade patriarcal, Jesus tem o costume de falar explicitamente das mulheres, tornando-as visíveis e pondo em relevo sua atuação.

Sem dúvida, as mulheres veem em Jesus uma atitude diferente. Nunca ouvem de seus lábios expressões depreciativas. Nunca ouvem nenhuma exortação a viverem submissas a seus maridos nem ao sistema patriarcal. Não há em Jesus animosidade nem precaução alguma diante delas. Somente respeito, compaixão e uma simpatia desconhecida. O mais surpreendente talvez seja ver de que maneira tão simples e natural Ele vai redefinindo, a partir de suas experiências de Deus, o significado da mulher, derrubando os estereótipos vigentes naquela sociedade. Não aceita, por exemplo, que a mulher seja considerada levemente como fonte de tentação e ocasião de pecado para o homem.

Jesus corrige também a avaliação que se faz da mulher atribuindo-lhe como incumbência suprema ter filhos, pois ter filhos não é tudo na vida.³⁵⁷ Por mais importante que seja para uma mulher a maternidade, há a partir de agora algo mais decisivo e primordial: o Reino de Deus.³⁵⁸ A grandeza e dignidade da mulher, da mesma forma que a do homem, partem da sua capacidade de ouvir a mensagem do Reino de Deus e entrar nele. Na visão de Lucas, Jesus corrige, em casa de suas amigas Marta e Maria, aquele conceito generalizado de que a mulher deve dedicar-se exclusivamente às tarefas do lar. Marta fadiga-se em acolher Jesus com todo o esmero, enquanto sua irmã Maria, sentada a seus pés, ouve suas palavras.³⁵⁹ A mulher não deve ficar reduzida ao serviço das tarefas domésticas. Há algo melhor e mais decisivo a que ela tem direito tanto quanto o homem: ouvir a Palavra de Deus.

Jesus também se opõe ao duplo critério de moralidade que se usava para julgar de maneira desigual o homem e a mulher. A cena chama atenção. Trazem a Jesus uma mulher surpreendida em adultério.³⁶⁰ Não se diz nada do homem. É o que ocorria quase sempre com a mulher, humilha-se e condena-se porque ela desonrou sua família. Enquanto isso, ninguém fala nada do homem, embora, paradoxalmente, fosse dele que a Torá exigia não possuir nem desejar uma mulher que já pertencesse a outro.

³⁵⁷ Cf. PIERRO, R. Os direitos humanos da mulher na Igreja Católica, p.725.

³⁵⁸ Cf. Mt 19,12.

³⁵⁹ SCHMIDT, A. S. *Pequena enciclopédia bíblica de temas femininos*, p.235.

³⁶⁰ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p.263-4.

De fato, Jesus não suporta esta hipocrisia social construída pelos homens. A conclusão é comovedora, a mulher não se move, continua ali, no meio, humilhada e envergonhada. Jesus fica sozinho com ela, agora pode olhá-la com ternura e expressar-lhe todo o seu respeito e carinho. Aquela mulher não precisa mais condenações, Jesus confia nela, quer para ela o melhor e a anima a não pecar. De seus lábios não brota nenhuma condenação.³⁶¹

As mulheres seguiram Jesus desde a Galileia até Jerusalém e não o abandonaram nem no momento de sua execução. Ouviam a sua mensagem, aprendiam dele e o seguiam de perto, da mesma forma que os discípulos varões.

O fato é incontestável e, ao mesmo tempo, surpreendente, porque nos anos trinta, e ainda mais tarde, não era permitido às mulheres estudar a lei com um rabi. E não é só isso. Viajar pelo campo seguindo um varão e dormir no descampado junto com um grupo de homens era provavelmente um escândalo. Quem eram estas mulheres? O que faziam entre aqueles homens? Dedicavam-se a servi-los, realizando tarefas próprias de mulheres como cozinhar, preparar a mesa, servir os alimentos, trazer água, limpar-lhes os pés? Eram discípulas de Jesus no mesmo plano e com os mesmos direitos que os discípulos varões?³⁶² Uma coisa se sabe, provavelmente aproximaram-se por própria iniciativa, atraídas por sua pessoa, mas nunca teriam se atrevido a continuar com Ele se o próprio não as tivesse convidado a permanecer. Nunca se diz que Jesus as tenha chamado individualmente, como fez com os doze. Conforme nos mostra J. A. Pagola:

A presença das mulheres no grupo de discípulos não é secundária ou marginal. Pelo contrário, em muitos aspectos, elas são modelo de verdadeiro discipulado. As mulheres não discutem, como os varões, sobre quem terá mais poder no Reino de Deus. Pois estão acostumadas a ocupar sempre o último lugar, o típico delas é “servir”. De fato, eram sem dúvida as que mais se ocupavam em “servir à mesa” e em outras tarefas semelhantes, mas não precisamos ver em seu serviço uma ocupação que cabe a elas, segundo uma distribuição lógica do trabalho dentro do grupo.³⁶³

Para Jesus, este serviço é modelo daquilo que deve ser a atuação de todo discípulo. A atuação das mulheres foi modelo por sua entrega, sua atitude de serviço e sua fidelidade total a Jesus até o fim, sem traí-lo, negá-lo nem o abandonar.

³⁶¹ Cf. PAGOLA, J. A. *Jesus, aproximação histórica*, p. 264-5.

³⁶² Cf. BINGEMER, M. C. L. *O lugar da mulher*, p.27.

³⁶³ PAGOLA, J. A. *op.cit.*, p 278.

Então, podemos perguntar: o que significa para Teresa estar no seguimento de Jesus?

Teresa de Jesus viveu a ousadia de ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevendo-se a se converter em mestra de espiritualidade. Ela foi aquela que revelou a sua face revolucionária tanto dentro quanto fora da Igreja do século XVI. Teresa traz à tona a feminista e revela o lugar da mulher que pode ter uma experiência de Deus, que Ele está presente em todas as dimensões da mulher. Assim, a mulher obtém a sua real consciência feminina unindo o processo da aprendizagem à liberdade.

A vida religiosa entre os séculos XVI e XVIII era muitas vezes o espaço escolhido pelas mulheres para escaparem da monotonia do poder familiar e conjugal. George Duby e Michele Perrot mostram que, passada a infância, o papel da mãe era de educadora. A mãe ensinava os filhos a enfrentarem o mundo em que ambos viviam. A preocupação das mães era com o progresso das suas filhas e com a sua preparação para o matrimônio. O sucesso das filhas refletia-se sobre as mães. A filha era tida como o espelho da casa.³⁶⁴ Uma mãe letrada habitualmente ensina os filhos a ler, isto foi o que aconteceu com Teresa. É claro que uma mãe letrada possuía filhos letrados. Consequentemente, o ensino começava antes dos filhos irem para a escola. A disponibilidade de escolas variava de lugar para lugar. O papel educativo das mães era sempre o mais importante para as suas filhas. Como falam nossos autores, a maternidade também comportava a necessidade de colocar certos valores morais e de comportamento:

Os livros de conduta doméstica do século XVI consideravam isso tarefa de ambos os pais, mas, progressivamente, tanto os teólogos como os comentadores de moral foram ficando persuadidos de que a moralidade feminina pelo menos era herança materna. Uma filha era o que a mãe fazia dela.³⁶⁵

Sendo assim, Teresa recebeu de sua mãe a instrução moral e, também, a oportunidade de ser letrada, pois sabia ler e o fazia muito.

Teresa foi capaz de ouvir a si mesma e foi construindo outra maneira de ser mulher, gerando ações coletivas que brotavam de uma fonte interior, de um ponto

³⁶⁴ Cf. DUBY, G.; PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*, p.23-62.

³⁶⁵ *Ibidem*, p.61.

central que recriava a vida. Ela mostrou que o caminho estava em seguir Jesus, deixar-se amar por Ele e chegar à total união espiritual com Ele.

Teresa foi, realmente, o que se pode chamar de verdadeira discípula.

5.3

Algumas luzes de Teresa para a mulher do século XXI

Teresa de Jesus soube dar o devido valor a esse discipulado, como também ao chamado. Teresa quis que sua experiência com o Cristo fosse algo tão eficaz e tão simples que todos que tentaram através dos seus ensinamentos chegaram a essa união, a esse encontro. Teresa não foi aquela que guardou para si algo que toda mulher deve saber, o real valor de si mesma. Através dessa união, desse verdadeiro encontro, desse verdadeiro amigo, soube suportar todas as situações adversas em sua vida.

Para a mulher de hoje que caminha apressadamente, com tantos afazeres e tantas cobranças, é só olhar para Teresa e buscar através de suas obras, descobrir o quanto ela as incentiva. A vida e a obra de Teresa testemunham a sua autoconsciência de ser mulher e ser uma mulher audaciosa. Teresa sabe, tem consciência de que é uma mulher que ensina, não só para as suas irmãs, como para todos os que se sentem impelidos a essa experiência. E aqui estão as mulheres de hoje! Teresa tem certeza que escreve um verdadeiro tratado sobre a oração, destinado a todos e, principalmente, às mulheres. Teresa rompe com os padrões esperados nas mulheres de sua época.

Abordar o tema da mulher em Teresa de Jesus, é falar de algo fundamental de sua personalidade. Muitas coisas da vida de Teresa só se entendem, mais precisamente, por ser mulher. E uma mulher com uma vida multifacetada em acontecimentos de todos os aspectos. Uma mulher bonita para os padrões da época, que se reconhece com um rosto nada comum, podendo-se dizer extraordinário. O que chama atenção é que Teresa aceita as suas qualidades e reconhece os seus limites. Tudo com a máxima normalidade.

Teresa era uma mulher que possuía ternura e ao mesmo tempo uma grande força e capacidade de decisão. Teresa era decisiva nas suas ações.

Em suas obras encontramos diversas passagens onde ela fala de si mesma, precisamente, por ser mulher:

(...) pois as deixais em poder de criatura tão ruim, tão baixa, tão fraca e miserável, e tão sem valor que, embora trabalhe para com o Vosso favor, não as perder (e é necessário um grande favor, sendo eu quem sou), não consegue beneficiar outras pessoas; em suma, mulher, e não boa, mas ruim.³⁶⁶

Quando fala de suas debilidades, exagerando-as, dirá sempre como última desculpa o fato de ser mulher: “Para mulherzinhas como eu, fracas e pouco constantes, creio que convém, como Deus agora o faz comigo: conduzir-me com regalos (...)”³⁶⁷. Escreve numa outra ocasião desculpando-se das graças místicas que Deus lhe concede. Outra vez se queixa amargamente ao Senhor pela falta de liberdade por ser mulher: “(...) Senhor meu, como me ordenais coisas que parecem impossíveis? Se eu, mesmo sendo mulher, ao menos tivesse liberdade! (...)”³⁶⁸. Às vezes, sem dúvida, se nota uma fina e sutil ironia contra os costumes sociais que proíbem à mulher certas atividades e ocupações:

E por pensar que vossa mercê e os outros que o virem haverão de fazer o que peço, pelo amor de Deus, escrevo com liberdade; se assim não fosse, eu teria grandes escrúpulos, não para falar dos meus pecados, que nesse aspecto não tenho nenhum. Quanto ao mais, basta-me ser mulher para estar restrita, ainda mais sendo mulher e ruim.³⁶⁹

Mas, ela reconhece que tem ânimo e é valente:

(...) e tamanha a tristeza que eu sentia ao entrar no oratório, que eu precisava empregar todo o meu ânimo (que, dizem, não é pouco, tendo Deus me feito mais corajosa do que a maioria das mulheres, embora eu a tenha usado mal) para me obrigar, contando por fim com a ajuda do Senhor.³⁷⁰

Teresa de Jesus, como bem sabemos, era uma mulher de inteligência audaciosa, e passou pelo crivo dos censores usando a definição que deu de si mesma, “uma mulher não boa, mas ruim”. Usando sua principal característica, ela jogou com as palavras e a inocência dos censores... afinal ela era apenas uma mulher! E uma mulher ruim! Para os censores, esta autoconsciência de Teresa acalmou os ânimos daqueles que tinham alguma dúvida nos seus escritos.

Teve a Doutora Mística a alma de mulher, sem dúvida alguma que era uma figura feminina de primeira ordem. Sua riqueza é inesgotável, porque é uma

³⁶⁶ V 18,4.

³⁶⁷ V 11,14.

³⁶⁸ V 33,11.

³⁶⁹ V 10,8.

³⁷⁰ V 8,7.

riqueza de vida. É tanta vitalidade que cresce nela que transborda. Por isso, seu tipo psicológico e espiritual sintoniza com a mulher de todos os tempos. Ela protagoniza o ideal feminino e uma forma de ser mulher.

Existem algumas qualidades que normalmente são associadas à mulher que Teresa de Jesus viveu em alto grau: a delicadeza de sentimentos, a intuição, a capacidade de entrega, a generosidade, a alegria, a gratidão, a riqueza de espírito, a decisão e a capacidade de suportar o sofrimento.

As virtudes humanas foram vividas por ela aos extremos: o amor, a verdade, a sinceridade, a lealdade, a fortaleza e a humildade. Apesar de uma realidade excessiva, Teresa se diverte com os jogos de sua mente, de um aparente bom humor, mérito incomensurável, pois não temia ser declarada uma pessoa “não grata”.

Teresa teve uma alma de esposa e mãe. Essa grandeza do ser feminino foi elevada à categoria espiritual. Diante de Teresa não se sabe o que se admira mais: suas qualidades humanas ou sua beleza espiritual. Sua excepcional personalidade tem o poder de subjugar, arrastar e encantar, ao mesmo tempo, tanto um teólogo quanto um piedoso e, possivelmente, um indiferente. Nela se entrecruzam a grandeza divina e a pequenez humana. Em Teresa, sua entrega a Deus e seu itinerário místico não ofuscaram o sentido de ser mulher.³⁷¹

Teresa de Jesus foi uma grande mulher e, por isso, uma grande santa. Se hoje, há quase quatro séculos da sua morte, Teresa está tão presente na memória dos homens, está tão viva na vida e no espírito das pessoas, isto se deve não aos seus encantos, mas sim às suas virtudes. Ela exerce ainda hoje um fascínio por ser “eminente humana e toda de Deus”.³⁷² Em Teresa, deve-se ter em mente que sua beleza e grandeza estavam no seu espírito, que só pode ser observado a partir de uma visão integral de sua personalidade.

Por que Teresa defende a mulher? O tema da mulher é sempre complexo e delicado. Nada melhor do que a própria mulher explicando sua capacidade, suas reações e suas atitudes diante da vida.

Teresa era uma mulher firme, muito inteligente e tinha um coração enorme, principalmente, quando falava sobre a mulher. Na Espanha do século XVI, como

³⁷¹ Cf. DEL BLANCO, M. M. Santa Teresa de Avila, mujer muy mujer, defende a la mujer, p.37-43.

³⁷² PEDROSA-PÁDUA, L. Vida e significado de Santa Teresa de Jesus, p.20.

já vimos, a mulher não tinha muita força no seio de sua família, era submissa ao seu pai e depois ao marido. A época em que viveu Teresa era, definitivamente, antifeminista. Eram tempos de lutas e de conquistas de mundos desconhecidos. Épocas de fidalgos e teólogos, de guerreiros e aventureiros. Eram tempos difíceis para a Igreja. Só contavam com os homens.

O que se via, na época, era desconfiança com relação à ânsia das mulheres por cultura e até mesmo o desejo de uma vida espiritual mais profunda. Este é o panorama que aflora nas obras de Teresa: a consciência da injustiça vivida pelas mulheres, que as levava ao sentimento de fraqueza e inutilidade ao serviço da Igreja. Nestes escritos tão excepcionais que Teresa nos deixou, encontramos uma apologia aberta à mulher e às polêmicas latentes contra a mentalidade da época. Assim escreveu: “(...) nem Vos aborrecestes, Senhor, quando andáveis no mundo, com as mulheres, sempre as favorecestes com muita piedade”.³⁷³ É tudo um desafio aos teólogos de seu tempo. E isso irritou o primeiro censor ao ler a sua obra *Caminho de Perfeição*, que com intensa censura deixou algumas linhas ilegíveis para sempre.

Teresa defende a mulher de todas as ideias raras e estranhas, exaltando sua total entrega a Deus, sua disposição para as coisas do espírito com seu aproveitamento no caminho da oração, fundamentando-se em sua experiência pessoal. Ela ensina como a mulher pode chegar à verdadeira liberdade, a liberdade para amar, para ser feliz na união com Cristo. A experiência mística tem, em seu conteúdo, dois sentidos: é uma experiência libertadora e amorosa, que tem a capacidade de liberdade e a capacidade de amar. Daí seu esforço constante por proporcionar à mulher várias facetas que se podem desenvolver eficazmente. Ela não entende que falar da mulher é polemizar. Ela propõe ideais e metas a serem alcançadas, principalmente, o ideal humano de fortaleza e de firmeza.

Ao trazer o seu ideal de serviço à Igreja, ela era consciente do lema disciplinador e de ordem, que soa a antifeminista, em que São Paulo fala que a mulher não deve falar na Igreja.³⁷⁴ Teresa é muito perspicaz e comenta com certa ironia: “(...) E todas nós devemos procurar ser pregadoras por obras, já que o Apóstolo e a nossa incapacidade nos impedem de o ser por palavras”.³⁷⁵ Por isso,

³⁷³ C 3,7.

³⁷⁴ 1Cor 14,35.

³⁷⁵ C 15,6.

ela exige o ideal contemplativo ao serviço da Igreja, o que foi considerado de forma suspeita para as mulheres, segundo os acontecimentos da época.

Teresa se lança a realizar o carisma que Deus lhe havia dado, testemunhando a influência da graça em sua vida e em sua tarefa eclesial. Ela nos fala:

E, vendo-me mulher, imperfeita e impossibilitada de trabalhar como gostaria para servir ao Senhor, fui tomada pela ânsia, que ainda está comigo, tendo Deus tantos inimigos e tão poucos amigos, de que estes fossem bons. Decidi-me então a fazer o pouco que posso: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição e ver essas poucas irmãs que aqui estão fizessem o mesmo. Depositei a minha confiança na grande bondade do Senhor, que nunca deixa de ajudar a quem se determina, por Ele, a abandonar tudo.³⁷⁶

Teresa mostra para a mulher de hoje que é importante perceber a liberdade que se encontra na união com Deus. Ela descobre que a verdade humana é o relacionar-se com Deus em Jesus Cristo. É estar diante de Cristo. É estar em contato com Ele através da oração e, para ela, andar na verdade é a humildade: “(...) sendo Deus a suma Verdade, e a humildade, andar na verdade, eis a razão da sua importância (...)”.³⁷⁷ É estar sempre na presença de Deus, é a relação consciente com Deus. Sem a relação de amizade não existe a verdade, senão o engano, a mentira. No fundo, essa libertação do próprio eu é a verdadeira humildade, por isso Teresa dá tanta importância a ela. A humildade é o fundamento da vida espiritual, já que avalia e controla os méritos e as virtudes. O segredo está em tirar os olhos de si mesmo, e deixar-se olhar por Deus. Este paradoxo da força de Deus leva à luta por grandes ideais.

Deus é fundamentalmente um amigo: foi isso o que seu filho Jesus nos mostrou e é isso que o Espírito continua inspirando.

Teresa quer mostrar à mulher de hoje que no interior da relação-amizade com Deus começa um autoconhecimento verdadeiro, que é fonte de dinamismo e reconhecimento da própria dignidade. Não se trata de imitar Teresa, mas descobrir essa verdade, esse autoconhecimento através de sua vida e de sua obra. A experiência mística sempre se relaciona com uma libertação do próprio eu, a ponto de se perceber com total clareza que não se é o centro do mundo, mas diante da grandeza de Deus, enfraquece-se toda preocupação, mesmo com a autoimagem,

³⁷⁶ C 1,2.

³⁷⁷ 6M 10,7.

a aparência social e a própria opinião de si mesmo. O mais importante é Deus, e a obra que o Senhor faz em nós.

5.4 Conclusão

Teresa se reconhece como mulher e escritora, como discípula e mestre, como aquela que aprende e ensina, e mostra para a mulher de hoje que o seu real valor está no caminhar na verdade.

Vimos neste capítulo que Teresa é ousada, que fala com autoridade, mas com carinho e amor, é bem-humorada, e de uma ironia sutil. Teresa percebe que a mulher de seu tempo ainda tem muitas restrições e que o mundo não sabe como valorizar essa mulher. Será que hoje estamos bem longe do que presenciou Teresa em relação a ser mulher? Será que hoje a mulher é vista com a mesma igualdade com que foi criada: homem e mulher, imagem e semelhança de Deus?

Teresa mostra o itinerário, o caminho, a chave para que a mulher possa encontrar o verdadeiro sentido, a verdadeira consciência do ser mulher. Para ela, tudo se simplifica através do grande amor pelo Senhor e da relação de amizade, que ganha o nome de oração. É através da oração que Deus pode agir em sua vida, e isso independe do estado de ânimo. Deus pode fazer uma valiosa obra de transformação em meio aos aborrecimentos, sentimentos rotineiros, aparentes depressões ou sentimento de vazio interior. Através da oração, desta intimidade com o Deus revelado nos Evangelhos, abre-se um mundo de liberdade. Liberdade de espírito. Produz-se uma mudança muito grande quando se percebe que já se possui aquilo de que mais precisamos, o amor de Deus.

A liberdade interior proposta por Teresa trata-se da libertação para amar e deixar-se amar por Deus. Não é liberdade de fazer alguma coisa e, sim, liberdade para amar. E, é claro, amar o outro. Isto faz um verdadeiro “êxtase” amoroso. Significa sair do próprio eu, em busca do bem do outro para além das próprias necessidades. Por isso, Teresa tem as linhas proféticas para a mulher de hoje, essa mulher precisa ter a oração e a ação. Não ficar fixa numa ação pura em detrimento da relação dialogal com Deus. Todos precisam da oração e da ação.

O mais incrível é que hoje temos em Teresa um referencial de profunda experiência de oração e ação. Sua intensa atividade fundadora e reformadora abre um caminho criativo e promissor na Igreja. Um caminho comunitário possível, com possibilidades de novas situações.

Se queremos algo que sustente a nossa fé no nosso dia a dia, Teresa mostra, com a sua obra, o caminho que precisamos percorrer, revelando a todos uma espiritualidade concreta, feminista, profética e corajosa, tudo isso alicerçado na amizade e no amor de Deus.

6 Conclusão

Concluimos, com esse trabalho, que Teresa continua sendo uma mulher atual. Vimos que liberdade e amor se integram na mística de Teresa e que a relação dialógica entre o homem e Deus faz parte da vocação humana. A autenticidade de Teresa se percebe no seu ser mulher que se faz pela sua experiência de Deus, que atrai até hoje homens e mulheres do século XXI. Em Teresa se encontra uma mulher que soube se colocar frente à turbulenta Igreja do seu tempo. Experimentou a ousadia de ir além dos limites dados às mulheres, alcançando e tornando-se mestra de espiritualidade, escritora e fundadora, vivendo a liderança de um movimento de reforma de conduta de mulheres e homens. Teresa favorecia os espaços nos quais as mulheres aprendiam a reconhecer-se mutuamente.

Ela mostrou que o caminho para chegar a Deus, para falar com Ele é simplesmente deixar-se amar por Deus. O amor é a chave que abre o coração.

Não é fácil o acesso a uma síntese da personalidade, vida, experiência mística, doutrina e atualidade de Teresa de Jesus. Ela é uma mulher, uma monja, uma carmelita, uma fundadora, uma mestra do espírito e não pode ser enquadrada apenas nos moldes de uma biografia, da experiência mística e da ciência espiritual. O nome de Teresa de Jesus, como estudamos, sugere muitas coisas mais: dotes excepcionais, grandeza de espírito, capacidade de martírio, ideais magnânimos, fortaleza de espírito, caráter aberto, sensibilidade, intuição, alegria, capacidade enorme para a amizade, inteligência, valentia, santidade, experiência mística, oração e amor à Igreja. Uma mulher e uma “santa da esperança”, antítese de angústia e desânimo, coisas que Teresa não tinha. Por isso, é muito importante colocar todos esses ricos valores que parecem não ter sentido hoje em dia.

Em Teresa estão juntas a mulher que peregrina e vai realizando o plano de Deus, passo a passo com amor, a mulher orante e a doutora da Igreja, como pegadas deixadas nesta vida, alegres e tristes, mas com beleza e esperança.

Teresa foi aquela que soube percorrer a estrada do ser humano e teve coragem dentro de si de buscar Deus. Ela revelou-se uma mulher dotada de profunda

capacidade intelectual e de ação. Essa coragem que nós, mulheres, muitas vezes, deixamos de lado, e nos colocamos sob a forma de uma submissão exagerada. Teresa não aceitava a submissão passivamente. Ela buscava o entendimento e a compreensão por parte daqueles que pertenciam à Igreja oficial. É necessário que se entenda que um dos mais fortes conflitos desta época, com relação à Igreja, era a não aceitação das correntes espirituais, ou seja, a Igreja na época de Teresa era antimística. E é claro que via com grande insatisfação a prática da oração pessoal realizadas por mulheres. Por causa disso, Teresa, mulher forte e de coragem, teve que enfrentar a Inquisição, por acusações de alumbradismo ou iluminismo. Mas não se curvou ou se escondeu, enfrentou. E assim nada pesou contra ela neste processo.

A característica dos escritos teresianos é apresentar-se como testemunho de vida, uma experiência pessoal oferecida como síntese doutrinal e plena convicção que é a verdade de sua vida. O leitor encontra nos escritos teresianos uma voz amiga que fala dos segredos de sua vida. Este leitor é amigo e confidente. Muitas pessoas encontram na obra teresiana uma fonte, um modelo e um guia seguro em sua vida espiritual e de oração. Sabendo da importância da oração pessoal e quanto ela absorvia a eficácia em sua vida, Teresa resolve ensiná-la a todos. Essa experiência de oração lhe mostrava a importância de uma transformação a partir de dentro.

Teresa é tão perspicaz, que percebe que os ritos e as regras devem realmente estar a serviço de uma espiritualidade de liberdade e amor. E não o contrário.

Ela defende os seus pontos de vista de forma elegante, com linguagem própria, forte, sincera, clara e, principalmente, com ardor. Ela experimentou a liberdade interior que se constrói através da oração e ação. Não podemos ter medo. Ela nos mostra um castelo interior, onde todos devemos entrar, sem medo, mas com coragem.

Teresa quis que suas irmãs do convento acreditassem verdadeiramente que não eram ocas por dentro, que eram habitadas por Deus. Vai conduzindo as irmãs a fazerem a experiência dessa verdade até que Deus fique formado em suas entranhas. Para que isso acontecesse, elas deveriam estar dispostas a entrar em si mesmas, adentrar nos seus castelos interiores, mostrando com carinho e humildade que o objetivo da oração é entrar no nosso ponto central, que é transcendência,

superação, um ir além, um passar adiante. É um caminho dinâmico que implica um conhecimento pessoal e de Deus em Jesus Cristo. É um processo de transformação.

Para Teresa, chegar a este ponto no centro de nosso ser é ver a luz que brilha dentro de nós, em nossos corações. Essa é a luz de Deus, a luz que esclarece e ilumina nosso ser inteiro por toda eternidade. Somos feitos para a união com Deus, para a perfeição que vem de nos sabermos conhecidos, de nos descobrirmos no amor. Cada um de nós é convidado a descobrir, por experiência própria, que Deus é amor. E é esse amor que nos leva a Deus e aos irmãos. Esta é a grande maravilha da oração que tem sentido para Deus, é estarmos em harmonia com Ele, unidos, isto sim leva o homem à plenitude. E Teresa mostrou isso.

Teresa mostra que a união com Deus nos leva à consciência também de nossas obras cotidianas, pois para ela, Deus não está longe e, sim, presente, no espaço culturalmente dedicado às mulheres. Podemos encontrar Deus entre as panelas. Isto é dizer que ação e contemplação caminham juntas. A mesma realidade se coloca quando ela fala de Marta e Maria e para se chegar a este encontro, a esta união com Deus, somente pela ação e contemplação, pela ação e oração. É colocar em prática o mandamento de Jesus, é o agir evangélico em relação ao outro, começando pela humildade.

Percebemos nesta pesquisa que Teresa nos conduz à liberdade. Vimos o que significa a salvação, por intermédio de Jesus Cristo. Deus é a palavra que ilumina o homem. Para Teresa, Deus está por trás de qualquer projeto de vida. Teresa conhece Deus pelo que Ele fez nela. Deus se dá a todos sem distinção. Esta visão de Deus na vida espiritual é considerada como resposta. Deus vem à pessoa e nesta acolhida se dá a relação de amizade, pois não há acolhida de Deus senão dando-se a si mesmo. Assim temos o conceito de “morada”, que Teresa explica como a acolhida de Deus e oferecimento de si em vários níveis, cada vez mais íntimos. Percebemos, então, que as relações interpessoais crescem na interioridade.

O Deus de Teresa é presença ativa de salvação. Deus atuando sempre em favor do homem e da mulher, e à frente desse homem e dessa mulher. Homens e mulheres precisam da ação realizadora de Deus. Estamos diante de um Deus que se revela, se comunica e, sem merecimento, dá a graça. A maior graça de Deus é o próprio Jesus Cristo, que rompe e inaugura o Reino de Deus. O homem não

merece o seu lugar no Reino de Deus, mas Ele lhe dá por mera gratuidade ou bondade e sem a sua ajuda não poderíamos alcançá-lo.

Vimos também a relação intrínseca entre mística e profecia. Na vida e doutrina de Teresa é impossível separar contemplação e missão. Elas se exigem e se completam. A missão de Teresa, como vimos, é ousada, audaz e profética. A inseparabilidade entre oração e ação é um desafio para o nosso tempo, marcado pela eficácia e pelo individualismo. A verdadeira oração é transformadora, pois é necessária a humildade diante do mundo, das pessoas, dos próprios limites e da alteridade de Deus. Assim, se redescobre o valor do silêncio, da solidão, da pobreza e do esvaziamento. A oração estabelece uma amizade gratuita com Jesus. Por isso, começa-se pela entrada motivada pelo “amar muito” mais do que “pensar muito”. A oração é o caminho que nos leva a nos tornarmos totalmente presentes para Deus, fazendo-nos compreender a plenitude da vida.

A proposta deste trabalho foi mostrar a consciência feminina e feminista desta mulher, Teresa de Jesus, e sua grandeza excepcional em gerar um movimento de expansão da liberdade interior. Percebemos que estar no seguimento de Jesus é para todos e que fazer parte é estar incluído no plano de Cristo. Jesus precisou da subjetividade feminina na Encarnação e para levar o anúncio da Ressurreição.

A Igreja precisou da mulher de várias maneiras. Teresa de Jesus foi a mulher que Cristo quis que levasse a sua espiritualidade da oração, amizade, liberdade e amor a todos. Ele precisou de Teresa e ela se completou nele.

O caminhar da Igreja vê no Papa Francisco uma fonte de revitalização e fortaleza. Em relação às mulheres, ele as convida a levar o anúncio da Boa Nova a todos, utilizando sua subjetividade característica.

A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com sua sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. (...). Vejo, com prazer como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, família ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica.³⁷⁸

³⁷⁸ EG 103.

Teresa tem a percepção da desvalorização da mulher, do ter que silenciar-se, do desprezo que sofre e que gera conflito. Mas, mesmo assim, “realiza uma defesa teológica da mulher, baseada na práxis de Jesus”³⁷⁹. Só podemos dizer que Teresa de Jesus foi uma “mulher feminista e libertadora, que soube deslocar as relações de poder em direção a um maior reconhecimento e reciprocidade entre homens e mulheres. A espiritualidade hoje pode se espelhar na audácia desta Doutora da Igreja”.³⁸⁰

³⁷⁹ PEDROSA-PÁDUA, L.; CAMPOS, M. B. *Santa Teresa*, p.121.

³⁸⁰ *Ibidem*, p.122.

7

Referências bibliográficas

ALVAREZ, T. **Comentários a Vida, Camino y Moradas de Santa Teresa**. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

_____. **Comentarios al Castillo Interior**. In: **Obras Completas de Santa Teresa**. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

_____. **Dicionário de Santa Teresa de Jesus**. Burgos: Monte Carmelo, 2002.

ANDUEZA, M. **Agua y luz en Santa Teresa**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985.

ARRUDA, L. **Mulheres na vida de Jesus**. A história das primeiras discípulas. São Paulo: Paulus, 2011.

AUCLAIR, M. **Teresa de Ávila**. São Paulo: Quadrante, 1995.

AVELAR, M. C. C. **Experiência Mística e Comunicação Teológica**. Estudo sobre o estilo pedagógico da Teologia de Teresa de Jesus, na “Vida”, no “Caminho” e no “Castelo Interior”. Rio de Janeiro, 1998. Tese de doutorado. Faculdade de Teologia, PUC-Rio.

BARRIENTOS, A. (org.) **Introducción a la lectura de Santa Teresa**. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978.

BERNARDINO, P. P. **Itinerário espiritual de Santa Teresa de Ávila**. Mestra de oração e Doutora da Igreja. 7.ed. São Paulo: Paulus, 2013.

BINGEMER, M. C. L. **O segredo feminino do Mistério**. Ensaios de Teologia na ótica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **O lugar da mulher**. São Paulo: Loyola, 1990.

BOFF, L. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminismo. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOSELI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014.

BOSSUET. **Panegíricos**. Rio de Janeiro: Castela Editorial, 2013.

BRITO, J. G. D. **Santa Teresa de Jesus**. Experiência orante de uma vida determinada. Porto, 2014. Tese de mestrado. Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15166/1/DISSERTAÇÃO%20FINAL%20-%20Santa%20Teresa%20de%20Jesus.%20Experiência%20orante%20de%20uma%20vida%20determinada..pdf> Acesso em: dez 2016.

CARRARA, P. S. Oração: itinerário mistagógico segundo santa Teresa de Ávila. **Horizonte Teológico**, Belo Horizonte, v.12, n.23, p.39-61, jan/jun 2013. Disponível em: <<https://delaruecaalapluma.files.wordpress.com/2013/11/sergio-oracion.pdf>>. Acesso em: jul 2015.

_____. **A experiência cristã de Deus como respostada ao mal-estar religioso**

da pós-modernidade com especial referencial à Doutrina da oração de Santa Teresa de Ávila. Roma, 2003. Dissertação de mestrado. Teologia – Pontifício Instituto di Spiritualità Teresianum.

CASTRO, S. **Ser cristiano segun Santa Teresa.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1981.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1998.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

CIURANA, M. Mistica y místicos, vigência y actualidad. **Revista Iglesia Viva - Teresa, Mujer y mística para el siglo XXI**, Valencia, n.263 Extra, p.15-21, 2015.

DEL BLANCO, M. M. **Mujer de ayer para hombre de hoy.** Bilbao: Mensajero, 1975.

DEL BURGO, L. El proyecto de vida religiosa de Teresa de Jesus. Hombre y mundo em Santa Teresa. **Revista de Espiritualidad**, Madrid, fasc. 161, p.475-77, 1981.

DIAZ-OTAZU, A.M.L. **Experiencia de fe em Teresa de Jesus.** Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 1981.

DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente.** Do renascimento à Idade Moderna. V.III. Lisboa: Afrontamento, 1994.

EGIDO, T. Ambiente histórico. In: BARRIENTOS, A. (ed.). **Introduccion a la lectura de Santa Teresa.** Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1978.

_____. Santa Teresa y su circunstância histórica. In: VV.AA. **Teresa de Jesus.** Mujer, Cristiana, Maestra. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1982.

FABRIS, R.; GOZZINI, V. **A mulher na Igreja primitiva.** São Paulo: Paulinas, 1986.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** Vaticano, 2013.

FREI BETTO. Teresa, um caso de amor. **Jornal O Globo Online**, 12 mar 2015, Sociedade-Religião. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/religiao/teresa-um-caso-de-amor-15569955>>. Acesso em: 12 mar 2015.

GARCIA-LUENGOS, G. V. La dimensión literária de Santa Teresa. In: VV.AA. **Teresa de Jesus.** Mujer, Cristiana, Maestra. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1982.

GARCIA RUBIO, A. **Elementos de Antropologia Teológica.** Salvação cristã: salvos de quê e para quê? Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O humano integrado:** abordagens de antropologia teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Unidade na pluralidade.** O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

_____.; AMADO, J. P. (orgs.) **Fé cristã e pensamentos evolucionistas.** São Paulo: Paulinas, 2012.

- GESCHÉ, A. **Deus**. Deus para pensar. São Paulo: Paulinas, 2004.
- GOLLARTE, P. Santa Teresa D'Ávila, a mulher que antecipou os tempos. **Revista Grande Sinal**, Petrópolis, n.8, outubro,1982. Ed. Vozes.
- GUTIERREZ, G. **Beber do próprio poço**. São Paulo: Loyola, 2000.
- HARRINGTON, D. J.; KEENAN, J. F. **Jesus e a ética da virtude**. São Paulo: Loyola, 2006.
- HERRAIZ, G. M. **Oração, história de amizade**. São Paulo: Loyola, 2001.
- HILBERATH, B. J. Doutrina da Graça. In: SCHNEIDER, T. (org.) **Manual de Dogmática**. V.II. Petrópolis: Vozes, 2012, p.13–49.
- JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem***. Vaticano, 1988.
- JOHNSON, A. E. **Aquela que é**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- JUNGES, M.; COSTA, A. A liberdade da experiência no encontro com Deus – Entrevista com Lúcia Pedrosa-Pádua. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, n.460, 16 dez 2014. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5800&secao=460>. Acesso em: mar. 2016.
- _____. O legado de Teresa e Merton, Por uma conexão entre amor humano e o espiritual – Entrevista com Faustino Teixeira. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, n.460, 16 dez 2014. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5800&secao=460>. Acesso em: mar 2016.
- KASPER, W. **A Igreja Católica**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- LE GOFF, J. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIBANIO, J. B. **Teologia da Revelação a partir da modernidade**. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- LIMA, L. C. Teologia do mercado: uma visão da economia mundial no tempo em que os economistas eram teólogos. **Perspectiva Teológica**, Bauru –Edusc, n.34, 2002.
- MAIN, J. **O momento de Cristo: a trilha da meditação**. São Paulo, Paulus, 1992.
- MAREGA, M. **Mulheres ousadas para além do seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MARTINA, G. **História da Igreja**. De Lutero a nossos dias. I - O período da Reforma. 5.ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- MARTINEZ, L. R. Rasgos autobiográficos. In: VV.AA. **Teresa de Jesus**. Mujer, Cristiana, Maestra. Madrid: Editorial de Espiritualidad, 1982.
- MILLER, R. F. **Os santos que abalaram o mundo**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- MIRANDA, M. F. **A salvação de Jesus Cristo**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MOLTMAN, J. **O espírito da vida**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAGOLA, J. A. **Jesus, aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PAULO VI. **Santa Missa de Proclamação de Santa Teresa de Ávila como Doutora da Igreja**: Homilia. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html>. Acesso em: out 2016.

PEDROSA-PÁDUA, L. **Santa Teresa de Jesus**. Mística e Humanização. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. Evolucionismo e espiritualidade: contribuições da mística para uma revisão da imagem de Deus”. In: GARCIA RUBIO, A.; AMADO, J. P. (orgs.) **Fé cristã e pensamento evolucionista**. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Místicos, sabios y profetas: claves de Santa Teresa para actualidad de la institución teresiana. In: AZARUSTRE, M. C. - PAZOS, P. (orgs.) **Mirad que convida el Señor a todos**. Jornadas Internacionales em el V centenario del nacimiento de Teresa de Jesus. Madrid: Narcea, 2015.

_____. Mística e profecia na espiritualidade cristã. O testemunho de Santa Teresa de Jesus. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.10, n.27, p.757-78, jul/set 2012.

_____. Liberdade e amor: o caminho místico de Santa Teresa. **Jornadas. Diálogos**: Literatura, Estetica y Teologia. La libertad del Espiritu, V, p.17-9, set 2013, Buenos Aires. UCA Facultad de Filosofia y Letras – Biblioteca Digital Unisersidad Católica Argentina. p.1. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/liberdade-amor-caminho-mistico.pdf>>. Acesso em: fev 2016.

_____. Teresa de Ávila: testemunha do mistério de Deus. **Perspectiva Teológica**, Rio de Janeiro, n.35, p. 155-9, 2003.

_____.; CAMPOS, M. B. (orgs) **Santa Teresa**. Mística para o nosso tempo. São Paulo/Rio: Reflexão/PUC, 2011.

PEÑA, G. A. **História da Igreja**. Vinte séculos caminhando em comunidade. São Paulo: Ave Maria, 2014.

PEREIRA, J. C. S. **Pensamentos de Santa Teresa**. Prefácio. Alfradige: Publicações Dom Quixote, 2015.

PERSCH, C. Quem foi e quem é Santa Teresa de Ávila? **Grande Sinal**, Revista de Espiritualidade, Petrópolis, n.8, out 1982. Ed. Vozes.

PIERINI, F. **A idade média**. Curso de História da Igreja II. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

PIERRO, R. Os direitos humanos da mulher na Igreja Católica. **Grande Sinal**, Revista de Espiritualidade, Petrópolis, n.8, 1982. Ed. Vozes.

RAHNER, K. **Curso Fundamental da fé**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **O cristão do futuro**. São Paulo: Novo Século, 2004.

REYNAUD, E. **Teresa de Ávila ou divino prazer**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RODRIGUES, A. E.; FALCON, F. C. **Tempos modernos**: ensaios de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROLDAN, J. M. **História de Espanha**. Madrid: Edelsa, 1989.

ROPS, D. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. II. A reforma católica. São Paulo: Quadrante, 2014.

ROSSI, R. **Teresa de Ávila**: biografia de uma escritora. Barcelona: Icaria Editorial, 1998.

SANTOS, L. L. **A madre fundadora e os livros**: santidade e cultura no “siglo de oro” Espanhol. Porto Alegre, 2012. Tese de doutorado. Faculdade de História, UFRS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/69787>>. Acesso em: ago 2015.

SBARDELOTTO, M. Mãe da psicologia? Subjetividade, liberdade e autonomia em Teresa de Jesus – Entrevista especial com Lúcia Pedrosa Pádua. **Revista IHU Online**, São Leopoldo, 8 jan 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/eventos/159-entrevistas/505364-em-edicao-mae-da-psicologia-subjetividade-liberdade-e-autonomia-em-teresa-de-jesus-entrevista-especial-com-lucia-pedrosa>>. Acesso em: 12 mar 2015.

SCHIMIDT, A. S. **Pequena enciclopédia bíblica de temas femininos**. São Paulo: Arte editorial, 2007.

SCHNEIDER, T. **Manual de Dogmática**. V.II. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHOTTROFF, L. **Exegese feminista**: resultados de pesquisas bíblicas a partir das perspectivas. São Leopoldo: Sinodal/Asta, 2008.

SCIADINI, P. **Santa Teresa de Jesus**. Livro das Moradas. Leitura orante e pastoral. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. **Teresa de Ávila**. É tempo de caminhar. São Paulo: Loyola, 2015.

_____.; MENEZES, A. G. B. **As moradas do Castelo Interior**. Fortaleza: Shalom, 2010.

SESÉ, B. **Teresa de Ávila**. Mística e andarilha de Deus. São Paulo: Paulinas, 2013.

SEVERO, J. T. P. **Desenvolvimento humano e espiritual em Teresa de Ávila**. Interfaces entre mística, psicologia e o Castelo Interior. Rio de Janeiro, 2013. Tese de doutorado. Faculdade de Teologia, PUC-Rio. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23925/23925.PDF>>. Acesso em jul 2015.

SOLANA, L. **Pensamentos de Santa Teresa de Jesus**. Alfradige: Publicações Dom Quixote, 2015.

STEIN, E. **A mulher**: sua missão segundo a natureza e a graça. São Paulo: Edusc, 1999.

STRAUSZ, R. A. **Teresa de Ávila**: a santa apaixonada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TAMEZ, E. **As mulheres no movimento de Jesus**. O Cristo. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

TERESA DE JESUS. **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo: Paulinas, 1981.

_____. **Livro da Vida**. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Caminho de Perfeição**. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. **Obras Completas**. Revisada e anotada por Frei Tomás de La Cruz. Coordenação Frei Patrício Sciadini. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ZAGHENI, G. **A idade moderna**. Curso de História da Igreja III. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ZUREK, J. Mística em una sociedade fragmentada. In: FERMÍN, F. J. S.; LONDOÑO, R. H. C. **El Libro de la vida de Santa Teresa de Jesus**. Actas del I Congreso Internacional Teresiano. Burgos: Monte Carmelo, 2011.